

COMO CHEGAR LA?

A Igreja N. S. do Bom Fim fica localizada no Parque das Nações em Santo André, (r. do Oratório, nº 458) (fone: 446-2269)

PARA QUEM VEM DE TREN.

Descer na Estação de Santo André e tomar o onibus do lado do Jumbo. Estes onibus passam em frente à Igreja.

Viação Santa Rita
Viação São Camilo (depois do viaduto)

PESSOAL DE SÃO BERNARDO, DIADENA, SÃO CAETANO, devem ir até a estação de Santo André, e de lá tomar um dos onibus acima relacionados que passam em frente à Igreja.

A rua do Oratório começa na avenida dos Estados bem próxima à estação de Santo André do lado do Jumbo.

ENCONTRO DA PASTORAL OPERARIA DO A. B. C.



Compahheiro!
você não pode faltar
a esse encontro.

OBJETIVO:

Construir uma Pastoral Operária a serviço da classe trabalhadora e de Jesus Cristo

DIA: 09 de NOVEMBRO de 1980 (domingo)
das 08:30 hs às 17:00 hs

LOCAL: Igreja N. S. do Bom Fim (Santo André)

PROGRAMA DO DIA

- 08:30 - Apresentação dos participantes
- 08:45 - VER - Alguns fatos e problemas operários do ABC em 1980.
- 09:15 - JULGAR - O interesse dos trabalhadores, padres e irmãs nesses problemas.
Ver experiências positivas e dificuldades.
Em grupos.
- 10:45 - Café
- 11:00 - Agir - Como interessar os trabalhadores, padres e irmãs nesses problemas.
Em plenário.

12:30 - Almoço

13:30 - Lazer e cantos

14:00 - Circulos - Como começar os grupos de Pastoral Operária?

15:00 - Celebração

16:00 - Plenário - Como começar um novo grupo?

17:00 - Encerramento

OBS: Trazer lanche para o almoço comunitario

A PRESEÇA DA
MULHER É FUNDAMENTAL

Converse com sua esposa, e traga seus filhos

“Participe da
Semana do
Trabalhador na
sua Região.”



PASTORAL OPERÁRIA
ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO

1982

10
O FILHO DO



CARPINTEIRO

Semana do Trabalhador - S. Paulo 1982.

MENSAGEM DE DOM ANGÉLICO

O FILHO DO CARPINTEIRO

Com alegria, apresento a nossos grupos de rua este livrinho com roteiros para reuniões, feito por nossa Coordenação Arquidiocesana de Pastoral Operária.

Quando Deus quis libertar o mundo, Ele se fez presente, em Seu Filho Jesus, uma criança humilde, nascida entre animais, lá em Belém. Podemos dizer que as grandes coisas começam no pequeno. Grandes rios têm origem em filete de água, lá no alto da montanha. As imensas praias são feitas de pequeninos grãos de areia.

Assim é a vida! As grandes realizações do mundo moderno são feitas por humildes e valentes trabalhadores. Das mãos dos trabalhadores saem os grandes prédios, as estradas, as máquinas. É a mão escondida e humilde do trabalhador que atira a semente no solo...

A vida de Jesus também foi assim, escondida. Foi criado em simples casa, sendo José o chefe do lar. Um pobre carpinteiro. Desta casa brilha a luz que nos guia pelos caminhos da vida.

Dos ensinamentos do Filho deste Carpinteiro, recebemos força e coragem, para, unidos, hoje, caminharmos na construção de um mundo novo, sem fome, sem desempregos, feito de justiça e de fraternidade. Isto irá acontecendo na medida em que conseguirmos colocar em prática o grande mandamento do Filho do Carpinteiro - Jesus de Nazaré:

"Amem-se uns aos outros",
isto é, caminhem unidos e organizados pois, aí está a grande força dos pobres, dos trabalhadores.

+ Dom Angélico

Bispo responsável pela
Pastoral do Mundo do Trabalho

Arquidiocese de São Paulo

SEMANA DO TRABALHADOR 1982

SAO JOSE, TRABALHADOR

1. ACOLHIDA

REZADOR: A Semana do Trabalhador se aproxima; o 1º de maio é o dia do Trabalhador. Rezemos ao São José, carpinteiro, para nos dar força e clareza nas nossas vidas de trabalho.

TODOS: cantam ou rezam

São José a vós nosso amor
São Jose, o trabalhador
Seja nosso bom protetor.

ANIMADOR: O nosso bispo responsável pela Pastoral Operária na cidade de São Paulo, o Dom Angélico está presente no meio de nós na mensagem que agora vamos ler. Está no início do nosso livrinho. VAMOS LER COM ATENÇÃO!

LEITOR 1: Agora vamos contar a vida de São José:
Homem "santo", honesto, trabalhador
Ele e Maria criaram Jesus, nosso Salvador.

TODOS:

São José a vós nosso amor
São José, o trabalhador
Seja nosso bom protetor.

LEITOR 2: São José era
carpinteiro.
Morava numa vila chamada
Nazaré.

Lá conheceu uma mulher
simples, chamada Maria.
É nessa família que nasce
Jesus
Conhecido como o "filho do
carpinteiro".



2. VAMOS CONVERSAR

ANIMADOR: Por que o filho de Deus nasce numa família trabalhadora?

3. VAMOS REZAR

REZADOR: Sabemos que o nosso Deus gosta de gente simples, de coração aberto. Vamos rezar uma Ave Maria agradecendo a Deus que veio no meio de nós como trabalhador.

TODOS: Ave Maria.....

LEITOR 1: Logo que Jesus nasceu

São José teve que fugir dos homens da lei
Eles queriam matar Jesus
Pois tinham medo que ele seria um rei forte.
Como bom pai de família, José levou Maria e Jesus
para o Egito, onde montou uma pequena oficina
para ganhar a vida.

TODOS: *São José a vós nosso amor
São José, o trabalhador
Seja nosso bom protetor.*

LEITOR 2: Quando o perigo passou, com a morte de Herodes
o rei mau,

José voltou para a sua terra
Morava em casa com os trabalhadores
da época.

Um só comodo, e talvez uma
oficina cavada na rocha.
Alí mesmo José ensinou
Jesus a trabalhar
na profissão de carpinteiro.



TODOS:

*São José a vós nosso amor
São José, o trabalhador
Seja nosso bom protetor.*

LEITOR 1: Como bons judeus, José e Maria
praticavam sua religião
Frequentavam o templo e ensinavam Jesus
a conhecer a Bíblia
louvar ao Pai e praticar a justiça.
Que justiça era essa?

LEITOR 2: Maria falou:
Deus derruba dos seus tronos reis poderosos
e eleva os humildes
Dá fartura aos que tem fome
e manda os ricos embora
com as mãos vazias.

TODOS:

*São José a vós nosso amor
São José, o trabalhador
Seja nosso bom protetor.*



4. VAMOS CONVERSAR

ANIMADOR: O que o trabalhador de
hoje pode aprender destes
ensinamentos?

5. VAMOS REZAR

REZADOR: Rezemos uma Ave Maria a
Nossa Senhora que nos ensinou
a lutar pela justiça.

LEITOR 1: A vida do povo trabalhador daquela época era sofrida: pois vivia mandado pelos reis estrangeiros. Mesmo que José trabalhava por conta Ele e todos os trabalhadores e agricultores tinham que pagar impostos pesados Assim os reis e seus governadores viviam às custas do povo.

6. VAMOS OLHAR E COMPARAR OS 2 DESENHOS:



7. VAMOS CONVERSAR

ANIMADOR: Olhando o desenho, vemos José e Jesus sofrendo opressão. Como?



ANIMADOR: Como o trabalhador sofre opressão hoje em dia?

8. TAREFA

ANIMADOR: A Semana do Trabalhador está aqui. Como vamos participar na nossa comunidade, no nosso setor, na região, nas manifestações dos trabalhadores da cidade?

Como podemos ajudar na comemoração da Semana do Trabalhador na nossa comunidade?

9. VAMOS REZAR

REZADOR: José, que era homem justo

TODOS: *Ensina-nos a ser justos.*

REZADOR: Maria, que enxergou a injustiça do seu tempo

TODOS: *Ensina-nos a enxergar as injustiças do nosso tempo.*

REZADOR: Jesus, que aprendeu a lutar contra as injustiças

TODOS: *Ensina-nos a lutar contra as injustiças de hoje.*

PAT NOSSO

CANTO: (a escolha)

2º ENCONTRO:

JESUS, FILHO DO CARPINTEIRO

1. ACOLHIDA

REZADOR: Jesus, filho do carpinteiro, nos leva a celebrar o dia 1º de maio, o Dia do Trabalhador. Vamos comemorar as preocupações, as alegrias e as lutas dos trabalhadores.

TODOS: Em tuas mãos, Senhor, colocamos nossas vidas.
Com tua graça seremos unidos e fortes
Ao teu lado nossa luta se torna santa e
a justiça vencerá a opressão.

CANTO: Eles queriam um grande rei
Que fosse forte e dominador
E por isso não creram nele
E mataram o Salvador.

LEITOR 1: Agora vamos conversar mais sobre a vida de Jesus:
Ao crescer, Jesus começou a pôr em prática
os ensinamentos de José e Maria
Foi ao templo, onde sempre frequentava.
Um dia levantou-se e disse:

LEITOR 2: "O Espírito do Senhor está sobre mim
Ele me escolheu para anunciar as Boas-Notícias aos pobres
e me mandou anunciar a liberdade aos presos,
dar vista aos cegos,
pôr em liberdade os que estão sendo maltratados,
e anunciar o ano em que o Senhor vai salvar o seu povo."

LEITOR 1: Todos estavam elogiando Jesus, admirados com as suas palavras, e diziam: "Não é este o filho de José, o carpinteiro?"



2. VAMOS CONVERSAR

- ANIMADOR: 1. Por que o povo ficou admirado de Jesus?
2. Hoje em dia o pessoal estranha quando alguém se preocupa com os outros?

3. VAMOS REZAR

REZADOR: Vamos rezar uma Ave Maria para todas as pessoas que animam as nossas comunidades: os grupos de rua, a pastoral operária, as mães, direitos humanos, jovens, liturgia, catequese, saúde... pedindo a Deus que dê coragem para que continuem firmes na organização destes grupos.

LEITOR 2: Depois, Jesus começou a andar pelas aldeias, pregando e fazendo curas e se preocupando com os problemas do povo.

LEITOR 1: Certa vez, Jesus estava numa cidade onde havia um homem todo coberto de lepra. Quando viu Jesus, jogou-se no chão diante dele, e pediu:

--Eu sei que se o Senhor quiser, pode me curar.

Jesus estendeu a mão, tocou nele, e disse:

-- Sim, eu quero. Você está curado.

Naquele momento, a lepra desapareceu.



LEITOR 1: A Lei naquela época afastava os leprosos da comunidade

Era muito mais fácil observar a lei e deixar de lado o leproso, do que procurar maneiras para curá-lo.

4. VAMOS CONVERSAR

ANIMADOR: Por que Jesus curou o leproso?

LEITOR 2: Agora podemos refletir um pouco sobre os maiores problemas dos trabalhadores de hoje. Entre muitos, um chama atenção: é o DESEMPREGO.

5. VAMOS CONVERSAR

ANIMADOR: O desemprego é como um grande lepra. O que fazer para curá-lo?



6. TAREFA

Vamos fazer alguma coisa ao lado do desempregado?

Sugestões: Visitas a desempregados, ou

Uma coleta para os desempregados ou

Outras atividades.

Qual dessas sugestões vamos fazer?

7. VAMOS REZAR

REZADOR: Senhor, quando a gente se desemprega, fica como um leproso. Ficamos de lado, sem ânimo, humilhados, perdidos no meio dos problemas de casa.

Hoje o trabalho de animar os companheiros é nosso.

Somos os braços de Jesus aqui na terra.

TODOS: Vamos nos unir, empregados e desempregados, juntos procurando as saídas.

PAI NOSSO.....

ELES QUERIAM UM GRANDE REI

ELES QUERIAM UM GRANDE REI QUE FOSSE FORTE E DOMINADOR
E POR ISSO NAO CRERAM NELE E MATARAM O SALVADOR! (bis)

1. Quantos surdos que escutaram, quantos cegos que enxergaram, quantos coxos que andaram, só eles não enxergaram.
2. Quantas pessoas de má vida se converteram e acreditaram no que viram e ouviram, só eles O rejeitaram.
3. Quantos vinham lhe escutar, eles escreviam pra não esquecer que falava brilhantemente como a luz do amanhecer.
4. Jesus Cristo aceita o homem que se entrega inteiramente / não aquele apegado ao mundo, que hora é frio, outra hora é quente.

2 NAO NOS MOVERAO

NAO, NAO, NAO NOS MOVERAO! (bis)
COMO UMA ARVORE FIRME JUNTO AO RIO, NAO NOS MOVERAO!

1. Unidos nesta luta, não nos moverão (bis)
Como uma árvore firme junto ao rio, não nos moverão!
2. Unidos até a morte, não nos moverão (bis)
Como uma árvore firme junto ao rio, não nos moverão!
3. Unidos na esperança, não nos moverão (bis)
Como uma árvore firme junto ao rio, não nos moverão!
4. Unidos até a Páscoa, não nos moverão (bis)
Como uma árvore firme junto ao rio, não nos moverão!
5. Unidos até a Vitória, não nos moverão (bis)
Como uma árvore firme junto ao rio, não nos moverão!

3 DO LADO DE LA

DO LADO DE LA SÓ QUEM SOBE, DO LADO DE CÁ SÓ QUEM DESCE
DO LADO DE LA SÓ QUEM GOZA, DO LADO DE CÁ QUEM PADECE (bis)

1. Do lado de lá, mesa cheia, na hora da refeição;
do lado de cá está vazia, só canjiquinha e feijão.
do lado de lá sobremesa, doce de coco e mamão
do lado de cá nem palitos para limpar todos vãos.
2. Do lado de lá cientistas com seu diploma na mão,
Do lado de cá analfabetos assinando com o dedão,
do lado de lá as crianças não podem pisar no chão;
do lado de cá elas deitam e rolam no poirão.
3. Do lado de lá dói o dedo vem o doutor, põe a mão;
Do lado de cá quebra o braço, isso não é nada não;
Do lado de lá uma consulta basta mostrar um barão;
Do lado de cá só na fila, parecendo procissão.
4. Do lado de lá porta livre, porque lá correm barões
Do lado de cá todos becos, tem cadeados nos portões.
Do lado de lá fecha a porta, quem abre é um pistoleiro
Do lado de cá só resposta, isso não tem jeito não.

ENTRE NÓS ESTA E NAO O CONHECEMOS
ENTRE NÓS ESTA E NÓS O DESPREZAMOS.

1. Seu nome é Jesus Cristo e tem um ROSTO de INDÍGENA, de AFRO-AMERICANO que sofre em condições tão desumanas vivendo pobre e marginalizado.
Seu nome é Jesus Cristo: o HOMEM DO CAMPO sem terra, sem recurso, sem futuro, em tudo dependente e submetido por um mercado injusto, explorado.
2. Seu nome é Jesus Cristo: é OPERARIO sem voz, nem vez e malremunerado dificultado para organizar-se e sem defesa justa a seu direito
Seu nome é Jesus Cristo: Está vivendo lá no AGLOMERADO SUBURBANO sentindo fome, sede, e mais miséria de cara com a riqueza e com o esbanjo
3. Seu nome é Jesus Cristo: é condenado ao DESEMPREGO ou ao SUBEMPREGO vítima do desenvolvimento do cálculo econômico, esmagado
Seu nome é Jesus Cristo: é um JOVEM sem rumo e formação, desorientado. Sem capacitação, desocupado, frustrado, entregue à droga, viciado.
4. Seu nome é Jesus Cristo: é uma CRIANÇA golpeada pela fome sem piedade, faminta, deturpada, abandonada, sem casa, sem família, sem cidade.
Seu nome é Jesus Cristo: é um VELHO doente, inútil, triste, desprezado, de produzir é incapacitado e pela sociedade rejeitado.
5. Eu tive fome e sede: era mendigo doente, peregrino, maltrapilho, banido, perseguido, aprisionado no meu irmão LATINO-AMERICANO. Você me conheceu? Seja bendito! Bendito todo aquele que me atende. Venha bendito, venha tomar posse O Reino pra você está preparado!...

5 HOSANA HEY

HOSANA HEY! HOSANA HA! HOSANA HEY! HOSANA HEY!
HOSANA HA!

1. Ele é o santo, é o Filho de Maria/
é o Deus de Israel, é o Filho de Davi.
2. Vamos a Ele com as flores dos trigais/
com os ramos de oliveira, com alegria e muita paz.
3. Ele é o Cristo, é o unificador
é hosana nas alturas, é hosana no amor.
4. Ele é a alegria, a razão do meu viver,
é a vida de meus dias, é amparo no sofrer.

Manê: Agora estou entendendo porque a Igreja apoia os trabalhadores e o seu dia de luta. Se somos Igreja, nós também devemos apoiar e participar.

Zê: Estou entendendo melhor porque o governo promove festa no dia de luta dos trabalhadores. É lá ele dá coca-cola, e sanduíche, mas a gente vê que quanto o trabalhador organizado, luta por sindicato livre, melhores condições de vida e melhor salário, ele manda a polícia contra os trabalhadores. Ele quer que o 1º de maio seja um dia de festa para que o trabalhador não possa sentir que unido é forte e lutando consiga os seus direitos.

Animador: Como será o 1º de maio deste ano?
Você já está sabendo o que vai haver?
Onde e como irá participar?
O que a sua comunidade vai fazer no dia 1º de maio?

CANTO:

*Povo que luta cansado da mentira
Cansado de esperar, cansado de sofrer
Povo que luta cansado de sofrer
Proclama a redenção.*

*?? Porque ele é luz, verdade
Justiça, bem, perdão
Paz, esperança, amor
e redenção.*

*Povo que espera por terra onde há fartura
Por paz sem fingimento
Por vida partilhada
Povo que espera por vida partilhada
Proclama a redenção.*

?? REFRAO

PAI NOSSO...

Pastoral Operária
Arquidiocese de São Paulo

REFLEXAO PARA GRUPOS SOBRE O

1º de MAIO

CANTO: A PIRÂMIDE

*Na terra dos homens, pensada em pirâmide,
Hã poucos em cima e muitas na base (bis)
Na terra dos homens pensada em pirâmide,
Os poucos de cima esmagam a base (bis).*

*?? O povo dos pobres, povo dominado
que fazes aí, com ar tão parada?
O mundo dos homens, tem de ser mudado
levanta-te povo, não fiques parado.*

*Na terra dos homens, pensada em pirâmide,
Viver não se pode, pelo menos na base (bis).
O povo dos pobres que vive na base,
Vai fazer cair a velha pirâmide (bis).*

?? REFRAO

*E a terra dos homens, já sem a pirâmide,
Pode organizar-se em fraternidade (bis).
Ninguém é esmagado na nova cidade
Todos dão as mãos em viva unidade (bis).*

ORAÇÃO ESPONTÂNEA...

Animador: Hoje a Pastoral Operária nos propõe de discutirmos em grupo o tema que segue.

TEM GENTE QUE ACHA QUE A IGREJA NÃO TEM NADA A VER COM A LUTA DOS TRABALHADORES E COM O 1º DE MAIO... E GENTE DE COMUNIDADE!

João: Interessante! Os donos de fábrica e o governo também acham isso!

Manê: Eu também concordo com isso.

Animador: E vocês aí da roda, o que acham disso?

TEMPO DE DISCUSSÃO: (Todos podem dar a própria opinião)



Animador: Por falar em trabalhador, o 1º de maio está chegando!

Manê: É dia de festa e de futebol.

Zê: É feriado prá nós todos.

Manê: No ano passado, eu fui no Pacaembu: lá tinha show, sanduiche, e coca-cola. Tudo de graça!

* Pedraão: É, mas enquanto isso, no ABC os operários estavam numa greve já de um mês. Nós fomos lá na comemoração. Vencemos a pressão da polícia. Só que lá não teve nem sanduiche e nem coca-cola!

Animador: Mas por que essa comemoração festiva no Pacaembu?

Pedraão: O que é que o governo ganha, se prá uns ele dá coca-cola e sanduiche e prá outros ele desce o porrete? Por que faz propaganda para dividir os trabalhadores?

TEMPO DE DISCUSSÃO.....

Animador: Continuando o nosso papo, por que é o dia do trabalhador no dia 1º de maio?

Em 1886, os trabalhadores de Chicago, reuniram-se para reivindicar os seus direitos -- reduzir para 8 horas o dia de trabalho, proteção ao trabalho da mulher e dos menores, e por melhores condições de vida. Os patrões não atenderam e mandaram a polícia fortemente armada para dispersar o movimento. Prenderam os dirigentes e alguns foram condenados à morte. Mas a luta continuou e os trabalhadores conquistaram o que reivindicaram.

Zefa: Mas ainda não entendi bem porque a igreja apoia a comemoração do 1º de maio!

Ana: A igreja descobriu que precisa seguir mais Jesus Cristo. Ele apoiou os pobres e trabalhadores da época.

Animador: Vamos ver o que nosso Bispo Dom Angélico nos diz a respeito disso:

"Noossa preocupação é a preocupação de Deus: 'Vi a opressão de meu povo..e desci..' (Ex.3 7-12). É dentro desta situação de opressão que a Igreja deve se colocar: ela existe para libertar o povo. A Igreja tem sua contribuição nessa libertação. Não é a única a querer libertar, mas sua contribuição é própria. Têm cara de igreja. Parte de uma motivação forte que só ela tem: quer libertar os homens porque acredita que Deus é o pai dos homens, somos irmãos e devemos nos amar. E devemos nos amar de modo organizado." (D.Angelico 9/3/80)

Ana: E tem mais: O representante de Jesus é o papa e ele falou o seguinte:

"Por isso mesmo é muito importante que todos os protagonistas da vida econômica tenham a possibilidade efetiva de participar livre e ativamente da elaboração e controle das decisões que lhe dizem respeito, em todos os níveis."
(trecho do discurso do Papa no Morumbi)

METALÚRGICOS
de Santo André, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.

QUEM
DEVE
DIRIGIR O
NOSSO SINDICATO?

CHAPA 1, 2, 3, 4,?

SAIBA O QUE PRETENDE CADA UMA DAS
CHAPAS, COMPARECENDO AOS DEBATES QUE ESTÃO
PROGRAMADOS PARA A SUA REGIÃO.

EM SANTO ANDRÉ: DIA 18/9 ÀS 19:30 HS.
LOCAL: IGREJA DO BONFIM

METALÚRGICO:

Nos dias 6, 7, 8, 9 e 10 de outubro haverá eleições no nosso Sindicato.

Depois de 1 ano e meio de intervenção do governo, chegou a hora de retomarmos o Sindicato novamente nas nossas mãos.

Quatro chapas disputam a preferência dos metalúrgicos.

Provavelmente você já recebeu boletins de propaganda dessas chapas.

Venha conhecer melhor as propostas desses companheiros e debater / com eles, os caminhos que deve seguir nosso Sindicato para resolver os graves problemas que atingem os trabalhadores.

Participando desses debates você terá oportunidade de escolher conscientemente quem são os companheiros em melhores condições de dirigir o Sindicato nos próximos 3 anos.

Venha e traga seus companheiros de bairro e de fábrica.

Fundo de Greve dos Metalúrgicos de S. André

Pastoral Operária do A.B.C.

Ação Católica Operária

- H - Celebrar o 1º de Maio é re-fazer a história de lutas da Classe Operária. De lutas, derrotas e mortes. Foi assim há 102 anos, em Chicago, quando vários trabalhadores foram assassinados ou enforcados, porque exigiam redução da jornada e melhores condições de trabalho.
- M - E também uma história de conquistas significativas. Não apenas conquistas de melhorias de vida. Conquistas também de poder. Poder de organização, de decisão sobre a produção, onde as necessidades básicas do povo estão em primeiro lugar. Em vários países já se constrói um mundo diferente onde o explorador perde lugar, abrindo espaço para a Solidariedade, a Igualdade e a Justiça.
- H - No Brasil não tem sido diferente. Jamais poderemos esquecer o extermínio das nações indígenas, o recente massacre dos garimpeiros, o assassinato de centenas de trabalhadores rurais, as mortes dos bóias-frias, ou aquelas por acidentes de trabalho. Mas as lutas levam a conquistas: assim conseguimos a redução da jornada de trabalho, o 13º salário, vários momentos de conquistas salariais importantes, a formação das Comissões de Fábricas e das Centrais Sindicais.
- M - No entanto a burguesia, exploradora, cada vez mais faminta de riqueza e poder, vem esmagando nossas lutas, roubando nossas conquistas. A cada avanço histórico dos trabalhadores, corresponde novas formas de repressão e opressão. É o poder das armas contra os que trabalham e produzem, favorecendo os que roubam, exploram e corrompem. O poder da comunicação social corrompe a mente de milhões vendendo sonhos, ilusões e pagando com o empobrecimento, miséria e a frustração.
- H - O desgoverno da "Nova República" - tão velha quanto a outra - frustra os anseios do povo trabalhador, prometendo-lhe algumas migalhas constituintes. Se não resolve os grandes problemas econômicos do país, pelo menos recheia, ainda mais, os enormes cofres dos ricos, e lhes garante a continuidade legal da exploração capitalista. A Constituição que nos será imposta permitirá o contínuo arrocho salarial e o crescimento do desemprego e sub-emprego.
- M - 100 anos de lei "áurea"! É a escravidão do trabalho contínuo, sempre com nova cara: são milhões e milhões de negros, mestiços, índios, brancos e outras raças, submetidos às mais du

ras condições de trabalho: na lavoura e nas minas, na indústria e no comércio, nos bancos e escritórios; produzindo e acumulando riqueza para um pequeno grupo - cada vez menor - de sangue-sugas, famintos e sanguinários que retribuem com alguns cruzados arrochados do nosso mísero salário.

- H - Celebramos uma história centenária de lutas, de resistências, inspirados pela caminhada na is recente das lutas camponesas e operárias. Nesta celebração buscamos inspiração e forças iluminados pela história mais antiga do Povo de Deus que, a partir de Abraão, ousou sonhar e projetar a construção de uma sociedade nova, igualitária, fraterna; que ousou sonhar e projetar a conquista de uma terra livre, sem exploradores, capaz de produzir riquezas para a vida; ou ainda a consciência de um povo que descobriu há milênios ser impossível haver har monia entre dominados e dominadores.
- M - Celebramos a mensagem de Jesus mostrando os pequenos, escolhidos pelo Pai, como construtores do Reino e do mundo justo; Mensagem testemunhada pela sua própria vida, pelo seu sangue, mas, principalmente pela sua Ressurreição, anunciando a vitória final do amor sobre o pecado, da justiça sobre a opressão.
- H - Queremos celebrar também as lutas presentes e futuras : contra a política econômica de um governo que arrocha salários e eleva artificialmente os preços; contra os acordos com o FMI e o pagamento da Dívida Externa - uma espoliação do nosso povo - as lutas pela liberdade de organização sindical; para acabar com as divisões dentro da classe e construir a unidade po lítica dos trabalhadores.
- H - É urgente assumir a tarefa de, enquanto Igreja, desenvolver as pastorais prioritárias que lidam com a VIDA do Trabalhador. Ajudar o povo cristão, nas CEB's a descobrir, em profundi dade, as causas fundamentais dos problemas que nos sufocam e, organizados e iluminados pela Palavra de Deus, assumir esta árdua caminhada para extirpar a pobreza e a miséria de nos so meio. É preciso participar da elaboração de um projeto da Nova Sociedade, Alternativa , abolindo definitivamente toda e qualquer espécie de Escravidão, construindo, assim, o Reino da Graça.

1º de NOVEMBRO - 15 H. - IGREJA DA CONSOLAÇÃO

CAMINHADA EM MEMORIA DO LIDER OPERARIO

++++
SANTO DIAS
++++



HOJE É SEU DIA, SANTO. SEU E DE TODOS OS META
LÚRGICOS QUE LUTAM E ATÉ MORREM PELO DIREITO
DE VIVER. HOJE É SEU DIA, SANTO DIAS. VOCÊ
ESTÁ NA CABEÇA DE CADA TRABALHADOR, DANDO FOR
ÇA PRAS NOSSAS REIVINDICAÇÕES DIGNAS E JUSTAS.

OPERARIO SANTO, MORTO NA GREVE

No dia 30 de outubro de 79 caiu morto morto o ope
rário Santo Dias, assassinado pela policia mili
tar em frente da fábrica Sylvania. Santo foi cam
ponês, veio para a cidade e se tornou operário.
Trabalhou e lutou com seus companheiros até o dia
da sua morte. Hoje, a policia militar tenta cul
par os proprios operários por esse crime, e tor
nar inocente o policial assassino.

OUTROS TAMBEM TOMBARAM

O povo brasileiro sempre lutou pelos seus direi
tos. Muitos líderes operarios, camponeses, indios
foram perseguidos e mortos pelo governo militar a
serviço dos patrões. Só no governo Figueiredo, fo
ram assassinados: Angelo Kretã (indio); Gringo
(camponês); Dona Lida (secretaria) e muitos mais

A LUTA CONTINUA

Apesar de todas essas mortes, a luta não termina.
Ela fica mais forte. Estão enganados os que pen
sam que nos derrotaram. Condenados à fome, os ope
rários fazem greve. Silenciados pela repressão,
os operarios ganham mais força para continuar a
luta. Perseguidos, os operarios se enchem de co-
ragem. Traídos pelos pelegos, os operarios criam
seus proprios líderes. Assassinados, eles se mul
tiplicam numa multidão solidária e combativa. Um
operario que tomba faz nascer mil outros comprome
tidos com a mesma luta.

PELA MEMORIA DE SANTO *** PELA VITORIA OPERARIA

TOPOS À CAMINHADA NO DIA 1º DE NOVEMBRO DE 80, ÀS
15 HORAS, NA IGREJA DA CONSOLAÇÃO _____

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Caro Leitor

Estamos lançando hoje o jornalzinho "PASTOR" do ABC. Com isso temos a intenção de buscar um ponto-comum para a reflexão e pistas de ação para os diversos grupos cristãos que se reúnem no ABC. Este jornal vai tentar, a partir de hoje, abordar do ponto de vista cristão os diversos problemas e acontecimentos em que vive a nossa classe operária. A idéia de seu lançamento surgiu quando um grupo de pessoas se reuniu para fazer um levantamento da situação em que se encontra a maioria dos operários de nossa região. Trata-se, portanto de um jornal da região do ABC.

E para ser da região ele teria que abordar fatos e aspectos da região. A nossa Comunidade cristã do ABC para ser realmente nossa teria que ser encarnada dentro do que é tipicamente nosso. E para isso estamos

vivendo por dentro da situação, com toda sua cruzeza.

NECESSIDADE DE MUDAR

A gente acha muito estranho o fato de que poucos operários hoje no ABC têm pensado realmente em mudar sua situação. Esse fato ninguém pode negar. Achanos que a vontade de mudar uma situação só vem quando há insatisfação diante de alguma coisa que nos impede de sermos verdadeiramente Humanos. Jesus foi claro quando falou em Conversão ao Evangelho. E Conversão é o mesmo que mudança de mentalidade, mudança na maneira de ver as coisas. A luta para mudar aquilo que nos escraviza e oprime, é uma consequência da conversão. Só sente necessidade de mudar, quem começa a sentir-se descontente com uma situação que não é normal.

O PLANO DE DEUS

De maneira nenhuma podemos ficar assim, assistindo ao que se passa em tôrmo de nós, sem pensarmos em buse car comparar o que se passa, com o plano e a vontade de Deus sobre os operários. Deus tem um plano de Paz de Justiça, de Amor e de Anizade para nós. Agora perguntamos: será que a nossa classe foi evangelizada dentro do plano de Deus? Se fomos realmente evangelizados, como vamos explicar a situação em que se encontra a nossa classe, hoje? Achanos que al go tem de ser feito. Algo que seja realmente nosso e novo. Para isso go tarianos que este jornal penetrasse nas diversas equipes de base que se reúnem nos diversos setores e paróquias do ABC. Só assim é que estaremos com os pés firmados na realidade. Na medida do possível, vamos tentar i lustrar nosso jornal fatos de nossas fábricas e nossas bairros.

UMA PASTORAL OPERÁRIA

Este jornal faz parte da Pastoral operária que a Diocese resolve u formar no ABC. É fruto de uma re união que foi feita para estudar a realidade humana dos operários. O resultado dessa reunião não foi muito animador, pois a passividade e falta de interesse nas coisas de nossa classe, a falta de visão cris tã de nossa situação impeden muitos operários de tomar consciência de nossa força e missão cristã. Mas também descobrimos que há qualidades entre nós que poderiam ser aproveitadas para enxergar com mais clareza as exigências sociais do cristianismo. É nessa linha que que remos que funcione a PO. Tudo vai depender de um estudo sério de nos sa realidade. E para isso contamos com a sua participação.

Desde já, vai aqui o nosso agra decimento.

"HOJE VOS NASCEU O SALVADOR

"Me dá uma tristeza tão grande de andar nas ruas de Santo André neste período do Natal. Tudo fica enfeitado, bonito, mas o povo anda triste, parece que está vazio por dentro."

São as palavras de Fátima, mãe de três filhos nesse Natal de 1973.

Como este povo, no seu sofrimento, no seu desanino, vai encontrar, uma verdadeira esperança capaz de ajudá-lo à viver e acmuditar no futuro?

Hoje como há 2.000 anos atrás, são os pequenos, os humildes que nós anunciam a boa notícia do nascimento do Salvador. A verdadeira esperança não está na ilusão das

tes do Natal, mas no coração de povo que vive um verdadeiro amor.

Maria trabalha numa fábrica junto com 20 noças. Nenhuma delas é registrada. Depois de conversar com suas colegas, Maria decide de falar com o chefe. Com coragem ela sobe no escritório e expos o problema: "queremos ser registradas, isto faz parte da lei". O chefe respondeu: "A fábrica não está em condição de registrar as operárias, mas para você - Maria, posso dar um jeito; Você sempre trabalhou bem, vou te dar um cargo melhor e registrar você, só que não quero que você fale para as outras meninas, isto fica entre nós."

pag 4

Maria refletiu um pouco e respondeu mutilada, João depois das 10 horas: "Isto não quero, não é justo, quero de serviço decidiu de passar a noite todas as minhas colegas sejam re te no hospital junto com seu colega gistradas". E Maria volta ao seu tr e o dia seguinte foi de novo no ser viço.

Hoje, na fábrica de Maria, nasceu o Salvador do mundo.....

Hoje, no hospital, nasceu o Salva do mundo.....

Silvia é mãe solteira. Quando o fi lho estava para chegar, ela foi ex- pulsa de casa, não sabia para onde fr nas uma vizinha da rua recolheu ela e até depois do nascimento da crian- ça, tomou conta do nene para que Sil via pudesse trabalhar e sustentar o seu filho.

Os operários duma grande firma de São Bernardo resolveram protestar contra a má qualidade da comida. No dia seguinte todos eles recusaram a ir almoçar ea comida ficou em cima da mesa. O dia seguinte a comida es- tava boa.

Hoje, na rua de Silvia, nasceu o Salvador do mundo.....

Hoje, para todos estes operários, unidos, nasceu o Salvador do mundo..

João trabalha numa grande firma do ABC. Ele é solteiro e mora numa pen- são. Um colega de serviço foi aciden- tado e foi parar no hospital com não

Cecilia e Luiza, foram bater em uma casa, as crianças responderam que a mãe não estava. Dialogando com a vizinha sobre isto, ela contou que

pg 5

está família com 7 filhos vivia em completo abandono. A mãe é doentem tal e o pai se encontra doente da espinha. Esta família não tem condições de sobreviver com o pouco que o pai recebe, pois este ainda paga um colégio de aço.

Cecilia e Luiza sentiram que tinha necessidade de fazer alguma coisa. Procuraram a Assistente Social que as encaminharan ao juizado de menores porque se tratava de problema que atingia menores. Elas conseguiram internamento da mãe, pensão para os menores e material de construção para construir uma casa para a família

Hoje, para esta família nasceu o Salvador do mundo.....

Não são os tradicionais enfeites de Natal que podem fazer sair o povo da sua tristeza e do seu desanimo nas todos os gestos de amor, de Fé, de esperança, de justiça vividas cada dia.

—Que cada um de nós procure lá onde vive realizar um verdadeiro Natal.

—Que hoje nasça o Salvador do Mundo em nossas Fábricas, nossa ruas, nossas escolas, nossas famílias...

—Que por nossos gestos de amor e justiça a boa notícia do nascimento do Salvador se propague no povo e que a esperança renasça no seu coração.

Só assim o Natal será realmente um Natal feliz.

\$

PERGUNTAS

- Você, OPERÁRIO CRISTÃO, que se interessou pelo que já leu neste jor-nazinho:
- Já pensou que o futuro da Pastoral Operária DEPENDE DE VOCÊ, e de centenas e até milhares de operários e como você?
- Já pensou que dizer para si mesmo: "o que vou fazer sózinho? ninguém quer nada..." pode ter centenas de operários que estão se colocando a mesma pergunta? Então, Não está Sózinho.
- Já passou por sua cuca a idéia de CONVERSAR COM SEU COLEGA DE SERVIÇO OU COM SEU VIZINHO DE RUA, sobre o que Cristo deve pensar de nossas dificuldade na vida, que são tantas: salários baixos, horários impossíveis, condução que acaba com o cidadão, muitas vezes até desemprego, etc....?

- Você já sabia que Cristo falou: "Eu vim para que vocês TENHAM VIDA e vida COMPLETA"?
- Não acha que seria joia se encontrar com alguns colegas para junto refletirem sobre a responsabilidade à que o Evangelho de Cristo nos dá na frente a os problemas de nossa vida OPERÁRIA?
- O que acha de propor a algum membro do Conselho Paroquial, ou ao próprio Vigário, que convoque a uma reunião para EBCLARECER MAIS O QUE É ISSO DE PASTORAL OPERÁRIA? Nós aqui poderíamos dar um pulo até seu bairro para conversar com vocês.
- Já pensou que quando Jesus-Cristo falou: "Vocês são o sal da terra, vocês são a luz do mundo", Ele estava também referindo a você?

E Então gente:!

Se você já pensou tudo isto, se você já pensou muitas coisas mais que seria bacana fazermos não fique aí se aninhando com o que amanhã poderia fazer, não fique parado, HOJE MESMO TO ME-CORAGEM E VAI FALAR COM SEU COLEGA.

Mas falar o que? - Você mesmo é que sabe, se realmente acredita em Cristo que nos ensina amar uns aos outros, a carregar uns os fardos dos outros e a resolver os nossos problemas comuns. É aí está o Espírito Santo (esse "bichinho" que está sempre mexendo em nossa cabeça) para nos dar uma mãozinha amiga.

§§§§§§§§§§§§§§§§§§

Talvez este jornalzinho possa ajudar você na sua ação. Este é o nosso grande desejo. Coloque para nós diculdade e as perguntas que o preocupam. Dê seu palpite sobre como gostaria

que fosse este jornal; de que deveria falar para ajudar no duro.

Pode mandar sua colaboração que o companheiro que levou o jornal ou à Coordenação Pastoral (Praça do Carmo nº36) Pode também se comunicar conosco ali.

Então trabalhe conosco juntos?

§§§§§§§§§§§§§§§§§§

NOTÍCIAS

DESNUTRICÃO ATINGE 70% DAS CRIANÇAS. (jornal estado de S.PAULO do dia 7-12-73 pag 20)

A desnutrição atinge 12 milhões de crianças em idade pré-escolar, o que representa 70 por cento da população do País situada nessa faixa etária, segundo afirmou ontem em Brasília, o presidente do Instituto

5. A lei é contra a greve dos trabalhadores. A lei trabalhista, feita pelos grandes e contra os operários, proíbe o direito à greve pelos trabalhadores. Por isso muita gente boa ficou em dúvida em obedecer uma lei contra a greve. Será que tal lei é justa? Temos que obedecer leis injustas? O próprio Jesus desobedecia as leis que eram contra a vida dos pobres e inocentes. Jesus sarava as pessoas aos sábados e os chefes da lei queriam apedrejá-lo. Jesus anunciava a boa nova aos pobres e as autoridades o condenaram como subversivo. Jesus deixa seus discípulos apanharem espigas em dia de sábado, e declara o homem maior que o sábado. E agora?

6. "Não podemos deixar de ouvir o grito de desespero de todo um povo." "A organização econômica é pecaminosa." "Diante da situação, ninguém pode cruzar os braços" (Carta dos Bispos — Assembléia de Itaipu — 15/4/83).

7. "As forças organizadas do mal não querem dar lugar aos fracos e aos pequenos que são a maioria do povo. Só os grandes e poderosos é que têm direito. O pequeno deve ter só o estritamente necessário para sobreviver servindo ao poder. No momento em que o pequeno se recusa a servir ou começa a ser uma pedra no sapato do grande, ele deve desaparecer, sua terra deve ser invadida, sua choupana desapropriada e destruída.

O Plano de Deus é diferente. Ele mandou seu Filho Jesus para ser a esperança e defesa do fraco, do marginalizado, do oprimido. . . A Igreja deve seguir o exemplo de Cristo. . . A Igreja hoje reclama para o povo não mais a esmola das sobras que caem da mesa dos ricos, mas uma repartição mais justa dos bens. . . Se o evangelho for seguido, será bom para o povo, mas os grandes terão que perder seus privilégios, como Maria Santíssima havia profetizado: 'Derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes. Saciou de bens os famintos e despediu os ricos de mão vazia' (Lc 1, 52-53) (Comunicação Pastoral ao Povo de Deus).

8. "No mundo vocês vão sofrer, mas tenham coragem. Eu venci o mundo" (Jo 18,23).

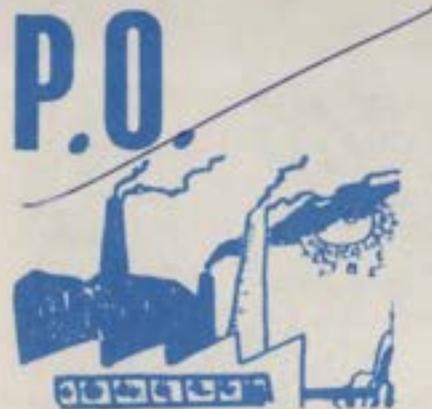
Textos para buscar mais esperança e coragem

Ex 3, 7-8; 3, 9-12; 3,19; Capítulos 7-12 / Eclo 13, 17-20 / Is 3,15; 57,1 Jer 5, 27-28; 22,3 / Ez 34,1.

Mt 12, 9-14; 28,20 / Mc 2,27 / Lc 1, 46-56; 19, 2-10 / Jo 10,10; 15,18.

Rom 1,18; 4,4 / 1 Cor 1, 27-28 / 1 Tim 5,18 / 2 Tim 2,6.

Tg 1, 9-10; 2, 6-7; 5, 1-6 / 2 Pdr 3,13 / 1 Jo 3,10; 3,17.



DIREITO À GREVE

É

DIREITO À VIDA

"Todo homem tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, às condições justas e favoráveis ao trabalho e à proteção contra o desemprego. Todo homem, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho. Todo homem que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana, e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social. Todo homem tem direito a organizar sindicatos e a neles ingressar para a proteção de seus interesses" (Art. 23 — Declaração Universal dos Direitos Humanos).

1. Muita gente de boa vontade ficou em dúvida sobre a posição a ser tomada na greve de 21 de julho próximo passado. E nós, da Igreja e comunidades, qual foi a nossa posição?
2. Houve greve? Ela aconteceu de fato, apesar das autoridades terem dito o contrário. A prova está nas intervenções nos sindicatos e nas violências policiais realizadas contra o direito dos trabalhadores.

3. Qual o saldo das greves?

Pontos negativos:

- a) A repressão policial contra os trabalhadores; a polícia bateu injustamente em pessoas indefesas.
- b) A invasão em igrejas.
- c) Muitos políticos e partidos que diziam defender os trabalhadores não fizeram nada. Foram como Pilatos: lavaram as mãos.

E. Rev. Opa.
P.O. 87A



- d) A grande maioria dos sindicatos pelegos fizeram, mais uma vez, o jogo dos patrões.
- e) O governo censurou rádios, televisões e jornais, e impediu o povo de estar a par da realidade.
- f) A imprensa deformou os fatos.

Tudo isto é negativo, mas ao mesmo tempo mostra quem está do lado dos trabalhadores, e quem é a favor dos opressores. Já disse Jesus: "Pelos frutos conhecereis a árvore".

Pontos positivos:

- a) Muitos trabalhadores se uniram e reagiram contra todos os pacotes que cortam os salários insuficientes.
- b) Muitos advogados defenderam os trabalhadores presos pela polícia.
- c) A Igreja da Grande São Paulo defendeu o direito à greve, e abriu espaço para os trabalhadores e seus encontros.

- d) Alguns políticos defenderam o direito de greve dos trabalhadores, e ficaram presentes nas manifestações e na defesa dos presos.
- e) Alguns sindicatos combativos ficaram do lado dos trabalhadores na luta pelos seus direitos.
- f) Houve muita presença e apoio de jovens e mulheres na greve.

E nós, o que fizemos?

- 4. A esperança é o que não falta. A solidariedade aos trabalhadores esmagados é um sinal de esperança. Os patrões e o governo ficaram com medo; a repressão policial montada para só um dia é sinal da força dos trabalhadores. Muita gente enfrentou a polícia e as leis injustas contra a greve. Apesar da propaganda dos meios de comunicação contra os trabalhadores, o saldo é positivo. Os patrões, o governo e a polícia tentaram pôr medo no povo. Como o faraó, tentaram oprimir ainda mais o povo, mas muitos Moisés brotaram para defender os irmãos oprimidos. A Páscoa continua. A caminhada é difícil e comprida. Deus, o vingador dos pobres, está conosco. Ele ouve o grito de seu povo oprimido. Ele está no nosso meio para nos libertar. Será que alguém quer voltar atrás para comer as cebolas do Egito?



nos como até agora tem se processado, é um desrespeito e uma violência a toda a comunidade comum aos cristãos brasileiros.

CONCLUSÃO

Quermos, para concluir, reafirmar, enquanto movimentos e serviços de Igreja ligados ao mundo do trabalho:

1. Nossa convicção de que é fundamental que o conjunto da Igreja, ratificando posições assumidas tantas vezes pela CNBB, apoie, franca e decididamente, o movimento sindical e popular, respeitando-o em sua autonomia, reconhecendo a representatividade de classe de suas instâncias e vendo neste movimento um instrumento real de construção do Reino de Deus entre nós.
2. Reafirmamos ainda que, no espírito do texto das Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil (documento 28), os trabalhos pastorais devem contribuir para a unidade e o crescimento da consciência de classe de nosso povo.

3. Entendemos que cabe à Igreja ajudar o nosso povo a desenvolver seu senso crítico frente a todas as instâncias do movimento sindical e político. Da mesma forma, entendemos que não cabe à Igreja apoiar ou identificar-se com uma ou outra destas tendências. Neste sentido, estranhamos o fato de que uma pessoa tenha sido convidada, explicitamente em nome da CLAT, a participar do Sínodo dos Bispos em Roma, na qualidade de ouvinte, como representante dos trabalhadores da América Latina.

4. Finalmente, queremos reafirmar nossa pertença à Igreja, nossa adesão ao conjunto do povo de Deus. Compreendemos nesse momento que é da mais fundamental importância uma verdadeira e direta articulação entre nós e nossos pastores — sacerdotes e bispos — através de canais de comunicação constantes. Desta forma, poderemos assumir, de modo conjunto e unitário, posições diante dos desafios mais variados que a realidade nos coloca.

Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1986

Coordenações: Animação dos Cristãos no Meio Rural (ACR)
Ação Católica Operária (ACO)
Juventude Operária Católica (JOC)
Comissão de Pastoral da Terra (CPT)
Comissão da Pastoral Operária (CPO)

MOVIMENTOS E SERVIÇOS DE IGREJA E A CLAT

POSICIONAMENTO DOS MOVIMENTOS E SERVIÇOS DE IGREJA
LIGADOS AO MUNDO DO TRABALHO A RESPEITO DA
PRESENÇA DOS CRISTÃOS NO MOVIMENTO SINDICAL E DA CLAT

Nós, os movimentos e serviços de Igreja ligados ao mundo do trabalho, preocupados com os problemas surgidos em torno do processo de implantação de uma outra tendência sindical no Brasil — CLAT: Central Latino Americana de Trabalhadores — através de nossos representantes, sindicalistas e ativistas do movimento popular, demos continuidade a um processo de reflexão, cujos frutos passamos a expor.

Este documento destina-se a informar nossos militantes de base, bem como o conjunto da Igreja e do movimento social, a respeito das preocupações que estes fatos nos suscitam.

Com toda a clareza possível, queremos desde já afirmar que, em relação à CLAT, não se trata de mover nenhum tipo de processo inquisitório ou de julgar intenções pessoais; nem mesmo desejamos dar a esta questão uma dimensão maior do que realmente merece. Temos clareza de que hoje, em nosso País, qualquer tendência sindical tem di-



reito de implantação e crescimento. Essa mesma liberdade nos confere o direito — e, no caso, o dever — de

apresentarmos nossa apreciação ou crítica por razões que procuramos deixar claro neste texto. E o fazemos com a mesma liberdade com que apresentamos críticas às outras tendências sindicais que atuam no movimento sindical brasileiro.

Temos ainda a convicção de que os problemas aqui levantados devem ser encarados como obstáculos a se superar. É preciso ir além da crítica e do lamento. A crítica é um dos momentos do processo de construção de um movimento sindical unitário que, como cristãos, pensamos estar contribuindo com o conjunto do movimento dos trabalhadores.

IMPLANTAÇÃO DA CLAT NO BRASIL

Não é nova a tentativa da CLAT de estabelecer-se no Brasil. Já antes mesmo de 1964, ela mantinha vinculação com algumas federações e entidades sindicais no país, bem como com os Círculos Operários Católicos e sua Confederação (Confederação Brasileira dos Trabalhadores Cristãos). Por ocasião do golpe militar de 1964, a CLAT desfilia os Círculos Operários, pelo fato destes terem apoiado o golpe.

A partir de 1981, a CLAT volta a investir no Brasil criando, como forma de sua existência legal no país, o IPROS (Instituto de Promoção Social), um centro de formação com sede em São Paulo.

Mais recentemente, a CLAT retoma com novo empenho seu pro-

cesso de implantação, dando-se conta da importância do País no Continente, do processo de renovação que ocorre dentro do movimento sindical e, sobretudo, observando a forte participação da Igreja e dos militantes cristãos nesse processo.

Como fatos relevantes do seu modo de atuar, é preciso destacar a crescente intervenção de membros do IPROS em visitas a sindicatos e organizações da Igreja, das mais diversas regiões do País, promovendo seminários de formação e viagens de intercâmbio.

Três acontecimentos recentes merecem destaque:

1. A realização da Conferência intitulada "Ensino Social da Igreja e o Mundo do Trabalho na América Latina dos anos 80", numa promoção da CLAT com o patrocínio do CELAM, nos dias 28 de janeiro a 1º de fevereiro de 1985, na Venezuela. Esta conferência reuniu 21 bispos (4 do Brasil), 20 padres e peritos, 55 dirigentes sindicais.
2. A realização, no Rio de Janeiro, em dezembro de 1985, da III Conferência Latino-Americana de Trabalhadores.
3. O conselho dessa conferência decidiu criar a COORDENAÇÃO AUTÔNOMA DOS TRABALHADORES (CAT) com o objetivo, explicitado pelos próprios dirigentes da CLAT de atuar em bloco, como tendência, dentro das duas principais centrais sindicais existentes no Brasil, com ênfase

especial na atuação dentro da CUT (Central Única dos Trabalhadores).

OBJETIVOS, PRÁTICAS E PERSPECTIVAS IDEOLÓGICAS DA CLAT

Segundo textos e declarações de seus dirigentes, a CLAT pretende ser "um projeto e uma alternativa" para o sindicalismo latino-americano. Ela tem os seguintes objetivos:

1. Construir um espaço novo para a realização de um sindicalismo livre, autônomo e democrático. É bom notar que estes princípios fazem parte do discurso de toda e qualquer central sindical. Desse modo, a CLAT não diz nada de novo e extraordinário.
2. Criar espaço — desconhecendo o espaço natural criado pelos próprios trabalhadores cristãos através de seus movimentos e pastorais — para a articulação dos cristãos envolvidos no movimento social. Este espaço deveria servir para capacitar e articular a ação destes cristãos, tendo como base de referência a Doutrina Social da Igreja. A CLAT faz uma interpretação bastante restrita (na linha da tendência da Democracia Cristã) da Doutrina Social da Igreja, pretendendo que essa interpretação seja a única autêntica.

No nosso modo de ver, a CLAT se limita a denunciar e lamentar, mais por palavras, a explo-

ração e opressão na América Latina, sem chegar a analisar na devida profundidade as causas estruturais dessa situação. Por não querer ir a fundo nas contradições econômicas e a luta entre classes dentro da sociedade capitalista, a CLAT desenvolve mais, na sua análise, a dominação cultural.

Portanto, a CLAT não tem perspectivas de soluções precisas e muito menos uma estratégia concreta de luta. Acredita mais nas soluções negociadas entre cúpulas (políticas, econômicas e religiosas) do que nas lutas cotidianas dos trabalhadores. Enquanto ela defende, teoricamente, a unidade sindical, na prática, a CLAT chega a multiplicar em todos os níveis e setores (jovens, camponeses, bairros, Defesa dos Direitos Humanos, sindicatos, etc.) estruturas paralelas que dividem e enfraquecem o movimento sindical e popular. Assim, constatamos que a CLAT tem, de fato (não em discurso), uma prática divisionista. Sem bases reais, essas suas estruturas, muitas vezes, são vazias.

Em seu discurso, a CLAT faz propostas aparentemente avançadas e até radicais que, num primeiro momento, podem atrair algumas pessoas. Assim, alguns dirigentes da CLAT, usando como pretexto os valores cristãos do povo latino-americano, propõem como alternativa, política e social, um certo "Socialismo democrático auto-gestionário". Mas, ela recusa a atuação, a estratégia e os meios para lá chegar. Na sua prática, a CLAT parece mais empenhada numa luta contra a "penetra-

ção" — diz ela — do marxismo e do comunismo na América Latina, do que contra a opressão capitalista. Em muitos casos, a CLAT chega a fazer o jogo dos poderes estabelecidos, como veremos adiante.

AS TÁTICAS DE AÇÃO DESENVOLVIDAS PELA CLAT

Para analisar a tática de ação desenvolvida pelos representantes da CLAT no Brasil e na América Latina, baseamo-nos em inúmeros depoimentos de sindicalistas brasileiros, de toda nossa confiança, muitos dos quais já tiveram algum nível de contato com esta organização. Outra fonte de informação, são os documentos de fontes insuspeitas, como a PAX CHRISTI INTERNAZIONALE, o SECRETARIADO QUEBEC-AMERICA LATINA e a própria CENTRAL OBRERA BOLIVIANA (COB), uma das mais combativas centrais da América Latina. Deixamos de levar em conta documentos elaborados por entidades que, de alguma maneira, disputam espaço de atuação com a CLAT no movimento sindical, embora tais documentos, de forma alguma, sejam desprezíveis.

Os elementos principais de sua tática são:

- a) a busca de aproximação com pessoas e entidades do movimento sindical, popular e eclesial;
- b) a oferta de assessoria (cursos, acompanhamentos, seminários de estudos);

c) oferta de apoio financeiro (salários relativamente altos para pessoas que se liberem, ou financiamento à própria entidade e oferta de viagens de intercâmbio sindical para o exterior).

Elementos contraditórios desta tática:

1. Esta busca de contato visava, num primeiro momento, sobretudo entidades representativas e de tradição como: a ACO (Ação Católica Operária), a FNT (Frente Nacional dos Trabalhadores) e outras. Diante das dificuldades de entendimentos e da rejeição de acordo por parte destas entidades, elementos da CLAT-IPROS têm buscado, preferencialmente, o contato com sindicalistas jovens ou com entidades sindicais que ainda não se posicionaram entre os dois grandes blocos existentes no movimento sindical, CUT ou CONCLAT.

Uma das características marcantes desse processo de aproximação, em relação a entidades e pessoas, é a falta de clareza quanto aos objetivos últimos que são visados. Como demonstrativo disso, temos inúmeros casos de pessoas e entidades que, aceitando algum convite para participar de suas atividades, viram seus nomes depois envolvidos como signatários de apoio à iniciativa da CLAT: caso de um membro da ACO do Rio de Janeiro. Outro caso, de pouca transparência, ocorreu em São Paulo onde os nomes do sindicalista Waldemar

Rossi e da Pastoral Operária foram utilizados, sem prévia consulta dos mesmos, pelos IPROS para um projeto financeiro enviado à Europa, sob pretexto de ressarcimento de uma ajuda que o IPROS oferecera à oposição metalúrgica de São Paulo no ano de 1981 (declarações gravadas de alto dirigente do IPROS).

2. Para se instalar, a CLAT tem procurado contatos e buscado apoio de entidades e pessoas da Igreja, nos mais diversos níveis, desde movimentos de base até a CNBB e o CELAM. Neste processo se estabelece muitas vezes uma confusão entre o papel do movimento sindical e/ou da Igreja (sindicalismo confessional não explicitado).
3. Outro estranho elemento de sua tática de crescimento e implantação é a aproximação da CLAT com setores do movimento sindical que desenvolvem práticas claramente reacionárias e anti-operárias, sem que a postura crítica, frente a tais entidades e pessoas, seja claramente manifesta. Dentro desse quadro, a CLAT hoje reatou relações com a Confederação Brasileira dos Trabalhadores Cristãos (Círculos Operários Católicos) a quem desfiliara em 1964, como já dissemos, passa a financiar um boletim de circulação mensal, editada pela mesma federação, e a apoiar o funcionamento de centros de formação.
4. Finalmente, outro elemento de contradição é a criação da CAT

(Coordenação Autônoma dos Trabalhadores) já mencionada, embora os representantes da CLAT sigam afirmando que não desejam criar, no Brasil, outra estrutura sindical. Esta tática de criação de uma Coordenação para chegar a uma Central Sindical já foi desenvolvida em outros países da América Latina, pela própria CLAT.

CONSEQUÊNCIAS DESTA TÁTICA E DESTA PERSPECTIVA IDEOLÓGICA

Ambigüidade fundamental das posições ideológicas da CLAT, ao lado do distanciamento entre o discurso e a prática (externa e interna), levam a conseqüências muito claras:

1. O nítido favorecimento da manutenção das atuais estruturas (apesar de todo discurso de denúncias. . .) traduzido num anti-comunismo, repetidas vezes manifesto nos posicionamentos a respeito da Nicarágua e Cuba: Dr. Hélio Bicudo e o sindicalista João Paulo Pires de Vasconcelos foram protagonistas de um episódio em que se tentava passar numa conferência da CLAT um documento contrário ao processo revolucionário nicaraguense. Ao mesmo tempo, se observa uma cordial tolerância e ambíguo silêncio em relação aos governos de política conservadora democrata-cristãos da América Central.

A CTN (ligada a CLAT) sempre manteve distância em relação às Forças Revolucionárias. Depois de julho de 1979, a distância se transformou em resistência aberta. . .

A ação da direção da CTN nos parece ditada por um anti-marxismo que lhe impede de perceber os atuais problemas sociais.

A intransigência ideológica é o resultado de uma má preparação dos quadros da CTN em relação à revolução:

Vemos aqui uma pesada responsabilidade dos órgãos dirigentes da CLAT.

Da mesma forma, desde muitos anos a própria CLAT põe acento na luta contra o marxismo. . .

A lista de reivindicações da CTN atesta o relatório PAX CHRISTI — parece-se, estranho, a do COSEP (órgão patronal). A CTN se identifica mais com os interesses do setor privado. . . são raras as exigências em favor dos trabalhadores e, geralmente, pouco compatíveis com a situação econômica do país.

2. Outras conseqüências palpáveis são o mascaramento da consciência de classe (falta de combatividade demonstrada pelas alianças no Brasil) e, como já vimos, a prática do divisionismo através da criação de estruturas paralelas que, sem dúvida, enfraquecem o movimento dos trabalhadores.

3. É preciso ressaltar, também, que, ao interpretar, de maneira unilateral e reducionista (sob o enfo-

que democrata-cristão) a Doutrina Social da Igreja e, ao arvorar-se como legítima e única representante dos cristãos (uma espécie de "braço-sindical" da Igreja numa visão de neo-cristandade no movimento sindical) a CLAT estabelece uma perigosa divisão entre esses cristãos engajados — e entre cristãos e não cristãos — o que significa, no limite, um grave perigo para o avanço da luta dos trabalhadores.

REVENDO A HISTÓRIA DA PRESENÇA DOS CRISTÃOS NO MOVIMENTO SINDICAL BRASILEIRO

Como tem sido demonstrado historicamente, os cristãos têm tido papel decisivo no processo de renovação do movimento sindical e popular no Brasil.

Basta revermos o desenvolvimento das oposições sindicais, o nascer do chamado "sindicalismo autêntico" e o fecundo movimento articulado desde os encontros de João Monlevade, São Bernardo e Vitória, até a realização da CONCLAT e depois a fundação da CUT, para nos darmos conta da importância fundamental que uma significativa parcela de militantes cristãos teve neste processo, ao lado de todos os setores, combativos e autênticos, do movimento sindical.

Na realidade, é fácil constatar que este espaço de articulação dos cristãos está criado há muito tempo e, criado não de fora para dentro,

ou como decisão de gabinete, mas através do combate difícil dentro das fábricas e nos campos, assim como nos sindicatos, nas ruas e enfrentando a mais dura repressão. Foi a partir do testemunho sofrido de muitos cristãos que este espaço foi sendo construído e firmado, baseado em princípios bastante claros:

— Os militantes cristãos, apoiados em seus movimentos ou serviços pastorais e nas CEBs, têm estado presentes dentro das lutas do movimento dos trabalhadores, dentro dos processos de reflexão, como fermento e sal, levando seu testemunho e a mensagem evangélica para essa elaboração prática do Projeto, que é do conjunto da classe trabalhadora brasileira.

— Na prática tem ficado claro que, como cristãos, não queremos construir entidades paralelas de organização (sindicatos ou partidos cristãos) fechadas sobre si mesmas e concorrendo em termos de poder com os outros movimentos. Nem tampouco queremos criar modelos sócio-políticos-culturais apenas nossos. Entendemos que a fé inspira e anima toda a nossa ação. Os modelos políticos e históricos devem ser criados dentro da própria luta e junto com o nosso povo, dentro de suas organizações e não apenas a partir de princípios.

— Os cristãos, baseados nesta convicção e fundamentados na mensagem do Evangelho, na história da caminhada do povo de Deus e na própria história da classe tra-

balhadora, têm ajudado muito o movimento sindical a desenvolver uma prática que seja democrática, que respeite a evolução das pessoas (contra a cooptação e doutrinário dogmático), que ajude a pessoa a crescer e se desenvolver integralmente em todas as suas dimensões. Os cristãos contribuem ainda para que este sindicalismo novo seja combativo, desenvolva uma correta concepção de classe operária e desenvolva uma prática coerente com seus princípios.

— Esta contribuição tem sido realimentada permanentemente, num verdadeiro processo de ir e vir, em que o militante engajado, tendo sua comunidade de fé no seu serviço ou movimento, revisa e planeja seu engajamento: são os grupos de base, aos milhares, são os cursos de formação e capacitação em todas as áreas e níveis, são as assembleias, os retiros, as celebrações que, na prática, viabilizam a construção deste espaço de realimentação da militância.

— Toda esta caminhada, este testemunho, que é patrimônio da Igreja e de todos, não pode ser ignorado nesta hora, nem trocado pelo canto de sereia de quem, de dentro dos gabinetes internacionais e, praticamente, ausentes de toda essa caminhada, se arvora em construtor de espaços de articulação dos cristãos. . . Entendemos que o processo da implantação da CLAT no Brasil, pelo me-

DESEMPREGO!

PORQUE?

PRECISA-SE DE:



PRECISA-SE DE JUSTIÇA!

BERZE!

Texto: CPO-NACIONAL

Adaptação e ilustração: CPO-BELO HORIZONTE.

1. OLHANDO A SITUAÇÃO

Gente, nós estamos num sufoco danado. Cada dia a situação está mais feia pro nosso lado. Cada dia a televisão e os jornais jogam na nossa cara a tal crise do Brasil e do mundo como que dizendo prá nós que somos os culpados por tudo. E agora a situação está mais difícil. O desemprego está dominando o meio de campo de nossa vida. Vejam este diálogo:



- Olha, Maria, o que é aquilo lá? É gente vindo do interior que está construindo seu baraco?

- Não, Zê, é aquele pessoal do conjunto do BNH. Eles não estão mais podendo pagar as prestações e estão caindo fora do BNH. Olha lá o seu João! Ele tem 4 filhos e já está cinco meses desempregado.



- Olha, Maria, tô com medo do mesmo acontecer comigo. Estão dizendo lá na fábrica que vão passar o facão... Acho que eu vou nessa... Aí, não sei o que vai acontecer.



- Que é isso, Zê!? Não pense no pior. Deus é bom e vai cuidar da gente...



- Mulher, você não entende que não é Deus que manda a gente prá rua? Você não vê que nosso país está todo bagunçado? Não vê que nós estamos numa crise danada, com muito desemprego, com pouco dinheiro e com um governo que só sabe nos afundar mais ainda?

- Ih! Zê, eu não entendo nada de política, nem de crise. Só sei que a crise está lá dentro de casa. Não temos mais dinheiro nem pro leite das crianças...



Matando a charada

Zê e Maria falam de três problemas que estão nos incomodando:

- 1º - A situação difícil que estamos vivendo: falta dinheiro, falta casa pra morar, falta comida, etc...
- 2º - O problemão do desemprego.
- 3º - A atitude do governo que não resolve nada e quando faz alguma coisa, quem leva é o trabalhador.

Vamos conversar:

- 1) Maria disse que a Crise está dentro da casa dela. Na nossa casa também tem crise? qual?
- 2) Quem são os culpados dessa situação?
- 3) Vale a pena a gente conversar sobre as causas do desemprego, a dívida externa, o FMI? Por que?

2. COMO COMEÇOU ESTA SITUAÇÃO

Pra gente entender essa crise do Brasil hoje, temos que olhar para trás. O trem começou quando os portugueses invadiram o Brasil. Naquele tempo, lá por volta de 1500, o Brasil era cheio de índios. Eles cultivavam a terra. Não viviam para trabalhar, mas trabalhavam para viver. Não tinha pobres entre eles.



Depois chegaram os portugueses. Eles chegaram com ordem de **EXPLORAR** o Brasil. Começaram a tirar as coisas daqui e levaram para a Europa (Portugal, Inglaterra). Assim, levaram todo nosso Pau-Brasil, todo nosso ouro. Aqui é que começou a nossa crise!

Os trabalhadores não usavam o fruto do seu trabalho. Os exploradores levavam tudo. O povo ia ficando pobre e faminto. A situação era cada vez pior.



Depois os portugueses dividiram o Brasil em grandes pedaços de terra, dando estas terras para uns ricos de Portugal. Eles vinham pra cá só para explorar nossas riquezas, deixando a gente da terra (índios, lavradores e negros escravos) na miséria. Nós produzíamos açúcar, café, algodão, carne, legumes, tudo para o estrangeiro. O povão passava fome, adoecia, não tinha onde morar.

Matando a charada

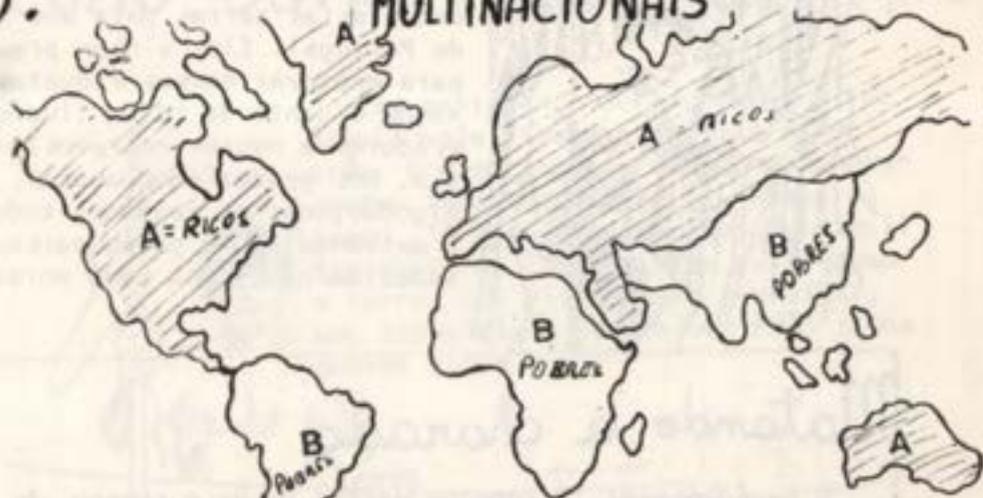
O negócio aqui já começou errado desde o começo. As terras ficaram nas mãos de alguns. Eles é que ficaram mais ricos. O povão ficou muito mais pobre.



Vamos conversar:

- 1) Por que o negócio começou errado desde o início?
- 2) Do descobrimento do Brasil pra cá, mudou alguma coisa? O que mudou e o que ficou igual?

3. ENTREGARAM O BRASIL PARA AS MULTINACIONAIS



O mundo está dividido em duas partes: os RICOS e os POBRES. Os ricos são donos das terras, das fábricas, das máquinas, do comércio, dos bancos, compram a Polícia, a Justiça e são assim com os homens.

Os pobres não têm nada, só levam. O que o pobre tem é sua força de trabalho (coragem para trabalhar).

Mas não existe só gente rica e pobre. Existem também países ricos e pobres. Os países ricos possuem dinheiro, máquinas complicadas, técnicas modernas, armas poderosas, muita força. Mas eles precisam da matéria bruta.

Os países pobres têm matéria bruta (minérios, alimentos, madeira, etc) e muita gente para trabalhar. Mas os países pobres precisam de dinheiro, máquinas, tecnologia, para transformar suas riquezas. Os países ricos dizem que os pobres precisam deles para enriquecer também. Eles oferecem financiamentos, empréstimos, técnicos, etc. e exploram as riquezas dos países pobres. Os países ricos se aproveitam para tirar vantagem dessa situação:

- obrigam os países pobres a vender só pra eles;
- pagam os preços que eles querem, por nossos produtos;
- cobram juros altos pelo dinheiro que emprestam;
- constroem fábricas nos países pobres e pagam mal aos operários.

Para manter essa situação, existe o SISTEMA. São leis e regras que as pessoas e os países têm que obedecer. Esse sistema entre os ricos e pobres é injusto, explorador e opressor.

Mas, quem ganha com o uso desse sistema? Vamos ver.

Quando os portugueses conseguiram chegar no Brasil, quem ganhou foram eles. Eram grandes comerciantes e latifundiários (donos de muitas terras). Eram os chamados "nobres". Eles tomaram as terras dos Índios e obrigaram os negros a trabalhar de graça para eles.



Hoje quem ganha com a crise, com o desemprego, são os capitalistas dos Estados Unidos, do Brasil, da Alemanha, Itália e Japão, e um grupo de brasileiros ricos que estão traindo a nação. No Brasil eles são os donos dos bancos, que cobram juros altíssimos; são os grandes empresários que pagam mal os operários; são os latifundiários, que expulsam a gente da terra e compram nossos legumes por preços baixíssimos... São eles que estão no poder.

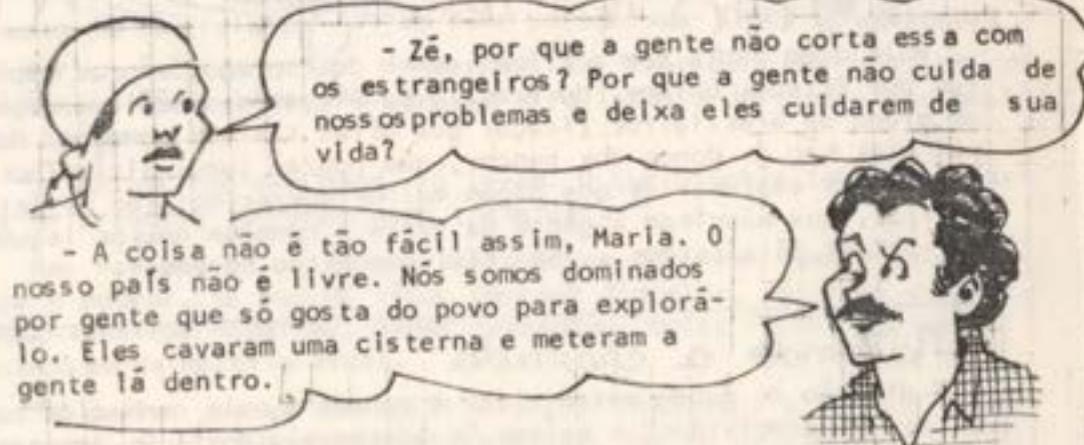
Matando a charada

A divisão do mundo entre ricos e pobres é mais conhecida como países "desenvolvidos" e países "subdesenvolvidos". Os desenvolvidos nos exploram. Eles querem lucrar às nossas custas. Compram nossas riquezas por preços baixíssimos. Nós temos que comprar os produtos deles por preços muito altos. Por exemplo, eles compram da gente o ferro, pagando barato. Fazem as peças das máquinas e mandam pra gente montar nas fábricas. Pagam mal aos nossos operários. Depois vendem as máquinas bem caro. Já pensou que lucro que eles tem?

Vamos conversar:

- 1) O que você acha desta maneira em que o mundo está dividido?
- 2) Quem são os que botaram o Brasil nesta situação?
- 3) Como a gente pode sair desta?
- 4) Quem está "vendendo" o Brasil para os estrangeiros?

4. CAVARAM UMA CISTERNA



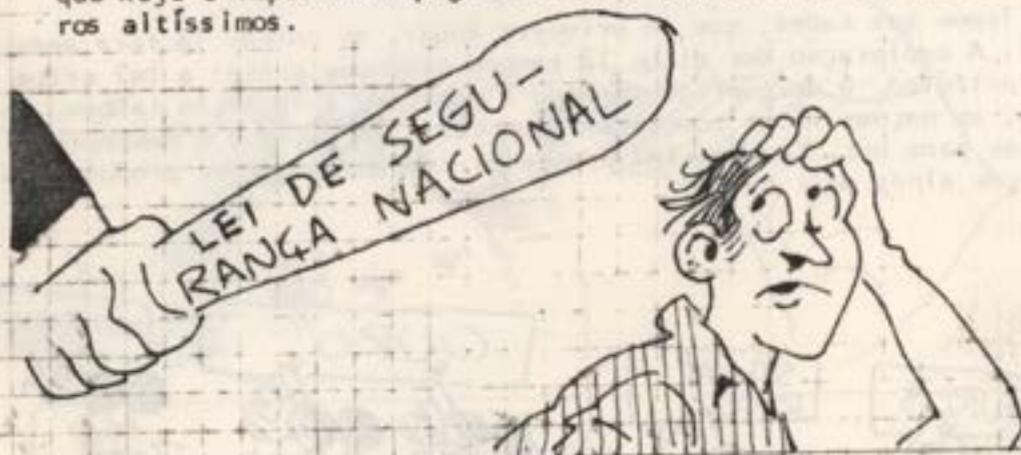
O Brasil sempre foi dominado por outros países. Aqui dentro sempre foram os ricos que mandaram em tudo. No tempo dos Impérios, foram os grandes fazendeiros donos de engenho. Na República, são os filhos e netos desses mesmos fazendeiros, transformados em "coronéis", em "doutores", empresários e banqueiros.

Por volta de 1930 esses homens acharam que o Brasil estava muito atrasado e resolveram modernizar nosso país construindo grandes fábricas. Como aqui não tinha dinheiro, começaram a pedir emprestado ao estrangeiro. Depois começaram a chamar os estrangeiros para construir suas fábricas aqui. São as tais Multinacionais

É claro que elas vieram pra cá cheias de vantagens: terrenos de graça, empréstimos, mão de obra barata (Salários de fome), matéria prima fácil e principalmente leis do governo protegendo elas.

Vejam só! Lá nos países deles os operários começaram a se organizar e exigir salários melhores, redução de horas de trabalho por dia e por semana. Então eles vieram pra cá explorar os trabalhadores brasileiros. Pagando um salário miserável e obrigando os operários a trabalhar até perder sua vida. Aqui é um paraíso para eles. Usam a "famosa" e desumana LEI DE SEGURANÇA NACIONAL. Essa lei permite à polícia bater e prender os operários que reclamam seus direitos.

E, como se isto não bastasse, eles começaram a emprestar dinheiro ao governo daqui. O governo então começou a construir coisas que só prejudicaram os pequenos, mas que era de interesse dos grandes: a Transamazônica, que matou tantos índios; a Itaipu que deixou muita gente sem terra; as Usinas Nucleares que estragam a saúde da gente, etc. Isso aumentou tanto a nossa dívida externa que hoje é impossível pagá-la. Esses empréstimos são feitos a juros altíssimos.



Matando a charada

A situação não está fácil! O Brasil foi entregue nas mãos dos estrangeiros. Nos últimos vinte anos tudo piorou, com o governo militar. Os generais fazem tudo pela cabeça deles, sem consultar ninguém. Eles não prestam contas do que fazem.

Vamos conversar:

- 1) Você acha que o caminho da modernização rápida, que os ricos escolheram foi certo? por que?
- 2) Quem está tirando vantagem desta situação?
- 3) Como a gente pode escapar das garras das Multinacionais?

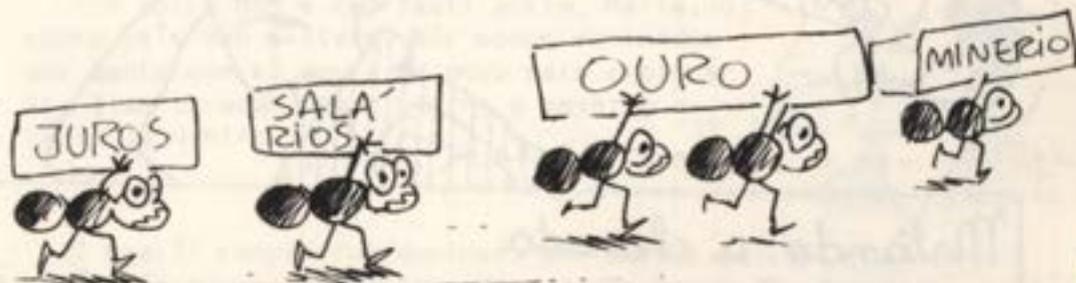
5. O FMI VEM DIZER O QUE O GOVERNO DEVE FAZER

Aqui no Brasil tem gente que vai "no colo" dos capitalistas estrangeiros. São os donos de fábricas, os grandes banqueiros, os grandes comerciantes e os generais. Muitos generais, quando passam para a reserva, vão trabalhar de diretor em grandes multinacionais

Desse jeito, então, o dinheiro corre solto. Há um grande desperdício. Os estrangeiros continuam a levar nosso minério, nossos alimentos e máquinas. Tudo feito aqui no Brasil, por nós, a preço de banana.

E a dívida só aumentando, os juros subindo. Até que um dia... Sim, foi no ano passado, a gente não deu mais conta de entregar tanta coisa como eles queriam.

Temos que saber, que em primeiro lugar, as coisas lá fora andam mal. A exploração dos ricos lá também provocou crise: a tal crise do petróleo. O desemprego começou a crescer, a inflação também. Então, as nações ricas começaram a passar a inflação e o desemprego deles para nós. Como assim? Ora, eles compraram nossos produtos por preços ainda mais baixo.



Eles queriam tirar mais dinheiro da gente, mas a gente não tinha mais dinheiro. Af eles começaram a apertar a gente pra pagarmos nossa dívida que estava muito alta.

Como a gente não podia pagar, veio então o FMI. O FMI é um banco internacional que, dizem, é para ajudar os países pobres com dificuldades. Mas na prática eles se parecem com o delegado de polícia. Chega na casa do freguês que não tem condições de pagar e manda vender o fogão, o armário, e diminuir a comida para poder pagar as prestações.

Assim é o pessoal do FMI. Chegaram aqui no Brasil e deram ordem ao nosso governo de "apertar o cinto". O governo obedeceu as ordens deles e:

- diminuiu o salário dos operários através de vários decretos-leis (pacotes). Quando a oposição derrubava um, o governo já tinha outro prontinho.

- parou muitas obras públicas que precisavam ser completadas para o bem do povo. Com isso muitos foram mandados embora.

Muitas pequenas empresas tiveram que fechar também, porque faltou serviço. As grandes diminuíram o quadro de funcionários e aproveitaram a situação para mandar embora grande quantidade e fichar ou tros com salários mais baixos.



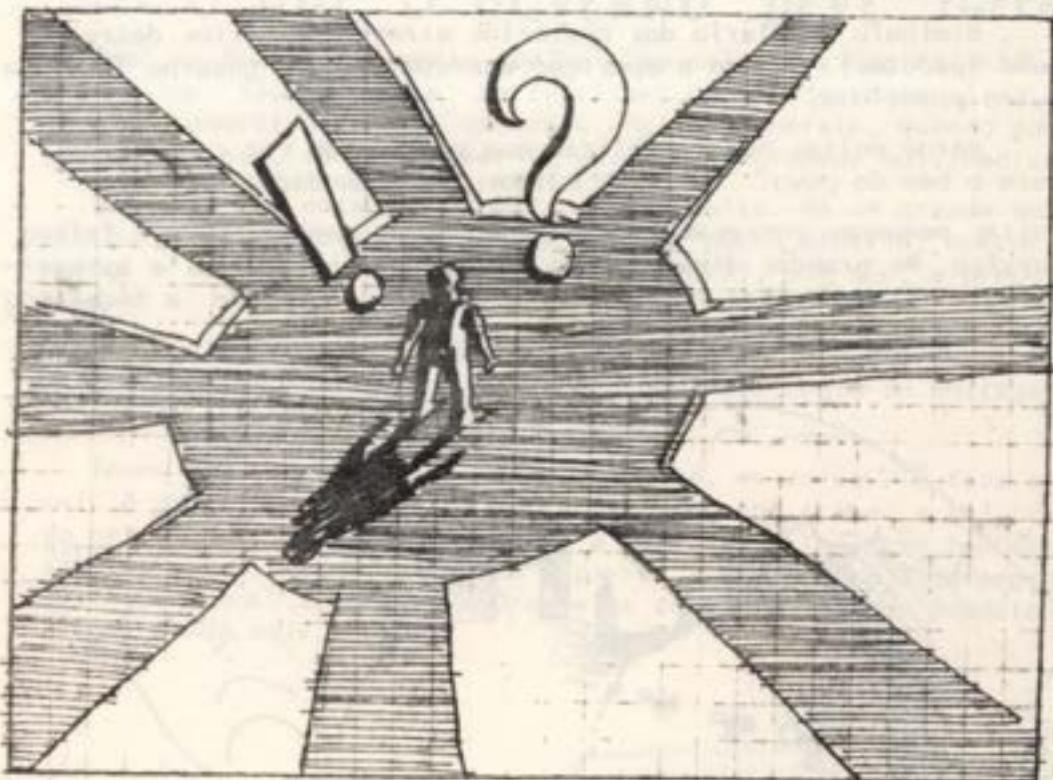
Matando a charada

Na família, quando há um aperto, os pais procuram fazer com que os mais pequenos sejam os menos prejudicados. Na sociedade é o contrário. Os grandes, os patrões e o governo, aproveitam a situação para explorar ainda mais os pequenos, os trabalhadores.

Vamos conversar:

- 1) Você acha que dá pra confiar no que o governo diz?
- 2) Você acha que o FMI vai resolver nossa situação?
- 3) Você acha que a culpa é só das pessoas que nos governam ou é de todo um sistema?

6. ONDE ESTÁ A SAÍDA?



Todo mundo agora está procurando uma saída. Até o governo pede que todo mundo se junte para superar as dificuldades. São que quando as coisas iam um pouco melhor, quem aproveitou foram só os ricos. Agora só querem a participação do povo para que nós paguemos o que nós não pedimos.

O governo então está procurando a saída desse jeito:

- aumentar a exportação ao máximo para pagar a dívida;
- diminuir os salários dos operários;
- diminuir o número de empregados;
- organizar as "cestas de alimentos" mais baratas para matar a fome de quem não tem o que comer;
- em último caso, aprovar um "fundo des emprego" mesmo se os empresários nacionais não estejam de acordo.

Os partidos de oposição e os sindicatos dos trabalhadores lutam de outro jeito:

- Exigem uma verdadeira democracia, onde as decisões sejam tomadas por representantes eleitos pelo povo;
- exigem uma mudança nas estruturas, com o controle da economia com a participação dos trabalhadores;
- Que se faça a "MORATÓRIA". Isto quer dizer, deixar de pagar a dívida externa por um tempo até que aqui no Brasil se acabe com o desemprego e com a miséria, os salários baixos, etc.

Matando a charada

O BRASIL É RICO. TEM MUITA TERRA, MINÉRIO DE TODOS OS TIPOS E TUDO QUE SE PLANTA DÁ, MAS O POVO É POBRE E FICA CADA DIA MAIS POBRE. PORQUE SERÁ? O GOVERNO

ARROCHA O SALÁRIO PARA PAGAR A DÍVIDA EXTERNA. E A DÍVIDA DO EMPREGO, DO SALÁRIO JUSTO, DA CASA PRÓPRIA, DA SAÚDE?



Vamos conversar:

O que você acha das propostas da oposição?

7. A GENTE É QUE SABE ONDE O CALO DÓI

Assim a gente refletiu na nossa reunião da Pastoral Operária sobre o desemprego:

- Eu acho que nós devemos agir de um jeito bem sério. Primeiro, não podemos permitir que ninguém engane o povo e procure tirar proveito da situação. A situação só vai mudar se o povo quiser e lutar pra isso.



- Então devemos apoiar as reivindicações concretas que a gente tem condições de conquistar. Por exemplo:

. No Paraná já conseguiu-se do Governador que os desempregados não paguem água e luz.

Em São Paulo e Minas Gerais o governo prometeu abrir frentes de trabalho para o povo. Não é o caso de exigir isso deles?

- . Precisamos também conseguir transporte de graça pra procurar em prego.
- . Devemos lutar também para que os desempregados não paguem as prestações do BNH.
- . O governo deve também entregar aos desempregados os terrenos vazios para o povo fazer hortas e granjas comunitárias.
- . Existe também em São Paulo experiências válidas de Comunidade de trabalho. Nessas comunidades de trabalho, o povo fabrica coisas próprias para seu uso, como roupas, móveis, etc...
- . A gente tem que lutar ainda para diminuir as horas de trabalho e aumentar os salários.
- . Todo mundo deveria ser dono da terra em que trabalha. Por isso a Reforma Agrária é urgente.
- . Devemos fortalecer nossos sindicatos. Sem um sindicato forte e livre não conseguiremos nada.
- . Por fim, está na hora de exigir também o salário para os desempregados. Devemos então ajudar os trabalhadores a entender que temos que pressionar os sindicatos. Os sindicatos tem de sair do papo e juntar todos os trabalhadores.



- 1) O que você acha dessas saídas concretas para solucionar a questão do desemprego?
- 2) Você, sua comunidade ou seu grupo de pastoral, conhece outras possíveis saídas para o desemprego? Quais?

-16-

8. A SOLUÇÃO NÃO CAI do CÉU

Nosso grupo assim refletiu a situação difícil do Brasil:

- Cada dia mais nossa situação está piorando. As medidas que o governo tomou para solucionar a inflação e o desemprego não estão resolvendo nada. Elas só estão prejudicando os trabalhadores.

- Vejam sô. O governo mudou a lei salarial várias vezes, sempre em prejuízo do trabalhador.

- Lá na FIAT demitiram 3 mil operários desde 80 e, os operários estão produzindo o mesmo número de carros por dia como se ninguém tivesse sido demitido.

- Para poder sobreviver cada um está se virando como pode. Um faz biscate, outro manda o menino vender pastéis, a mulher lava roupa prá fora, etc...

- A tal cesta de alimento que o governo prometeu não vai resolver o problema. O problema não é dar comida aos desempregados simplesmente, mas dar emprego. O trabalho é um direito da pessoa humana.

- O prefeito queria que a cesta de alimento fosse distribuída pela Igreja. Pensa sô: a cesta talvez mal comece, e logo vai acabar. Então o povo fica revoltado é com a Igreja, não acha?

- Em algumas comunidades estão fazendo sopa para matar a fome dos desempregados.



Matando a charada

No Bairro Jardim Santa Madalena, SP, as CEBs, (Comunidades Eclesiais de Base) estão fazendo o seguinte: cinco famílias empregadas procuram sustentar duas famílias desempregadas. Ao mesmo tempo procuram discutir as causas do desemprego e as possíveis soluções.



Vamos conversar:

- 1) O que a sua comunidade faz para ajudar os companheiros que perdem seu emprego?
- 2) como a comunidade pode se engajar na luta contra o desemprego?
- 3) O que você acha e sabe sobre "salário-desemprego"?

9. IGREJA É POVO QUE SE ORGANIZA



Apesar disso tudo, o povo tem braço forte e firme. Ele não deve arredar o pé. Por isso, o negócio é nos mesmos começarmos a lutar e lutarmos unidos de verdade. Devemos começar a participar da luta sindical, nas lutas nos bairros, dentro dos partidos. Porque, ficando de fora, chorando, ou só criticando, nunca vamos mudar nada.

- Mas como o povo vai conseguir fazer isto?

- Ora, nós cristãos temos que nos ajudar para entender isto. O povo, nós temos que entender que um governo onde são os ricos e militares mandam, nunca vai dar certo. O que é importante é um governo democrático, onde todo o povo dá sua opinião e esta opinião seja considerada.

- Pois é, gente, nós temos que juntar forças e lutar. Os que estão lá em cima não querem sair, não querem deixar que os representantes do povo cheguem lá. Nossa luta só vai ter uma vitória quando conseguirmos tirar esses homens de lá e ter uma verdadeira democracia.

- Então, o que vamos fazer?

- O cristão é o sal da terra. Ele tem que entrar no meio do povo, falar, conversar, fazer propostas concretas e construtivas. Ele deve unir o povo e caminhar no rumo certo. As pequenas coisas devem ajudar o povo a avançar. Cada dia o povo está enxergando mais e está se unindo a quem realmente está ao lado dele.

- A gente tem que falar que este governo não presta? Que o Delfim está acabando com o Brasil?

- É isto! Se a gente não disser a verdade, o trabalhador não vai mais acreditar na gente, na Igreja. Nós temos que lutar para mudar esse sistema, pois ele está cheio de violência e de injustiça.



Matando a charada

O Cristão tem que ter idéias claras, firmes, objetivas. Sua ação deve ser firme e permanente. A violência não é o seu caminho. Para isto está aí a Campanha da Fraternidade dizendo-nos FRATERNIDADE SIM, VIOLÊNCIA NÃO. Nós temos que lutar para mudar esse sistema violento. O caminho é unir o povo, esclarecê-lo, caminhar com ele e conquistar o direito do povo decidir tudo neste país.

Vamos conversar:

- 1) O que o seu grupo de Pastoral acha da situação política do Brasil?
- 2) Os Profetas na Bíblia sempre denunciaram, no meio do povo, as injustiças e chamavam o povo para lutar por uma sociedade igual para todos. O que o seu grupo, como profeta, tem DENUNCIADO e o que tem ANUNCIADO?
- 3) Que propostas estamos fazendo para os companheiros trabalhadores empregados e desempregados?

Duque de Caxias, 26 de junho de 1985.

Estimado Companheiro:

No final de novembro próximo, vai se realizar em Roma um sínodo especial dos Bispos. O objetivo desta reunião de Bispos do mundo inteiro é estudar os resultados da aplicação do Concílio Vaticano II.

Para a preparação deste sínodo, foi enviado de Roma um questionário, que coloca perguntas a respeito de cada um dos documentos publicados pelo concílio. É importante a gente estudar bem as questões e responder com clareza, acentuando os passos positivos da caminhada, as realizações que o concílio tornou possíveis, os impulsos recebidos dele. Por isto enviamos a vocês um roteiro, para tornar compreensíveis aos companheiros o espírito das perguntas.

Como as respostas têm que ser entregues em setembro aos Bispos brasileiros, o espaço para devolver os questionários respondidos vai só até 19 de agosto.

Esta reflexão virá contribuir certamente para a caminhada conjunta de todos nós.

Muito obrigado.

PM Oliveira

P/Comissão Nac. de Pastoral Operária.

ROTEIRO PARA COMPREENDER AS PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO:

1. As quatro primeiras perguntas dizem respeito aos resultados gerais da aplicação do Concílio. Muita coisa "nova" está sendo feita: reflexão sobre a Bíblia, cursos de Bíblia, organização de grupos para reflexão sobre a vida operária à luz da Bíblia.
- Descrevendo os grandes passos da caminhada, você estará respondendo às perguntas chamadas de "gerais", e ao mesmo tempo à primeira pergunta "particular", que diz respeito à leitura da Bíblia.
2. A segunda pergunta tem como objetivo as relações para com os Bispos e Agentes de Pastoral. A gente procura ajudá-los? Como? É importante saber o que eles têm feito de bom para a militância de cristãos no meio operário. (2,3)
3. Outro assunto é a "formação": como é que conseguimos formar gente nova engajada na PO? Como cultivamos o espírito cristão na luta por melhores condições de vida operária? Que papel tem a Igreja e os ensinamentos dela? (perguntas 5, 6 e 9)
4. Como é que o grupo de vocês faz as celebrações? Elas são fruto da caminhada? Conseguem renovar o compromisso com o Espírito Cristão? (4)
5. Nossa caminhada se realiza também entre pessoas que ou não são católicas, ou às vezes nem ligam para a religião: Que desafios esta vida de operário traz para a sua fé? Como é que vocês tem procurado viver o compromisso de cristãos no meio operário? A Pastoral Operária é presença de Igreja no mundo operário: Que frutos esta presença está trazendo? (7, 8).

RESULTADOS

DA

ASSEMBLÉIA NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA
(Rio de Janeiro, 3 e 4 de dezembro de 1983)

1
B. Past. Opa
8306

I. PLANEJAMENTO PARA 1984.

. Prioridades assumidas para 1984

O Plenário assumiu as quatro seguintes prioridades:
DESEMPREGO, SINDICALISMO, FORMAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA.

. Encaminhamento das prioridades

.1. DESEMPREGO

A Assembléia Nacional da PO conscientizou-se de que o desemprego é uma consequência grave do modelo Político-econômico do Brasil. Para enfrentá-lo decidiu:

- dar maior empenho na organização de desempregados por bairros (onde existe) e organização política dos mesmos.
- que se promova a ajuda mútua (através de hortas comunitárias, etc.).
- que haja integração com outros movimentos.
- que se sensibilize a população sobre o problema do desemprego.
- que o desemprego seja assumido pelos sindicatos e CUT.
- que se organize e se promova Gincanas, divulgação nas missas, celebrações, caravanas, que se crie comunidades de trabalho para que o trabalhador não seja disvinculado de sua categoria.
- que se crie frentes de trabalhos; que se continue ou se organize a luta pela isenção de taxas (água, impostos), prolongamento do prazo do INAMPS etc.
- que se realize assembléias em massa jogando as autoridades no meio.
- que se crie comitês de luta contra o desemprego e formas de protestos locais.
- que na luta contra o desemprego haja assessoramento político.
- que, por todos os meios, se lute pelo salário desemprego.
- que se apóie a ocupação de terrenos baldios.
- que se lute pela diminuição da carga horário de trabalho (40 horas semanais) sem diminuição do salário.
- que haja uma campanha política contra o desemprego.

2.2. SINDICALISMO

- Quanto a CUT - ajudar a implantação da CUT através de palestras, seminários e subsídios.
- Quanto a Sindicalização - realizar trabalhos nos bairros, visando a formação sindical para apoio ao Mov. Sindical autêntico. Que isto se realize através de Cursos e Palestras sobre a história do Sindicalismo e sobre a Memória da luta operária.
- Que se faça um levantamento de dados sobre as datas de eleição sindical e campanhas eleitorais.
- Que se promova e incentive a participação da mulher no sindicato.
- Quanto à Oposição Sindical - que se participe e/ou apóie as oposições autênticas, combativas e democráticas. Que se dê apoio às associações de classes como domésticas, professores, etc.

2.3. FORMAÇÃO

- que se promova Cursos Específicos sobre a metodologia e técnicas de dinâmica de grupos.
- que o Encontro de Assessores redefina a metodologia.
- que se recolha as experiências e se passe essas experiências, apuradas pelos assessores, para outros estados.
- que se fortaleça as equipes de assessorias estaduais.
- que se organize e promova cursos de agentes da PO.
- que a Secretaria Nacional envie endereços do SIN (Serviço de Informação Nacional de Petrópolis e outras entidades encarregadas de informação, como também o endereço das Dioceses onde a PO atua, para que a comunicação e informação se dê, contornando o atual impasse dos Meios de Comunicação e Correio.

2.4. REFORMA AGRÁRIA

- que a Campanha pela Reforma Agrária seja realizada em mobilização conjunta CPO/CPT.
- que se elabore subsídios sobre a Reforma Agrária, o problema do trabalhador do campo e da cidade.
- que se apóie o movimento dos SEM-TERRA. Este apoio seja apoio leal, efetivo, concreto.
- que se ajude na articulação dos Bóias-frias.
- que se divulgue: o Estatuto da Terra. Os Documentos da CNBB sobre a terra, Documentos da CUT, Documento do 3º Congresso dos Trabalhadores Rurais.
- que a PO participe da Coordenação Nacional da Reforma Agrária.
- que se incentive formas de resistências.
- que se apóie a luta pelo Solo Urbano.

OBSERVAÇÃO: A Assembléia Nacional da Pastoral Operária entende que a Reforma Agrária é uma questão prioritária, não só para o homem do campo, mas também para o trabalhador da cidade, pois, nela se engloba a luta pelo solo urbano e pela casa própria. Além de contribuir essencialmente para desinchação dos grandes centros urbanos e solucionar a questão do desemprego no País. Alertados pelo companheiro da CPT, a CPO deve procurar uma definição clara sobre que tipo de Reforma Agrária se quer. Pois, o Governo também diz que faz Reforma Agrária. A nossa Reforma Agrária não aceita soluções de colonização, onde o grande latifúndio permanece intocável e improdutivo. É também, preciso se pensar sobre que tipo de leitura se deve fazer do Estatuto da Terra, pois há duas linhas de leituras.

Artigo retirado do Boletim

Diocesano:

Praga do Carmo, 36 - 2.ª andar
 Santo André - SP
 09000

Fone: 449.2077

P. Agostinho

B. Past. Opa.
B. 0.57

OK

ENCONTRO NACIONAL DE AGENTES DA PASTORAL OPERÁRIA

Local: Colégio Assunção, Santa Tereza - RJ.

Data: De 08 a 11 de julho/86

O Encontro Nacional de Agentes da Pastoral Operária aconteceu no Rio de Janeiro, no Colégio Assunção, nos dias 8 a 11 de julho/86.

O encontro contou com a presença de padres, freiras e alguns liberados estaduais, num total de 62 pessoas. Compareceu também o bispo D.Vital de Itaguaí, RJ, dando seu apoio e incentivo.

1. Representação estaduais

Estavam presentes agentes vindo de vários estados do Brasil onde a PO atua: RS, SC, PR, SP, RJ, MG, MT, BA, PE, PB, RN e AM. Este fato fez com que houvesse uma troca de experiência bastante positiva entre os participantes. Com um grupo menor do que no ano passado pode-se trabalhar melhor o tema do encontro que foi a "Pedagogia e a Metodologia da Educação Popular."

2. Objetivo do Encontro

Coube ao Pe. Agostinho expor os objetivos deste encontro. Ele acentou que a intensão primeira da CPO, ao organizar os encontros de agentes, foi reunir um grupo de agentes que têm opção pelo trabalhador. Isto é um fato muito importante para a caminhada da PO, pois se trata duma contribuição dos agentes para a libertação do povo.

A partir disso, Agostinho acentuou dois objetivos principais:

- a) Fazer com que a PO se torne uma prioridade na agenda dos agentes tendo a consciência de que a CPO faz parte da ação libertadora através do anúncio da chegada do Reino.
- b) Dar neste encontro um passo significativo colocando o saber à disposição para o que der e vier. Daí a necessidade de se sair deste encontro mais articulados.

3. Pedagogia e Metodologia da Educação Popular

Foi convidado para assessorar o estudo sobre a "Pedagogia e Metodologia da Educação Popular" o companheiro Barreto da Equipe de Paulo Freire. Durante dois dias procurou-se modificar a maneira de encarar a educação popular e fazer um desafio para a questão da metodologia.

Iniciando a reflexão sobre este tema tomou-se como ponto referencial a escola por ser este referencial o mais forte da educação e também porque todo conhecimento parte do conhecido para o conhecido. A questão foi assim colocada: "Segundo a nossa experiência para que serviu a escola?". A reflexão foi feita em grupos. Chegou-se ao seguinte levantamento:

PLENÁRIO Nº 1

Pontos positivos

- para não ficar burro
- ensinar a escrever
- ensinar a sociabilidade
- proporcionar a politização
- abrir horizonte para participação (ensino universitário)
- dominar o discurso
- reter informações
- verbalização

Pontos negativos

- não ensina a "ler" a realidade
- colabora com o sistema
- ensina a ser bom, obediente e submisso
- ensina a competição
- subir na vida para ignorar outras classes
- discriminação entre prof./aluno
- desacultura
- afasta do meio original
- autoritarismo

Fez-se um exercício testando estes Ítens para outras instituições. Chegou-se a conclusão de que a educação não se contrapõe à outras instituições, pois, quase todos itens levantados servem para instituições como: Igreja, sindicato, fábrica, etc.

Conclusão esta parte:

- a educação está inserida no contexto político. Mais do que isto, ela é uma questão política.
- temos quase a certeza de que quem sabe transmite a quem não sabe.
- A escola conservadora diz que conhecer é reproduzir o saber.
- Será que conhecer é isto? O que é conhecer?

Para aprofundar esta questão, fez-se pequenos grupos para analisar que conhecimentos possuímos da caneta "bic" que usamos diariamente. A partir desse exercício verificou-se que:

- além de ser um ato político que conserva e muda, a educação é um ato de conhecimento. Este conhecimento não é simples fotografia do que se vê, mas uma imagem relacionada com conhecimentos anteriores.
- Chega-se ao conhecimento através da síncrese (que é o conhecimento imediato, intuitivo), da análise e da síntese.
- Para se conhecer o objeto (caneta, por exemplo) a aparência não é suficiente. Tem-se que dividir em partes e estabelecer relações.
- O conhecimento nunca está acabado e pronto.
- Todo conhecimento é um ato de criação único, e nunca mais é o mesmo após este ato.
- Para a escola tradicional o conhecimento é um ato de reprodução.
- A realidade é a mediadora do conhecimento.
- Não há como conhecer sem ajuda do outro.
- O que estimula as pessoas a não pensarem é o ato autoritário!
- A relação ideal entre educando-educador é dialógica, isto é, de igual para igual.

Outra questão levantada e refletida em grupos foi: estamos sendo educadores enquanto agentes da PO? Quais as dificuldades?

PLENÁRIO Nº 2

Todos os grupos chegaram à conclusão de que são educadores, em bora nem sempre ajam com os métodos adequados que a educação popular oferece. Muitas vezes, diante de algumas circunstância, assume-se atitudes de dependência da autoridade (agente).

Levantou-se algumas dificuldades decorrentes desse trabalho:

- falta de revisão;
- não há clareza quanto ao papel do agente;
- não há uma sistemática da formação. Falta acompanhamento;
- atua-se como "bombeiros" somente apagando fogo. Falta linha e metas;
- não se respeita a caminhada do trabalhador tendo em vista seu estágio de conscientização. Há um espaço vazio entre os iniciantes e aqueles que estão mais à frente: por exemplo, este encontro está acontecendo sem ligação com o anterior. Tudo parece novo e pela primeira vez.
- A Igreja não assumiu prá valer a formação do leigo;
- observa-se que as reuniões da CPO não são organizadas;
- não existe uma reflexão sobre a fé na PO. A Igreja deve dar sua contribuição;
- falta ligação da CPO com as mulheres e os desempregados;
- há o grande desafio hoje que é as eleições e a Constituinte. Deve-se levantar a questão da participação da Igreja na política;
- As CPOs estaduais não se encontram, não revisam o trabalho, não se sentam para discutir.

Dessas questões levantadas escolheu-se duas para se aprofundar:

- 1) A metodologia da PO: agentes, militantes e trabalho em grupo.
- 2) Eleições e Constituinte: qual o projeto da PO?

METODOLOGIA DA CPO

- Há um contraste: a reunião é um instrumento dos movimentos populares, porém, ela não é da cultura popular. O povo não está acostumado às reuniões.
- As reuniões sempre têm um ritual. Geralmente, usamos de certo autoritarismo para se chegar aos objetivos.
- Meios para a reunião não falhar:
 - . evitar o mito de que "todos têm que falar".
 - . não é conveniente falar um depois do outro.
 - . ter o cuidado com o falador externo (pessoa convidada)
 - . debates acirrados podem ser bons, os participantes ficam numa posição ou noutra e afinam suas idéias.
 - . ter paciência reconhecendo que o povo não tem costume de reuniões. É importante ouvir o que o outro tem a dizer.
- a linguagem: apresentar conceitos com exemplos.
- a memorização é importante em função do que passou e daquilo que virá.

- avaliação: teorizar a prática.
- método: ter clareza no objetivo da reunião

ELEIÇÕES E CONSTITUINTE, PROJETO POLÍTICO DA PO

Outro ponto discutido foram as eleições e a constituinte.

A discussão foi muito rica. Acentuou-se que não se deve alimentar ilusões sobre a nova carta constitucional. Mas, o movimento popular tem uma luta imensa pela frente.

O atual momento de eleições pode ser encarado como um momento propício de educação popular. A Constituinte, com participação do povo, livre e soberana, foi usurpada. Mas deve-se fazer um anúncio das propostas de luta e compromissos que o Movimento Popular tem para a sociedade.

O trabalho de boca de urna, se antecipado pela conscientização, é necessário e também faz parte do processo educador.

Levantou-se então alguns critérios, como sugestão, para serem refletidos e analisados na base. Esses critérios se referem aos candidatos que merecem o apoio de todos os que lutam, para transformar a sociedade, no movimento popular, sindical e eclesial.

- apoiar aqueles candidatos que fazem de sua própria campanha um processo educativo e politizador. Não são simples catadores de votos.
- apoiar aquela campanha que não está separada da luta do trabalhador dentro do Mov. popular e sindical.
- merecem ser votados aqueles candidatos que representam a classe trabalhadora, que tenham a prática de consciência classista e que estejam na defesa de bandeiras básicas, como: Reforma Agrária sob o controle dos trabalhadores; redução da jornada de trabalho (40 horas semanais); estabilidade no emprego; seguro desemprego para todos, etc.
- que tenham uma visão de libertação da opressão, defendendo não só os direitos dos trabalhadores, mas de todos os marginalizados como: negros, mulheres, índios, migrantes, sem terra, enfim, os Direitos Humanos.
- que tenham uma ação coletiva dando consciência de que sua candidatura é do povo que o elegerá. Por isso, deve-se colocar para os candidatos que tipos de lutas a gente quer que o candidato assuma.
- na ação educativa deve-se trabalhar para eliminar o pensamento comum de que o militante, agora candidato, estava antes interessado em sua candidatura ao atuar no movimento popular e sindical.
- dizer em quais partidos se pode votar. Ter o cuidado em valorizar aquelas pessoas que, mesmo estando noutro partido, são bons, estão na luta, comprometidos com a causa do trabalhador.
- não perder a história do povo, que sempre foi enganado, iludido pelos poderosos. O exercício da democracia acontece na base.

4. Celebração e Espiritualidade do Trabalhador

Iniciou-se a segunda parte do encontro com um dia todo para reflexão sobre a espiritualidade do trabalhador. Na oração inicial do dia foi ao redor da camisa ensanguentada do Pe. Ezequiel. Surgiram, após um silêncio profundo, depoimentos das experiências de fé.

Pe. Rogério fez uma recapitulação dos dois dias de estudos sobre a "Pedagogia e Metodologia da Educação Popular" ligando os termos "síncrese, análise e síntese" com "prática-teoria-prática" ou "ver-julgar-agir" ou ainda, de acordo com a Teologia Moral, "consciência-discernimento-decisão".

Depois, foram dadas tarefas a serem refletidas em grupos:

- Gr.1: encenar uma situação de vida operária
- Gr.2: encenar uma situação de agente de PO
- Gr.3: encenar um momento da reunião de um grupo
- Gr.4: encenar a preparação de uma celebração

PLENÁRIO Nº 3

- a maneira mais simples de manifestar a espiritualidade é rezar para os santos na hora do aperto;
- o fato de perder o emprego é doloroso e vergenhoso;
- que tipo de espiritualidade se pode viver frente a questão da sobrevivência quando o trabalhador tem que vender tudo de dentro de casa?
- há uma solidariedade do trabalhador entre si, sempre atendem ao companheiro em situação de afogo;
- a dor é grande, o sofrimento é grande, não se sente o peso da opressão e da exploração (o trabalhador já está celejado);
- é no momento de grande dificuldade que experimenta-se a presença de Deus;
- a espiritualidade se apresenta também em forma de oração. Mas sabe-se que a oração é toda ação que gera a justiça. Desafio: como ajudar o trabalhador, que sabe que toda ação geradora de justiça é oração, mas que, às vezes, essa justiça não é prá ele?
- encontramos já nas crianças de famílias militantes operários o espírito de partilha;
- o que é esta espiritualidade do trabalhador? Um operário deixou de frequentar a Igreja quando viu o vigário puchar o saco do patrão que o despediu do trabalho;
- falta na gente uma reflexão de família sobre os posicionamentos do casal porque, às vezes, o dinheiro fala mais alto;
- nossa Igreja é muito rural. Nos sensibilizamos muito mais por questões da terra do que por questões do mundo do trabalho;
- a questão sobre Deus (quem é, como se manifesta) é um mistério;

- como é possível saber que há um Deus do lado dos miseráveis se são os ricos que têm saúde, bem-estar, casa e comida?

Assessoramento do Pe. Rogério:

- colocamos aqui uma teoria teológica de nossa prática. Ninguém disse que encontrou Deus dentro da igreja;
- a vida rural está ligada à natureza. A vida operária deve ligar a sua espiritualidade à justiça social. A espiritualidade rural está mais ligada à Bíblia, a operária não. A Bíblia é uma experiência rural.
- Não se pode definir nem espiritualidade, nem Deus. Surge então a pergunta: como falar e como pensar sobre estas questões? Isto é um desafio.
- A reflexão em torno da espiritualidade foi marcada por duas atitudes: silêncio e depoimento de vida. Estas atitudes vieram da própria experiência. Mas não é só a experiência, da experiência vivida por muitos, houve alguém que a interpretou a nível de fé (isto é, foi tocado pela graça). Dessa experiência interpretada na fé colocamos oito tipos diferentes de imagens de Deus:
 - 1) Deus ausente que faz aguentar as dificuldades;
 - 2) Deus ainda ausente que além de fazer aguentar, faz resistir;
 - 3) Deus ausente que faz reagir e pagar o preço (cruz);
 - 4) Deus presente que faz ser teimoso na dor e na cruz;
 - 5) Deus presente que dá alegria (festeja e esta festa não é suportada pelo inimigo);
 - 6) Deus festa, que celebra e evangeliza (isto é, anuncia a presença de Deus);
 - 7) Deus dos pequenos, os pobres que são explorados na história;
 - 8) Deus gratuidade.

PLENÁRIO Nº 4

Este plenário refletiu sobre o relacionamento de militantes, agentes e bispos e mostrou como estão se desenvolvendo as celebrações dentro do contexto do mundo do hoje.

- nossas agendas estão sempre cheias;
- somos irmãos na luta, mas não somos irmãos para se ajudar;
- como conciliar o compromisso com a PO com outras pastorais (CPT, Catequese, família, etc)?
- não temos tempo para parar e nos formar verdadeiramente;
- não temos, muitas vezes, um objetivo claro da reunião;
- não estamos em função dos novatos. A PO caminha ignorando os que estão iniciando;
- não podemos fazer tudo ao mesmo tempo, devemos dividir o trabalho (dentro do grupo, responsabilizar uns pelo sindicato, outros com os partidos, e ainda outros pelo movimento popular, etc).
- Perigo do clericalismo. O padre e a freira são a referência. Não deixar crescer em nosso meio a dependência do agente religioso. Esta dependência surge muito porque a Igreja tem os instrumentos (mimeógrafo, salas, carro, etc).

- o agente religioso tem mais facilidade de falar com os outros religiosos;
- é necessário trabalharmos para conseguirmos maior compromisso dos bispos;
- como conduzir a celebração da liturgia na comunidade para a espiritualidade (vida) operária?
- como direcionar a opção das congregações religiosas para o compromisso com os trabalhadores?
- é preciso ter bem claro que a CPO é uma pastoral no campo social da Igreja. Ela (a CPO) não se integra na vida interna da Igreja, mas se estrutura como novo estilo de ser Igreja.

Quando acabaram-se estas discussões, as mulheres presentes levantaram um sério questionamento a respeito da situação da mulher dentro da CPO. Foi visto:

- que nos Mov. de base quem decide e manda é o homem trabalhador. Pouco se faz tendo em vista a mulher trabalhadora;
- há ainda muitos dos companheiros com atitudes machistas dentro de casa e nas reuniões;
- muitas vezes a presença da mulher é de auxiliar, não de participação e decisão;
- em todos os nesses encontros da CPO há uma percentagem muito pequena de mulheres participando, por que isto? Será que a CPO ainda tem a visão de que o mundo do trabalho é próprio do homem?
- encontra-se também situação da mulher dependente e submissa ao homem dentro de todo trabalho pastoral. A estrutura da Igreja é machista e o trabalho nas comunidades, nas paróquias e dioceses revelam sempre um trabalho secundário para as mulheres. As próprias freiras estão à frente das paróquias para trabalhar, na hora de decidir são os padres que decidem.
- o militante nem sempre encara a militante como companheira de luta com direitos e participações iguais.

A reação dos homens foi muito firme:

- a libertação da mulher não deve ser um presente dos homens, mas uma conquista sem privilégios;
- na CPO os militantes se esforçam muito para romper com essa desigualdade. A desigualdade existente é fruto ainda da própria estrutura da sociedade que não foi rompida, da luta da mulher que ainda não é suficiente, do próprio empenho dos homens que ainda é pouco.
- percebe-se que dentro da família dos militantes existe uma vivência da igualdade homem/mulher maior do que a existente fora da PO. Isto deve ser aproveitado para conquistas maiores.
- muitas vezes a problemática da libertação da mulher é colocada pela própria mulher em termos de competição e de vitória e não de igualdade. Será que se cai no outro lado, isto é, a luta das mulheres tendendo à sub

missão do homem?

- A questão levantada aqui deve ser levada em todos os nossos trabalhos e em todos os nossos grupos para que a mentalidade mude mesmo.

5. Reflexão sobre a Proposta do Plano de Formação da CPO Nacional

Dedicou-se toda uma manhã para se refletir em torno do Plano de Formação da Pastoral Operária. Reuniu-se em grupos por regionais.

PLENÁRIO Nº 5

- de um modo geral os grupos reunidos chegaram a conclusão que se deve trabalhar mais para colocar o Plano de Formação em prática. Muitos regionais estão neste esforço. No entanto, outros regionais ainda não conseguiram colocar em seu calendário o Plano de Formação;
- sente-se a necessidade de uma articulação melhor entre os diversos estados que compõem o regional para colocar em prática o Plano de Formação;
- alguns acharam que o terceiro nível é muito discutível;
- deve haver uma cobrança da CPO Nacional de como se está executando o Plano de Formação;
- uma problemática que se levanta: como acompanhar os novos?
- cada estado deve elaborar seu plano de formação e trocar experiências entre os estados do seu regional;
- é plano da nacional fazer formação em nível mais aprofundado. Para isto está em discussão um "Projeto de Formação e Capacitação" a ser aplicado em cursos mais extensos (entre uma ou duas semanas) durante um ano todo;
- deve-se envolver mais os padres e freiras na questão dos agentes.

O Encontro encerrou-se às 12 horas do dia 11/07/86. Todos se despediram alegremente, esperando se reencontrarem no próximo ano.

* * * * *

Duque de Caxias, 07 de agosto de 1986.
Secretariado Nacional da Pastoral Operária

E. Ho. Op.
3056

Encontro Nacional de Pastoral Operária

Dias: 6 e 7 de dezembro de 1980

Local: Casa do Cenáculo-Rio de Janeiro - RJ

Participantes por Dioceses:

- 1- Tubarão (Criciúma) SC
- 2- Caxias do Sul - RS
- 3- Manaus - AM
- 4- Curitiba - Pr
- 5- Vitória -(Colatina) ES
- 6- Fortaleza - CE
- 7- Volta Redonda -RJ
- 8- Chapecó - SC
- 9- Juiz de Fora - MG
- 10- Joinville - SC
- 11.-Porto Alegre (Cachoeirinhas) - RS
- 12- Santo André (S. Bernardo) - SP
- 13- Nova Iguaçu - RJ
- 14- João Pessoa - PB
- 15- Florianópolis - SC
- 16- Rio de Janeiro - RJ
- 17- Mogi das Cruzes (Guarulhos) - SP
- 18- São Paulo - SP

1 - REFLEXÃO - A partir de um texto do Documento de Puebla e um texto dos Atos dos Apóstolos.

2- AVALIAÇÃO - A partir do Relatório da Comissão de Pastoral Operária que os participantes tinham em mãos, foi feita uma síntese da caminhada feita até agora pela Pastoral Operária do Brasil, desde que se iniciou.

3- AVALIAÇÃO POR DIOCESE - Os participantes das diversas dioceses presentes apresentaram síntese dos trabalhos de Pastoral Operária feitos em suas cidades ou regiões:

a) CRICIUMA- SC - O trabalho da Pastoral Operária é novo e ainda em organização. Está nascendo na base. A participação de um encontro em Florianópolis animou a que se começasse o trabalho lá.

b) CAXIAS DO SUL - Existe a JOC que funciona há 4 anos e a ACO com 6 meses de existência. Há uma grande preocupação em como a mulher pode contribuir e ajudar nos problemas da família. Assim é feito um trabalho com as donas de casa. Entre os Sindicatos existentes estão: Bancários, Gráficos, Fiação e Tecelagem. Os operários metalúrgicos se organizam. O magistério gaúcho fez greve durante 3 semanas. Contou com o apoio da Igreja. A greve saiu vitoriosa e seu encerramento foi com a realização de um Culto Ecumênico. Funcionam também Associações de Bairros.

c) MANAUS - AM - A realidade de Manaus é a seguinte: Há cerca de 80.000 operários, onde 70% são mulheres. Por isso está surgindo um grupo de conscientização da mulher na família e em todos os setores. O trabalho da Pastoral Operária começou partir de um movimento chamado ELO. É um movimento que faz retiros só com operários. Deste retiro, 49 operários se interessaram em iniciar o movimento operário. Em 1980, houve o Congresso Leigo do Amazonas. A Pastoral Operária foi o ponto alto deste encontro. Várias idéias surgiram: - Núcleos de bairros e 6 bairros já estão sendo atingidos na periferia; Trabalho em conjunto com a CPT. Na semana do Operário foram passados filmes em 6 paróquias. Surgiu também nos metalúrgicos a oposição sindical.

d) Curitiba -PR - A Pastoral Operária está caminhando em Ponta Grossa e Jacarezinho. Os trabalhos se concentraram nas oposições sindicais devido a importância de ganhar esse espaço. A Oposição sindical da Construção Civil ganhou as eleições. Os metalúrgicos, apesar de todo o trabalho feito não conseguiram ganhar as eleições. A Pastoral Operária tenta se estruturar novamente. Realizam encontros estaduais.

e) Fortaleza - CE - A Pastoral Operária ainda é muito pequena e inexpressiva. Atualmente a situação é bastante difícil. Os problemas que o operariado enfrenta são grandes. A Pastoral Operária acompanha dois trabalhos de bairros. Está penetrando em 2 sindicatos e paróquias.

f) Colatina - ES - Cidade do interior com 70.000 habitantes. A Pastoral Operária começou a partir do momento em que os operários sentiram falta de espaço para refletirem seus problemas. Procuraram a Igreja. Dificuldades: Falta conhecimento sobre Pastoral Operária, falta consciência de classe, não há sindicatos. Sente-se a necessidade de se reunir por categorias. Há o desejo de integrar os trabalhos de Vitória, Guarapari e Colatina.

g) VOLTA REDONDA - A cidade conta com 40.000 operários metalúrgicos e 20.000 na construção civil. Existem Comunidades de base, clube de Mães, Associações de bairros. Na Construção civil há 8 grupos específicos de Pastoral.

h) CHAPECÓ - O trabalho de Pastoral Operária começou há pouco tempo. Padres e bispos apoiam muito o trabalho com operários, posseiros e índios.

i) JUIZ DE FORA - MG - Em agosto de 79 a Pastoral Operária foi organizada e ficou um pouco embananada sem saber bem o que seria Pastoral Operária e ACO. O trabalho continua em fase de organização. Procura-se dar atenção ao sindicato e apoiar as greves. Falta trabalho de base e maior clareza sobre o objetivo a ser alcançado. De dois em dois meses se faz encontros sobre sindicalismo, custo de vida, questões políticas.

j) JOINVILLE-SC - A cidade tem cerca de 80.000 operários. Muitos são metalúrgicos, pedreiros, mecânicos. Os encontros são locais e estaduais. Dificuldades: Oposição com pouca gente atuando; falta assessoria; falta entajamento político do militante. Muito desemprego; Medo de entrar para a Pastoral Operária. Os trabalhadores são interrogados sobre a sua atividade na Igreja. Conforme o depoimento é despedido.

l) PORTO ALEGRE RS - O pessoal chega de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Chegam sem organização, sem experiência de luta. Muitos não se adaptam na fábrica. Logo são desempregados. Ou voltam para onde vieram ou passam a trabalhar na construção civil. Não se tem apoio da Igreja como tal. Apenas apoio de alguns padres. Já existe trabalhos de bairros. Como tem muita gente na construção civil são realizados cursos a partir dos interesses deles. Alguns cursos são sobre leis trabalhistas.

m) SÃO BERNARDO - SP - Formação do fundo de greve. Com a ajuda da Pastoral Operária os dois fundos (Sto Andre e S. Bernardo) conseguiram se organizar como associação que permite que o trabalho continue. Foi organizado também o Comitê de solidariedade ao trabalhador em geral. Iniciou-se encontros com todos os padres e agentes da pastoral da Diocese só sobre Pastoral Operária. Nesses encontros discute-se o que é pastoral operária, os problemas operários. Sempre vai um operário. Pastoral Operária e ACO estão muito unidas.

n) NOVA IGUAÇU - 1,500.000 habitantes. Poucas fábricas. Cidade dormitório. Já passou o primeiro momento de formação. A questão agora é como manter. A prioridade é a formação de agentes de pastoral. Existem cursos de orientação para o trabalho, formação econômica e sindical. Grupos de padres e freiras se comprometem com a classe operária

o) JOÃO PESSOA - PB - 400.000 habitantes. Situação de desemprego e sub-emprego decorrente da expulsão dos posseiros para dar lugar ao Pro-Alcool e ao gado. Esse povo vai morar nas favelas ou nos mangues e vão trabalhar na construção civil onde são muito explorados. A Pastoral Operária tem mais ou menos 3 anos de fundação. Existe a CGT (Coordenação dos grupos de trabalhadores). É formada pelos representantes dos grupos de trabalhadores da construção civil, fábrica, inter-fábrica e bairros. Dificuldades: Não há consciência de classe. Movimentos de bairros envolvendo os operários. Partidos políticos que infiltram nas bases.

p) EORIANOPOLIS - SC - A Pastoral Operária é nova e muito fraca. Não desenvolve nenhuma luta. No momento a preocupação é organizar grupos, conhecer mais a realidade. Está ligada aos trabalhos de favela, bairros e comunidades de base. Dificuldades: subsídios para grupos, clero que não colabora.

q) RIO DE JANEIRO - A Pastoral foi oficializada em abril de 1973 embora antes já se fizesse a pastoral operária. Preocupações: criação de grupos de jovens trabalhadores. Formação de grupos por categorias. Existem 4 equipes de trabalho: formação; jornal; contato e expansão. Dificuldades: Como fazer a síntese: fé, política, evangelho, mundo operário. Existem várias categorias, como os antigos podem ajudar para o desenvolvimento dos novos?

+++++

4 - POLÍTICA ECONÔMICA DO GOVERNO (Piragibe Castro Alves)

1 - Contenção salarial (arrocho salarial) Salários bloqueados. Na indústria os salários diminuíram. A queda é constante nos salários e também na participação do salário no valor da produção.

Bases dessa contenção:

a) Abolição do direito de greve (amarrado na CLT), enquanto na Constituição é assegurado no artigo 158.

b) A CLT diz: "É nulo todo acordo que contrarie a política salarial"

c) Reserva de mão-de-obra.

Política deliberada do governo para fazer o povo sair do campo. Expulsão dos trabalhadores rurais faz pressão para o salário não subir. Em 1940 havia 800.000 assalariados agrícolas.

Dados fornecidos pelo IBGE:

Parte dos salários no Valor da Produção

1966 - 12,2%
 1970 - 10,7%
 1973 - 10%
 1974 - 8,7% (só da produção, 5,6%)

DIEESE

São Paulo

1963 - salário 100
 1976 - " 70

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

Rio

1963 - salário 100
 1976 - " 86

2 - Concentração da Renda

Beneficiou os que têm alto salário em prejuízo dos que têm baixo.

1970 - Dados fornecidos pelo IBGE:

Até um salário mínimo - 12 milhões
 Até 2 salários mínimos - 18,9 milhões
 Até 3 salários mínimos - 23,7 milhões

10 salários mínimos: 3% dos trabalhadores
 30 " " 0,3% dos trabalhadores

A camada de privilegiados se torna cada vez menor. A lei não diz qual é o maior teto de salário. Um diretor de uma firma em São Paulo, ganha até Cr\$ 800.000,00.

Concentração de renda para que? - Obter apoio da classe média na faixa de 15% da população. São as firmas que de repente começam a comprar as firmas menores. O mesmo se diz em relação aos bancos.

Outra consequência: a política da produtividade.

De 1960 a 1976 a produtividade aumentou 104%.

Desenvolvimento desigual: São Paulo tem 45,54% dos trabalhadores. e 56,1% do V P I (valor da produção industrial).

Problemas decorrentes: super exploração dos trabalhadores, êxodo rural, favelas, etc.

Para tentar resolver esses problemas, o governo adotou as seguintes medidas:

Polo siderúrgico de Vitória
 Polo petroquímico de Camaçari

3 - Projetos em execução:

Energia elétrica

- Polo energético do médio Paraná (as multinacionais todas estão financiando esse projeto.)

Projeto Carajás:

OCDE vai investir 32 bilhões de dólares em infra-estrutura. A produção será de 5 milhões de toneladas de aço
10 milhões de toneladas de aço
15 " " "

Maranhão, Piauí, Ceará serão atingidos nesse projeto.

4 - Monopólio da Terra:

Atinge o trabalhador do campo e da cidade.

5 - Internacionalização do capital

O capital está cada vez mais nas mãos das multinacionais. A taxa de inflação é de 107%.

Consequências que podem desmontar o sistema:

Crescimento da classe operária
Crescimento do assalariado agrícola
Êxodo rural - favelas
Monopólio da terra. ponto importante de disputa
Carência crônica dos trabalhadores - problema social

Política - Duas posições muito claras:

- a) Não é só sindical, nem só Pastoral Operária
- b) Os projetos do Governo são burocráticos. Ninguém foi consultado.

Propostas do Governo:

- a) Governo de união nacional
Aliança de classes dominantes
Base: reforma da constituição (Constituinte com Figueredo)
reforma agrária (com certas mudanças no estatuto da terra)
- b) Reforçar o controle dos trabalhadores
- reforçar o sindicato vertical (impedir que uma linha alternativa ganhe o Sindicato)
- criar um organismo de direção controlado pelo Ministério do Trabalho. (As Federações e Condições existem legalmente mas não funcionam. É preciso criar algo para que os Sindicatos e trabalhadores continuem amarrados)

Ter presente os seguintes dados:

- a) Somente no Paraná nos últimos anos 50,000 propriedades rurais foram liquidadas, incorporadas pelas grandes propriedades.
- b) Nos últimos 5 anos a perda salarial dos professores foi de 120%. Os professores têm menos poder, perdem mais.
- c) Os pequenos proprietários vendem para os médios e estes para os grandes.
Ex: Bamerindus - grande proprietário de terras no Paraná.

Comentário de D. Waldyr:

A realidade em que vivemos pode ser resumida em uma palavra: Injustiça. Uma realidade que não acontece por acaso, mas que é muito bem planejada, executada e protegida.

Diante dessa iniquidade a gente se pergunta sobre a missão nossa. As reações são variadas. Uns desanimam. Quem tem fé não aceita essa reação. Todo esse sistema de poder já mostre alguns sinais de fraqueza. O descontentamento é grande. A Igreja tem apoiado a manifestação dos pequenos. Essa força dos pequenos cria dentro do poder uma ginástica no sentido de controlar a massa. A classe média começa a engrossar o grito de insatisfação. Há uma faixa popular que foge totalmente do controle dos poderosos: Comunidades de base, organizações de bairro. A aspiração profunda que existe nos operários não conseguem abafar. A atuação e consciência nos problemas da terra vai mostrando que essa aspiração também não está abafada. O problema do índio não é mais um problema nacional, passou a ser um problema internacional.

Com o começo da abertura, achou-se que a Igreja passaria à sacristia tranquila, pois não teria mais nada que fazer. Mas nosso proceder é fundamentado no Evangelho e na fé. Sempre que houver a institucionalização da injustiça encontrará repulsa no Evangelho. Sempre estaremos capacitados a estar dentro dessa luta como profissionais e não como biscateiros. Maria disse: "Haverá de depor os poderosos de seus tronos e elevar os humildes" Esse grito de Maria projeta dentro de nós a esperança. O problema é ter sempre bem presente o que nos anima, nos fortalece.

+++++

A seguir, João Paulo Pires de Vasconcelos, contou a luta dos metalúrgicos de João Monlevade (MG), sua organização, seu Sindicato, seus fracassos, as repressões sofridas, as vitórias. (O Boletim nº 2 da CPO traz um relato e avaliação da greve de 79).

Algumas conclusões:

- O irrealismo do povo que fica só com teorias só prejudica.
- Respeito a todos os grupos de oposição - agir sempre em função da base e conscientizar. O trabalhador precisa tomar conhecimento não só do que acontece na sua fábrica. Conhecer todo o sistema econômico que pesa sobre ele. Ter um quadro concreto, uma proposta concreta no campo econômico e social.

+++++

Dia 07/ 12

RESUMO DAS PREOCUPAÇÕES E EXIGÊNCIAS (Levantamento feito a partir do exposto no dia anterior)

- 1- Como realizar a presença da Igreja, fermento na vida operária e ao mesmo tempo levar o trabalhador a se inserir nessa Igreja?
- 2- Como fazer permanentemente a ligação dos acontecimentos com os valores evangélicos?
- 3- Clareza maior nos grupos dos trabalhos também a longo prazo.
- 4- Necessidade muito grande de aumentar a nossa capacidade de ter uma visão crítica permanente da realidade.
- 5- Falta uma consciência de classe, Como suprir essa falta? Que meios usar?

- 6- Como levar o trabalhador a entender a importância de sua participação na luta do Sindicato?
- 7- Como impedir a utilização indevida de nossos trabalhos por grupos e Partidos? Evitar a instrumentalização da pastoral operária num sentido amplo? Essa instrumentalização seria também instrumentalização de um serviço da Igreja.
- 8- Garantir na Pastoral a prioridade do trabalho de base.
- 9- Como aplicar sistematicamente a revisão de vida no trabalho?
- 10- Necessidade de assessoria técnica nos nossos trabalhos (sociológica, econômica, gráfica, jurídica, etc.)
- 11- Dupla preocupação: garantir apoio a militantes fortemente engajados de um lado e de outro formar e manter os grupos novos.
- 12- Aprofundar nossa compreensão e visão de fé e política.
- 13- Vencer a religiosidade tradicional no meio da Igreja.
- 14- Que trabalho desenvolver junto a mulher operária?
15. Ter subsídios frequentes para alimentar nossos grupos de pastoral operária sobretudo os novos.
- 16- Que trabalho desenvolver para ajudar a unir os diversos grupos de oposição dentro do movimento operário?
- 17- Enquanto Pastoral Operária do Brasil, dinamizar as informações dentro da Pastoral.

+++++

PLANEJAMENTO DA PASTORAL OPERARIA

Trabalho em grupo a partir das questões:

- 1- Planejamento da Pastoral Operária por estado ou região.
- 2- Quais as propostas e exigências que a nossa região ou Estado faz à coordenação nacional?
- 3- Nas regiões ou Estado onde já há organização, indicar elementos que possam fazer parte da coordenação nacional.

- 1º grupo: Rio de Janeiro - Minas - Espírito Santo
- 2º grupo: São Paulo
- 3º grupo: Norte e Nordeste
- 4º grupo: Paraná - Santa Catarina- Rio Grande do Sul

PLENARIO

1º Grupo: Propostas: Intercâmbio entre as dioceses (1 ou 2 vezes por ano).

Subsídios para celebrações, batismo, encontro de jovens.

Foi marcada uma primeira reunião dos representantes do estado do Rio para o dia 29 de março.

Encontros diocesanos com a presença da comissão nacional para maior intercâmbio.

2º Grupo: São Paulo

Cada três meses realizar um encontro regional.
Ligar a equipe estadual - diocesana e regional
Boletim informativo a nível regional.

É quipe para planejar subsídios para grupos no us com experiências diferentes de início de grupos.

Equipe estadual ajudar a equipe cidade na caminhada dos grupos.
Cada cidade ter um plano que possa ser revisado e analisado.

Equipe estadual ter um plano pa a orientação de agentes de pastoral interessados em levar esse conteúdo para o seu trabalho.

3º Grupo: Norte e Nordeste

Ceará - Nada definido. Pretende continuar a ligação campo-cidade.

João Pessoa- Organizar mais por categorias;
Criar consciência de classe
Formação de operários engajados.

Manaus- Ainda não há planejamento
27 e 28/12 será a avaliação.
Ativar os trabalhos na base.
Engajamento no mundo do trabalhador
Campanha de oposição sindical
Continuar o Jornal "O Parafuso"

Sugestões:

1. Espiritualidade da Pastoral Operária
 - Igreja fermento na vida operária
 - revisão de vida
 - aprofundar visão de fé e política
 - vencer o tradicionalismo

- 2- A própria caminhada (passos)
 - visão crítica
 - consciência crítica
 - rever posições

- 3- Relacionamento da pastoral operária com outros grupos
 - articulação cidade-campo
 - não se deixar instrumentalizar por grupos ou partidos

Aumentar o nível de diálogo Pastoral Operária-JOC- ACO

4º Grupo: Região Sul

Rio Grande - Reunir o pessoal que trabalha com operários. Coordenação nível estadual.

Santa Catarina - Subsídios próprios para os grupos locais - assuntos relacionados com a realidade.

Paraná. CPO e Pastoral da terra
Elaborar subsídios com aspectos mais gerais: Problemas políticos e econômicos
intercâmbio entre as regiões
assessoria jurídica de confiança.

EXIGÊNCIAS PARA A CPO NACIONAL

- Esclarecer Pastoral Operária e Movimentos(JOC e ACO)
- Informes
- Subsídios vários

- Troca de subsídios entre as regiões
- Assessoria jurídica
- Planejamento nacional enviado às regiões
- Comunicação diretamente com os agentes da pastoral Operária
- CPO preparada para ajudar as bases diante da repressão
- Visitas da CPO com membros próximos da região
- Utilizar o "O São Paulo"
- Ajudar a articular os grupos nas regiões
- Material com mensagem bíblica
- Levar a CPO ao conhecimento das bases
- As bases darem sugestão para a CPO
- O planejamento do encontro a nível nacional deve ser mandado com antecedência para que os participantes possam providenciar a sua participação a longo prazo
- Pedir a CNBB que faça subsídios e passe para os bispos

Datas de Encontros:

Região Rio: 29 de março de 1981 - Rio de Janeiro

Manaus: Avaliação : dias: 27, 28 e 29/12de 1980

São Paulo: Encontro estadual de 3 em 3 meses

Juiz de Fora: Planejamento : 21 de dezembro de 1980

Obs: Anísio e João Carlos tiveram seus nomes indicados para fazerem parte da Comissão Nacional em nome de São Paulo.

PASTORAL OPERÁRIA - JOC - ACO

PASTORAL - É toda ação global da Igreja toda visando o cumprimento de sua missão própria. Essa missão própria da Igreja se faz no mundo e para o mundo. Ela pode ser distinguida em certas faixas. Uma delas é constituída pelos trabalhadores. É a parte operária do mundo. Toda e qualquer ação feita dentro da Igreja tendo em vista o cumprimento de sua missão no mundo operário é Pastoral Operária.

Uma das maneiras de se fazer Pastoral Operária é a JOC. Destina-se ao Jovem trabalhador. Outra é a ACO. Um outro meio é a pastoral operária. Nenhum desses meios esgota a Pastoral.

A Igreja é uma só. A Pastoral é uma só. Por que a Pastoral Operária não é uma só? - Podemos fazer uma mesma coisa de vários modos. O importante é que seja ação global da Igreja toda para o cumprimento de sua missão própria tendo em vista os operários. Pelo nosso instinto natural corremos o risco de achar que só o modo como trabalhamos é o certo. Esse instinto é muito reforçado pelo nosso modo de pensar. Na revisão de vida, ver quais as motivações que se tem. As dificuldades e questões terão que ser resolvidas no concreto de cada situação.

Os motivos da criação desses movimentos são diferentes, tem uma fundamentação diferente.

JOC e ACO foram criados com a perspectiva de que a classe operária é uma só em todo mundo. É um movimento que tenta responder a essa realidade. Tem uma estrutura e orientação internacionais. A pastoral operária não foi criada com esse pensamento e fundamentação. Foi a partir das Dioceses, dos bispos. A orientação é diferente. A estrutura é a partir das Igrejas locais.

Obs: Ficou marcado (dia 4 de abril de 1981) um encontro entre as equipes nacionais da JOC , ACO e a CPD. Será em São Paulo na sede da JOC.

BOLETIM DA COMISSÃO NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA

O Plenário se manifestou a respeito do Boletim:

- Vale continuar
- Deve trazer análise da conjuntura
- Deve trazer fatos da vida operária e contribuição vinda da base
- Fazer menos quantidade
- Manter características : letras grandes, ilustrações
- As bases ou dioceses assumirem financeiramente
- Usar material mais simples, barato e menor
- Elaborar subsídios para grupos.

FINANÇAS:

Ao final foi feito um breve relatório sobre as finanças, que estão sendo contabilizadas desde maio a partir da Diocese de Volta Redonda.

PROXIMO ENCONTRO DA COMISSÃO NACIONAL

Será nos dias 14 e 15 de março de 1981 no Rio de Janeiro em local a ser comunicado aos participantes.

720
C. P. 02
P3 017

Duque de Caxias, 21 de fevereiro de 1986

AS

Comissões de Pastoral Operária

Estamos enviando a vocês uma sugestão para a celebrar a Missa do centenário de 19 de Maio (texto sujeito a modificação de acordo com a realidade de cada estado, região ou Diocese).

Este texto é o fruto de longo trabalho e várias reuniões da equipe tirada na assembléia de setembro de 1985 da Pastoral Operária do Estado de São Paulo.

A Equipe de Formação da CPO Nacional reunida diâs 19/20 de fevereiro avaliou o texto e sugeriu reproduzi-lo e encaminha-lo aos regionais.

Este texto deverá servir de base, e é claro adaptado as condições e realidades de cada regional.

Qualquer sugestão ou mudança no texto favor enviar am a equipe de São Paulo aos cuidados de Pe Isao Yamamoto-Rua :
Irmã Serafina 88 -Cep:13.100 -Campinas -SP

Mivaldo D. Martins Cruz.
P/ COMISSÃO NAC. PAST. OPERÁRIA

Missa do trabalhador - 1º de Maio de 1986

" Cem Anos de Morte e Ressurreição da Classe Operária "

AVISO AOS ANIMADORES: Materiais que devem ser providenciados

1-Um cartaz em cartolina dura ou fixa para procissão de entrada . Bem legível -"CEM ANOS DE MORTE E RESSURREIÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA. Deve ficar como visual de fundo, atrás do altar durante a missa.

2-Uma cruz com 1,5 mt. de altura que pare de pé. É para a procissão de entrada. Deve ficar de pé ao lado do altar e na hora do ofertório será colocado o capacete na ponta de cima e a camiseta da CUT num braço e no outro uma camiseta em sinal de martírio.

3-Um capacete de trabalhador.

4-Duas camisetas, uma da CUT e outra tingida como se fosse manchada de sangue.

5-Um cartaz bem legítimo "CAPITALISMO , 200 ANOS DE EXPLORAÇÃO, VIOLENCIA E MORTE AOS TRABALHADORES". Será erguido bem visível durante as leituras do Ato Penitencial, atrás do altar.

6-Algumas ferramentas de trabalho e um maço de flores para colocar ao pé da cruz na procissão do ofertório.

1-APRESENTAÇÃO DA CELEBRAÇÃO

COMEN.

Irmãos, sejam todos bem vindos a esta celebração

Neste ano em que comemoramos o Centenário do 1º de Maio - Dia do Trabalhador, é importante recordar, na presença do Senhor a História desta data.

Em 1886, em Chicago, nos Estados Unidos, os trabalhadores fizeram uma greve geral para reivindicar: jornada de oito horas diárias de trabalho; proteção ao trabalho da mulher e do menor e exigir melhores condições de vida. Os patrões não atenderam as reivindicações e mandaram a polícia fortemente armada para reprimir o movimento. Prenderam os líderes e alguns foram ameaçados à morte e outros a prisão perpétua. Três anos depois, os operários de vários países reunidos em Paris dedicaram a data do 1º de Maio à lembrança dos mártires operários e consagraram como um dia de luta da classe operária.

Cem anos são passados, e hoje, reunidos, queremos celebrar juntamente com a memória do sacrifício de Cristo que deu a vida pela libertação do povo, a memória desses mártires de Chicago que deram a própria vida para mudar as condições desumanas de trabalho em que viviam.

Mas a luta continua, no sacrifício dos trabalhadores, que no dia a dia dão a vida por melhores condições de vida, na luta pe

las 40 horas semanais sem redução de salários, pelo reajuste trimestral, pelo fim das horas extras, por liberdade e autonomia sindical, pela reforma agrária, por uma constituinte livre e democrática que assegure leis que realmente defendam o direito do trabalhador, contra o desemprego, contra o pagamento da dívida externa.

Unidos na fé em Deus "que ouve os clamores do seu povo" e na alegria daqueles que partilham da mesma esperança, vamos celebrar a nossa história na certeza de que a graça de Deus nos fortaleceu na luta pela construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Só assim estaremos realizando o plano do Pai e construindo o Reino entre nós.

2-CANTO DE ENTRADA -(Sertão Seco ou Baião das Comunidades)

Procissão de Entrada: Os representantes das categorias profissionais fazem a entrada com a cruz à frente, a Bíblia com duas velas, uma de cada lado, o cartaz grande em cartolina ou faixas "CEM ANOS DE MORTE E RESSURREIÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA"; sentarão atrás ou ao lado do altar. Em seguida os seminaristas e demais celebrantes.

3-ACOLHIDA AO CELEBRANTE

DIR. (expontânea)

4-RITO PENITENCIAL

DIR:

Apresentamo-lhes ó senhor, as condições do nosso pecado e o pedido para reconciliar segundo a justiça do seu reino.

LEITOR 1

A favela cresce através do migrante! É o trabalhador do Campo que foge da fome e da morte.

Expulsos que fomos de nossas terras, seja pela força do dinheiro e da grilagem, seja pela violência das armas que já mataram milhares de nossos companheiros nesse processo, aqui estamos e somos hoje favelados... porque grandes empresas capitalistas implantam-se na terra, em prejuízo do trabalhador do campo. Continuamos vagando e em busca de um lugar onde viver, transformados em verdadeiros exercitos de mão de obra de reserva e de baixo salários. Somos parte dos 12 milhões de bóias frias, desempregados ou subempregados sem terra para plantar e sem casa para morar.

TODOS

Pela nossa falta de solidariedade e apoio às lutas camponesas para uma autêntica reforma Agrária, e pela nossa desorganização na defesa da reforma urbana dos mutuários.

CORAL

Senhor tende piedade de nós.

TODOS

Senhor tende piedade de nós

LEITOR "2"

No Brasil, a luta operária é considerada caso de polícia ou de segurança Nacional.

Os trabalhadores, quando lutam por melhores salários e condições de trabalho, são reprimidos, demitidos e até assassinados, como foi o caso de nossos companheiros: Santo Dias da Silva, líder operário; Margarida Maria, João Canuto, Raimundo, Natividade, líderes camponeses, todos da Pastoral; além de tantos outros companheiros nossos que nestes últimos anos derramaram seu sangue pela causa dos trabalhadores. Como Jesus, João Batista, e os profetas; são os mártires de hoje, mas até ^{quando} vamos permitir tanta matança, tanta impunidade dos que semeiam o ódio e a dor?

TODOS

Pela nossa incapacidade de conter tanta violência e falta de solidariedade aos que sofrem ameaças e perseguições.

CORAL

Senhor tende piedade de nós

TODOS

Senhor tende piedade de nós

LEITOR /3

O desemprego tem sido uma das armas mais fortes que os patrões utilizam contra a organização da classe trabalhadora.

Companheiros que se destacam na liderança, são demitidos, para desmobilizar o nosso movimento e venderem a imagem de que a greve só traz prejuízo para os trabalhadores que dela participam.

TODOS

Pela nossa falta de união dentro das fábricas para garantir a nossa estabilidade no emprego, e pela nossa falta de coragem na luta pela redução da jornada de trabalho.

CORAL

Senhor tende piedade de nós

TODOS

Senhor tende piedade de nós

LEITOR 4

Para a mulher, a situação é ainda mais grave porque exigem dela produção por salários menores, as vezes em trabalhos que violentam sua condição de mulher, muitas vezes marginalizadas e discriminadas como um objeto de exploração e vítima de chantagem e ainda sofre a discriminação até pelos próprios companheiros de trabalho.

TODOS

Perdão Senhor pelo machismo que cega a consciência de classe e causa injustiça às mulheres operárias.

CORAL

Senhor tende piedade de nós

TODOS

Senhor tende piedade de nós

DIRIG.

Deus pai todo poderoso, perdoe-nos os pecados e nos conduza à vida eterna. Amém

CORAL

Eu canto alegria Senhor de ser perdoado no amor

TODOS

Eu canto alegria Senhor de ser perdoado no amor

5-HINO DE LOUVOR

DIR.

Na alegria de sermos perdoados vamos cantar louvores ao Senhor. (canto Louvado Seja)

6-ORAÇÃO COLETA

DIR

Oremos

Senhor nosso Deus, que pelo trabalho de suas mãos criou o universo e conduz a história para a plenitude da liberdade.

TODOS

Celebremos a história do 1º de Maio, /o Centenário/da memória libertadora/da classe operária.

Lembramos ó Pai, /milhares de companheiros/mártirizados na luta contra a opressão/e a exploração do capital.

Lembramos-lhe os milhões de inocentes/vitimados de morte prematura/a cada ano/ pelo empobrecimento, /consequencia direta da lógica do capitalismo.

Rogamo-lhe/pela nossa caminhada/e muito que nos resta ainda/para estabelecer/em nossa sociedade/o direito e a justiça do seu reino.

DIR

Isto lhe pedimos por meio de Jesus Cristo que vive na história do/seu povo e na unidade do Espírito Santo. Amem

LITURGIA DA PALAVRA

7-1ª LEITURA BÍBLICA -Livro do Apocalipse 11,15-18(A sétima trombeta anuncia o Reino)

COMENT:

O livro do Apocalipse é tido como a carta do apóstolo João que estava na prisão, às sete comunidades Cristãs da Ásia.

É o tempo mais terrível da perseguição aos cristãos pelos poderes políticos e econômicos. Os que resistiam a dominação do Império, eram passados ao fio da espada ou devorados pelos leões nas arenas em grandes espetáculos públicos.

João e as comunidades resistiam com coragem e muita criatividade

vidade. Eles encontraram essa força no Cristo Ressuscitado, que reinará pelos séculos dos séculos; libertará os mártires, mas punirá exterminando os que corrompem a terra.

Que a mesma fé nos anime hoje a participar com coragem e criatividade na resistência a todas formas de dominação do capital.

LEITOR - Leitura do livro do Apocalipse Cap. 11, 15-18

O sétimo anjo tocou a trambeta. Ouviram-se no céu grandes vozes que diziam: "Chegou sobre o mundo o Reino de nosso Deus e de seu Cristo. Ele reinará pelos séculos dos séculos".

E os vinte e quatro anciãos, sentados diante do trono de Deus, caíram com o rosto em terra e adoraram a Deus dizendo:

"Nós te damos graças, Senhor Deus todo-poderoso, aquele que é e que era porque recuperaste o teu grande poder e entraste na posse do Reino. As nações se haviam enfurecido mas é chegada a tua ira, o tempo de serem julgados os mortos, de dar recompensa a teus servos, os profetas, aos santos e aqueles que temem seu nome, pequenos e grandes, e exterminar os que corrompem a terra." Palavra Senhor

TODOS : Graças a Deus

8-CANTO DE MEDITAÇÃO (CANÇÃO DE MARIA)

9-LEITURA DA MENSAGEM AOS TRABALHADORES

LEITOR

Por ocasião da celebração do Centenário do 1º de Maio - Dia de Luta; memória de libertação da classe trabalhadora, a Pastoral Operária que atua crescentemente na evangelização do mundo do Trabalho Urbano, não poderia deixar de dirigir essa mensagem-Clamor pela justiça entre as classes sociais; manifestação de fé e esperança na ressurreição, triunfo de possibilidade de vida sobre as imposições da morte.

Nesta memorável data, celebramos a dignidade humana do trabalhador, mas o fazemos com os olhos fitos na realidade vivida por milhões de irmãos que sofrem na carne as chagas abertas pela impositiva exploração capitalista. Irmãos que vêem seus filhos marcados pelos tristes e inequívocos sinais de morte, provocados pela marginalização, até na participação social essencial como direito de estudar, ter saúde, alimentação ou habitação decente.

Denunciando que estas condições de morte são frutos não do acaso, mas lucros de planos minuciosamente arquitetados pela classe dominante-seja explorando o trabalho com baixos salários, ou reprimindo a sua organização com demissões de lideranças, violência policial e também com tribunal subordinado pelo capital.

No plano político fomos golpeados no que tínhamos de mais esperançosos; o decreto da reforma Agrária-que a Nova República aprovou fazendo-a pior que o estatuto da Terra de 1964. E a emenda Constitucional nº 26 que roubou a Nação a Assembléia Nacional

Constituinte e a entregou para o congresso, até bionico, a tarefa de fazer a Constituição.

Apesar de tudo isto companheiros, coragem na caminhada A luta tem sido dura mas temos a nosso favor a crescente consciência de que a cada golpe sofrido devemos resistir com novas formas de organização.

Já sabemos dizer não, cruzando os braços e paralizando a produção. Quando nos roubam a Reforma Agrária o povo sem terra ocupa latifúndios, quando surrupiam a assembléia Nacional Constituinte o povo responde nas urnas demonstrando que há necessidade de fortalecer partidos que verdadeiramente defendem os interesses do povo trabalhador.

Esta grande luta contínua e convidamos você para as próximas batalhas: Campanha salarial e luta contra o FMI; a reforma Agrária e as eleições em novembro.

Vamos eleger gente nossa para governar o Estado e companheiros para o Congresso Constituinte. Nesta caminhada temos o objetivo-eliminar a dominação de classe, superar as causas das injustiças-Construir uma sociedade justa e fraterna. Sinal do Reino definitivo.

10-ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO:(canto:Tua Palavra)

COM.

No começo de sua vida Jesus vai para o meio de sua gente, Galiléia, lugar de trabalhadores pobres, povo oprimido. Na cidade de Nazaré anuncia o seu programa-o objetivo de sua missão.

Anunciar a boa notícia aos pobres:

- Libertar os que sofrem opressão
- Curar os doentes, aleijados e cegos
- Acabar com as injustiças e desigualdades, isto é, promover a partilha da terra e dos bens-o ano da graça do Senhor.

Os pobres se alegraram, mas outros não creram, só porque Jesus era um trabalhador, o filho do carpinteiro. E os mais incomodados partiram para a violência, queriam mata-lo ali mesmo.

A mesma duvida, a mesma desconfiança de dizer- Ele é um pobre! Ele é um trabalhador! Acontece conosco também, e nós desvalorizamos os companheiros e companheiras na luta, seja na comunidade, no movimento popular, no Sindicato e mais ainda no partido Político.

Vamos ouvir o evangelho e pedir a Cristo que liberte, também, a nossa cabeça da ideologia da classe que outra vez levou Jesus a morte.

DIR

o Senhor esteja conosco

Proclamação do evangelho De Jesus Cristo segundo Lc.

4.14-30 (ver citação na Bíblia)

11-HOMILIA

12-PROFISSÃO DE FÉ(cantando -Melodia:Ladainha de todos os Santos)

Senhor,tende piedade de nós(bis)
Jesus Cristo,tende piedade de nós(bis)
Senhor,tende piedade de nós(bis)
Creio em Deus Pai,do povo que tem fé
Creio em Jesus Cristo,operário de Nazaré.

Rogai por nós,rogai por nós.
Creio no espírito Santo Santificado
Dã força a todo o povo que é trabalhador
Rogai por.....

Aos anjos lã do céu,pedimos todo dia
Tambem ao metalurgico,o nosso Santo Dias.
Rogai por.....

Posseiros:José Otacílio Cavalcante
Domingos José da Cruz e Bartolomeu Coelho
Rogai por.....

Estudantes:Lauro e José Ribamar
Lembrai-nos Adelaide freira de Marabã
Rogai por

O nosso povo Inlio lembra Angelo Cretã
Tambem Marçal de Souza com muita emoção
Rogai por.....

Lembrai-nos Frei Tito e tambem padre Miguel
Que chegue a nossa vez,pedi a Deus do ceu
Rogai por nós.....

Francisco José da Silva,que foi canvieiro
E a médica Ana Angélica,são todos companheiros
Rogai por

Margarida Alves e Sebastião
Presidiram o sindicato e o nosso coração
Rogai por.....

13-ORAÇÃO DOS FIÉIS

Senhor e Pai,nós lhe apresentamos as nossas orações e pedidos.

1-Senhor,nós lhe pedimos:anime-nos a continuar acreditando na força da união e continuar a nossa luta em busca de salários decentes e tambem melhores condições de trabalho e respeito à dignidade dos trabalhadores,rezemos ao Senhor.

TODOS : Atendei-nos Senhor

2-Para que os operários se sintam sujeitos da libertação de sua classe caminhem firmes na construção de sindicatos e Centrais Sindicais fortes e combatíveis.Rezemos ao Senhor

TODOS Atendei-nos Senhor

3-Para que todos entendam que o exito da reivindicaçao de 40 Horas semanais,do reajuste trimestral e do salario minimo real,bem como a luta contra o pagamento da divida externa e ainda,a garantia de uma constituicao que assegure os nossos direitos.dep^{ende} da partici^{pa}çao ativa de todos.Rezemos ao Senhor.

TODOS -Atendei-nos Senhor

4-Para que os trabalhadores da cidade e todos nós como Igreja nos comprometamos efetivamente no apoio a luta dos lavradores sem terra pela Reforma Agraria.Rezemos.....

TODOS -Atendei-nos Senhor

5-Para que os jovens tenha assegurado o direito ao trabalho digno e que lhes sejam garantidos as condiçoes de seguranga e salarios compativel com as suas funçoes.Rezemos.....

TODOS Atendei-nos Senhor

6 -Pedimos tambem que os ensinamentos desses cem anos de luta nos faça avançar como classe na organizaçao social e politica de nossa sociedade,eliminando assim,abismo de injustiça e criando as condiçoes para a paz.Rezemos.....

TODOS Atendei-nos Senhor

DIR -Conclusão do celebrante

LITURGIA EUCARISTICA

14-Canto de ofertório (Canto"Ofertório do Povo)

Dinâmica da procissão:Durante o canto entra a procissão trazendo o capacete para colocar na cruz ao lado do altar e em seguida a camiseta da CUT e do martírio para a cruz.

As ferramentas e outros simbolos e tambem as flores devem ser depositadas ao pé da Cruz.

Em seguida o material para a missa,sendo a agua e o vinho por ultimo para o altar.

15-ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

DIR -Recebe ó pai,as oferendas do teu povo trabalhador.

São sinais de luta pela justiça,sinais de martírio e ressurreição.Oferecemos nesta mesa,um século de nossa história na conquista da terra para plantar ou exigindo direitos para trabalhar.

Terra e trabalho que produziram este pão e este vinho que agora lhe apresentamos e pedimos,tornem-se por sua graça,alimentos na jornada de libertação de todos os trabalhadores.PNSJC.

16 -ORAÇÃO EUCARISTICA II

Prefácio de São José Operário

17- CANTO DE COMUNHÃO (Nossa Vista Clareou)

18-AÇÃO DE GRAÇAS

(Poesia do 1º de Maio ou canto próprio)

Todos os que marchais pelas ruas/e deteis as máquinas e as fábricas,

Todos -desejosos de chegar à nossa festa/com as costas marcadas pelo trabalho,Saia 1º de Maio,o primeiro dos dias

Recebe-lo-emos,companheiros/com a voz -entrecortada de canções.

Primavera,/tirai a tristeza/Eu sou operário

este dia é meu./eu sou campones,este dia é meu.

Todos,/estendimdos nas trincheiras/esperando a morte infinita.

Todos/ os que num carro blindado/atiram contra seus irmãos,escutai, Hoje é 1º de Maio.

Partamos ao encontro/do primeiro de nossos dias,ençalando as mãos operárias/calai vossos morteiros.Silencio,metralhadoras/Eu sou empregada doméstica.Este dia é meu.Eu estou desempregado,este dia é meu.

Todos/das casas/das praças/das ruas,entocados pelo mundo infernal.

Todos torturados de fome/da favela/ dos bairros/dos campos,saí neste 1º de Maio.

Glória a gente fecunda/deidobrai nova era/Verdes campos cantai/soai sirenes e apitos/Eu sou do ferro/este dia é meu/Eu sou da terra / este dia é meu.Viva o centenário de 1º de Maio.

19 -AVISOS.

20-ORAÇÃO FINAL

DIR:Oremos.

Nós lhe agradecemos ó Pai,este encontro de irmãos onde celebramos os cem anos de vida e memórias das lutas libertadoras da classe operária.

Agradecemos pela luz da sua palavra e os Sacramentos da sua graça que nos alimenta na caminhada.

Por N.S.J.C. na unidade do Espirito Santo.Amem.

21-CANTO FINAL

(Para não dizer que não falei das flores)

CONTRIBUIÇÃO DE SÃO PAULO PARA O ENCONTRO NACIONAL
DE PASTORAL OPERÁRIA - 5 e 6/12/81

I. - SITUAÇÃO GERAL DO MOVIMENTO OPERÁRIO

O Brasil é um país de sistema capitalista, que só se mantém através da exploração e opressão. Este sistema é bem organizado e planejado a nível mundial. Os maiores, as potências exploram os menores. O Brasil não foge à regra.

Avaliando o ano de 1981, vemos que foi um ano difícil para os trabalhadores, devido ao desemprego que foi usado pelo governo como arma para desmobilizar e pressionar a classe operária. Em parte o governo atingiu seus objetivos pois este ano a classe operária não avançou muito nas suas lutas.

Vimos por ex. em São Bernardo onde é mais avançada a organização grandes demissões na VOLKS, MERCEDES etc. sem que os operários conseguissem impedir isto. Outro exemplo foi a condenação dos 11 sindicalistas nos mesmos dias em que o governo deveria responder as reivindicações tiradas na CONCLAT.

Por outro lado percebemos que o governo não atingiu totalmente seus objetivos. Exemplo disso são algumas mobilizações e vitórias alcançadas: realizou-se a 1ª CONCLAT, reunindo mais de 5.000 trabalhadores; várias greves como a da PIRATININGA no início do ano e mais recentemente a da MASSEY-FERGUSON e FORD todas elas vitoriosas.

Outro acontecimento importante foram as eleições sindicais quando vários sindicatos foram ganhos por oposições e outras oposições mesmo não ganhando demonstraram um peso importante nas suas categorias.

Temos também no campo experiências importantes como a luta de RONDA ALTA; Sindicatos rurais ganhos por oposições e a significativa participação de lavradores na CONCLAT.

Com tudo isto percebe-se que os trabalhadores não se subordinam tão facilmente. Suas lutas vem de anos permitindo um acúmulo de experiência e consciência.

Num momento como este que estamos vivendo, quando o desemprego está na nossa sombra, sem condições de grandes mobilizações é necessário continuaree intensificar o trabalho de organização de base.

II. - ATUAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA

a) - 1º de Maio: não foi possível tirar um dia unificado. A atuação da Pastoral Operária variou de região para região depedendo das situações existentes.

- . houve discussões antes de assumirmos as manifestações.
- . foi feito material unificado da Pastoral Operária no Estado de São Paulo.
- . a Pastoral Operária promoveu a Semana do Trabalhador que teve resultado positivo.

b) - Eleições Sindicais:

Em quase todos os lugares a Pastoral Operária esteve trabalhando para tirar os pelegos das direções Sindicais ou reforçar os autênticos, sendo que em alguns lugares obteve vitória como: Ribeirão, São Bernardo, Recife etc. Sua participação foi concreta indo nas portas de fábrica, vendendo cartazes etc.. Mas também é certo que algumas vezes foi simples tarefeira, não promovendo discussões mais políticas.

c) - CONCLAT :

- . Alguns militantes que estão no movimento ativamente participaram bastante das discussões e efetivamente da Conferência. Mas a Pastoral Operária como um todo não aprofundou. "Não houve aprofundamento sobre a importância e sobre as Bandeiras de Luta.
- . Deve-se retomar a sua história.
- . No encontro do ANAMPOS que teve em São Bernardo sobre a CONCLAT a P.O. deveria ter levado propostas e influenciar mais. Aproveitar mais estes espaços.

d) - Campanhas Salariais:

Podemos dizer que uma das movimentações mais importantes são as Campanhas Salariais. São nessas Campanhas que as categorias levam as suas reivindicações para a mesa dos patrões. Os trabalhadores devem se organizar para pressionar os patrões e o governo e é nesse momento que a Pastoral Operária deve dar contribuição na organização de base.

Não tendo atendidas suas reivindicações, quando organizadas, as categorias podem ir à greve, fazer operação tartaruga, operação zelo e outras.

III - PROPOSTAS:

1) - Ter uma Plataforma de Princípios:

- . Se posicionar contra a Estrutura Sindical
- . Dar orientação e formação para os seus militantes no sentido que eles organizem Grupos de Fábricas com atuação junto ao movimento operário. (Grupo de Fábrica Independente P.O.)
- . Os militantes da Pastoral Operária devem participar do seu Sindicato e das Oposições Sindicais. Deve ser sindicalizado e sindicalizar seus companheiros.
- . A Pastoral Operária deve ter uma atuação no bairro mas também levar um trabalho sindical.
- . Dar prioridade a formação da consciência crítica do trabalhador (estudo).
- . Reforçar as Oposições que se definem contra a Estrutura Sindical em todo o Brasil.

2) - Levar para dentro da Pastoral Operária as discussões sobre :

- Situação Política Economica Social do Brasil
- Tendências Partidárias
- Eleições Parlamentares

- 3) - Nos Estados que existir pólo industrial formar Comissões Estaduais
 - 4) - Apoio aos militantes da Pastoral Operária que estão em diretorias de Sindicato no sentido de aprofundamento e troca de experiências.
 - 5) - Levar propostas tiradas na 1ª CONCLAT para aprofundamento visando a preparação da 2ª CONCLAT e formação da CUT.
 - 6) - A articulação ANAMPOS (João Monlevade) deve ser melhor discutida dentro da Pastoral Operária para se ter uma participação mais efetiva.
-

701
C. Res. 92
P3 D30

Duque de Caxias, 10 de junho de 1985

RELATÓRIO DA REUNIÃO DA EQUIPE DE FORMAÇÃO

Caros Companheiros,

Estamos enviando a vocês o relatório da 2a. REUNIÃO DA EQUIPE DE FORMAÇÃO.

Pelas questões abordadas nesta reunião, pedimos dos companheiros a maior atenção na leitura deste relatório, já que se trata da abertura de uma discussão que deverá envolver toda a Pastoral Operária Nacional.

Esta Equipe de Formação é composta de companheiras e companheiros que foram convidados pela Comissão Executiva a colaborar no processo de discussão e avanço da questão da FORMAÇÃO dentro da Pastoral Operária. Fazem parte desta equipe, por enquanto: O Renato, a Holly, o Miguel, o Claudius, o Percival, o Marcus Arruda, a Maria do Carmo, o Enock, o Agostinho, o Rogério, o Waldemar, a Ana Maria Gonçalves (Minas), o Adriano, o Gilberto, a Ana Maria Cruz (Rio), o Selvino, o Nivaldo, a Edna e o Nico.

Esse pessoal teve uma primeira reunião em Março, logo após a reunião da Comissão Nacional. (Alguns companheiros da Comissão Nacional foram convidados a participar desta reunião).

Agora foi feita a segunda reunião, para encaminhar alguns dos trabalhos e continuar a discussão.

Em termos de trabalhos que a equipe deve encaminhar, vale lembrar que alguns subsídios estão em processo de montagem:

- 1) a cartilha sobre a Constituinte, com o texto semi-pronto, faltando agora a montagem com a respectiva ilustração.
- 2) O trabalho e o trabalhador na Bíblia - uma leitura a partir do trabalhador - em fase final de montagem.
- 3) O trabalho e o trabalhador no Brasil - ainda em fase inicial.
- 4) Sindicalismo - As linhas do movimento sindical - em fase inicial.

Esses subsídios deverão ser publicados dentro de um plano editorial amplo da Pastoral Operária.

SÍNTESE DAS DISCUSSÕES DA REUNIÃO

1) QUANTO AO PAPEL EXATO DA EQUIPE DE FORMAÇÃO:

A equipe de formação tem como função:

- acompanhar, assessorar a executiva, quando pedido seu auxílio.
- procurar despertar os diversos regionais da PO. para o problema da formação dos militantes, levando a um questionamento de uma busca de alternativas.
- ajudar as dioceses onde existe PO. a rever seu processo de formação.
- encaminhar os subsídios que o próprio processo de formação for requerendo.
- assessorar encontros de formação nos diversos regionais.
- buscar a capacitação conjunta dos companheiros da PO, de modo a que, respeitados os diversos níveis, os companheiros sintam-se aptos a:
 - . avaliar sua prática pastoral e militante, a partir da troca de experiências e informações;
 - . dentro desse processo de avaliação, que sejam capazes de teorizar essa prática, a partir da análise da conjuntura global, do conhecimento de outras experiências semelhantes, pessoais e globais (como processos de mudanças realizadas por outros povos, p.ex.) e a partir de referências fundamentais, como o Evangelho, a doutrina da Igreja, as teorias sociais de mudança;

- . planejar a sequência de sua prática, com o enriquecimento da avaliação realizada.

Travou-se uma discussão, muito interessante, sobre a questão da metodologia de formação dentro da Pastoral Operária.

Alguns pontos foram ficando claro:

- É preciso compreender que a FORMAÇÃO FUNDAMENTAL não é a formação episódica que se dá durante cursos ou encontros. A formação principal e fundamental tem que ser colada à prática; é o processo de partir da prática do militante e do grupo, de se rever, se analisar esta prática e as circunstâncias que a envolvem, refletir seu significado num contexto mais amplo e se planejar a continuidade da ação, modificada pela avaliação.

Neste sentido, se coloca o método VER-JULGAR-AGIR, de largo uso na ação católica. O problema é que este método, muitas vezes compreendido como "chave-mágica" e remédio de todos os males acabou sendo utilizado de forma indevida e não deu resultados esperados. Mas, quando usado dentro de uma perspectiva aberta, dialética, continua válido e fecundo.

Outra formulação metodológica para o mesmo processo seria o esquema P-T-P (prática-teoria-prática), que traduz exatamente o processo que tentamos acima descrever, numa formulação mais nova (global) e que evita o seccionamento dos processos. De qualquer forma o importante não é a nomenclatura que se utiliza e sim o "espírito" do processo.

Nesta perspectiva, os encontros e cursos não ficariam mais como "momentos isolados" de formação, mas seriam o complemento, ou "momentos fortes" de um processo contínuo de formação.

Hoje, na Pastoral Operária seriam pouquíssimos os grupos que desenvolvem esse processo acima descrito ou algo semelhante. Nós temos, em modo geral, dois "tipos" ou "tendências" dentro da Pastoral Operária em termos de formação:

- uma tendência a se utilizar mais o método ver-julgar-agir, às vezes de modo mais correto, às vezes menos correto, onde se valoriza muito a formação pessoal do militante; nessa "tendência" o risco é um certo fechamento do grupo ao engajamento mais amplo, mais global no movimento sindical, popular e político (repita-se, quando o método não é utilizado corretamente).

A outra tendência, provavelmente mais comum dentro da pastoral operária, é uma organização mais fluida da PO, onde os militantes são ligados à PO, participam de suas reuniões gerais, mensais ou quinzenais, são fortemente engajados no movimento social (a PO ela mesma muito presente no movimento social como entidade de apoio, de reforço, etc.), e onde a questão da formação se resume nos processos mais globais (encontros de formação, cursos, etc.), sem a existência dos grupos menores. A fragilidade desta "tendência" é a falta de um processo mais contínuo e do aproveitamento da riqueza de engajamentos para uma reflexão e avaliação que enriqueceriam a própria prática e sem dúvida contribuiriam para uma formação muito mais consistente dos militantes.

De qualquer forma, esta é uma questão aberta dentro da PO; o importante é não estabelecermos desde já dogmas ou nos fecharmos à discussão. Manter uma atitude permanente de busca, de procura e diálogo é uma atitude fundamental para que a gente, num processo conjunto, chegue à definição (sempre provisória, saliente-se) de um método de formação dentro da PO.

Neste sentido gostaríamos de receber opiniões e sugestões dos companheiros a partir de suas práticas acumuladas!

Equipe de Formação /3.

Dentro desta discussão, ficou estabelecido que a Equipe de Formação vai tentar montar um texto sobre essa questão, de forma organizada, e enviar aos companheiros para abrir a discussão.

OUTRAS TAREFAS DA EQUIPE DE FORMAÇÃO:

- Para a próxima reunião, trazer relato de experiências concretas da utilização do método ver-julgar-agir.
- em cada subsídio produzido pela PO, colocar uma explicação metodológica sobre a utilização do próprio subsídio e uma proposta de avaliação do material.
- Encaminhamento do subsídio "O trabalho e o trabalhador no Brasil", e o Trabalho e o trabalhador na Bíblia pelo grupo de São Paulo.
- Enviar ao Secretariado até o dia 10/06 sugestões para a reedição do "COMO E PARA QUE ORGANIZAR A PO".
- Enviar por escrito, ao Secretariado, sugestões a respeito do material sobre "Sindicalismo".
- Pensar num plano editorial global da Pastoral Operária, em vista do processo de formação.

TAREFAS DO SECRETARIADO:

- Recolher os diversos materiais produzidos nos estados pela PO e colocá-los à disposição da EQUIPE DE FORMAÇÃO para auxílio da montagem de um plano editorial geral.
- Encaminhar, em caráter de urgência a Cartilha sobre a Constituinte.

Próxima reunião da Equipe de Formação: 31 de julho e 1º de agosto.

" * * * * *

RELATÓRIO DA 1ª REUNIÃO DA COMISSÃO NACIONAL DA PAST. OPERÁRIA.

MARÇO DE 1986.

SIGLAS: AN - ASSEMBLÉIA NACIONAL
CN - COMISSÃO NACIONAL
EN - EXECUTIVA NACIONAL
SN - SECRETARIADO NACIONAL
CNL - COMISSÃO NACIONAL DOS LEIGOS
CRB - CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

INTRODUÇÃO.

A Comissão Nacional reuniu-se de 5 a 9 de março, em seu primeiro encontro deste ano, na casa S. Francisco de Assis, em Petrópolis.

Diferentemente dos outros encontros, dedicamos dois dias de estudos sobre a "METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO POPULAR". Assim, demos um passo de qualidade investindo na própria formação da Comissão Nacional.

Estavam presentes à reunião da Comissão Nacional: Frank (CN - RS), Gilberto (EN - PR), Dari (EN - PR), Nivaldo (Liberado Nacional), Waldemar Rossi (Semi-liberado Nacional), Pe. Agostinho (assistente), Pe. Rogério (assistente), Pe. Virgílio (assistente CNBB), Ana Cruz (EN - RJ), Ana Maria (EN - MG), Raul (EN - MG), José Albino (EN - SP), João Batista (EN - RJ), Salvador (EN, repr. do CNL), Aparecida (CN - SP), Jairo (EN - RS), Ana Angélica (CN - CE), Luis Tenderini (CN - NE I) Luiza (CN - NE 2), Geraldo Crozindo (CN - RJ) e todo o secretariado Nacional.

1. DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS

1.1: INFORMES

A fim de aproveitar o tempo e adiantar os trabalhos, começamos dando alguns informes na parte da manhã, deixando para a tarde a discussão sobre o pacote econômico do governo, recém baixado.

O primeiro informe sobre a reunião conjunta com outras pastorais (ACO, JOC, ACR, CPT, CPO) (confira nosso relatório sobre esta reunião). Este encontro teve por finalidade se tirar uma posição clara sobre a CLAT. O encontro foi bastante rico e se viu a necessidade de continuarmos este encontro. Dessa reunião foi tirado um documento que é o posicionamento conjunto desses movimentos e serviços de Igreja em relação a CLAT. O documento será, futuramente, divulgado em todos os meios ao nosso alcance. Temos ainda várias questões a aprofundar; por exemplo, qual a presença do sindicalismo Cristão? Qual a presença do cristão no mundo?

O segundo informe foi sobre o Conselho Nacional dos Leigos (CNL). A PO, desde alguns anos atrás, viu a importância de manter presença na CNL. O companheiro Salvador participou em 1984 numa reunião e foi eleito membro da diretoria do CNL representando a PO. Deslá pra cá, nota-se uma preocupação maior nossa em ajudar articular e atuar no CNL. No entanto, a importância política dessa articulação para o leigo ainda não chegou a um ponto satisfatório. Sentimos a necessidade de investirmos mais no CNL a partir dos regionais. Os regionais, com exceção do sul III, não estão organizados.

A partir dessa reflexão chegamos as seguintes conclusões:

- O CNL não deve ser uma espécie de "confederação" dos movimentos de Igreja. Trata-se de uma consciência da missão do leigo como Igreja.
- A reestruturação do CNL deve estar de acordo com este modo de pensar pois a organização do CNL é essencial para a Igreja no Brasil.
- Como investir no CNL?
 - a curto e médio prazo: fazer levantamento em cada estado da situação do CNL e passar as informações ao CNL; montar os regionais, a partir de agora, para na Assembléia do CNL nos dias 31 de outubro e 1 e 2 de novembro termos uma articulação bem organizada.
 - a longo prazo: refletir sobre as questões: " como posicionar o CNL frente a CNBB e CRB? Por que somos um órgão conexo a CNBB? devemos caminhar em direção à autonomia até formarmos uma Conferência nacional dos Leigos?
- O companheiro Salvador fica o responsável e o representante da CPO no CNL. Todos os companheiros devem se esforçar no trabalho da organização do CNL em suas bases locais e passar informações ao secretariado nacional da PO através do Nivaldo.

1.2- DEBATE: SOBRE A QUESTÃO ECONÔMICA (O Pacote Econômico do DEC.2283)

Reservamos a tarde para um debate sobre as novas medidas econômicas emitidas pelo Governo. O companheiro Everlino Henklein nos assessorou, mostrando as circunstâncias e os antecedentes que permitiram o "pacotão". Analisou também as medidas adotadas e quem ganhou e quem perdeu com o pacotão. Ficou claro para todos que, mais uma vez, o trabalhador perdeu (e o povo de modo geral, está sendo usado para os planos da burguesia nacional). Para melhor entender esta reflexão sobre as medidas econômicas recentes do governo, leia CPO INFORMA ESPECIAL de 07/03/86.

A partir desse debate, a Comissão Nacional sugeriu que se faça contato com a CNBB para que, na próxima Assembléia em Itaipaci, se discuta o plano econômico do governo e se emita um documento denunciando a injustiça do novo pacotão em relação ao ganho dos trabalhadores. Para abrir espaço na Assembléia de Itaipaci se sugere que a CPO inicie alguns bispos para que eles abram espaço. Também, é necessário que a executiva contribua com o material sobre o pacote econômico para o Boletim do CNL.

1.3. Dois dias de estudos sobre a " Metodologia da Educação Popular"

Frei Beto nos assessorou, no primeiro dia, nesta reflexão. No segundo dia fizemos uma leitura do texto: Dialética....

Resumo e avaliação desses dois dias de trabalho estão em documento a parte.

1.4. Aproveitamos também para uma reflexão sobre: O QUE É A COMISSÃO NACIONAL.

Dando uma visão rápida e tentando recuperar a nossa história vimos que a PO nasceu a partir de muitas opiniões. Foi na época da repressão e os trabalhos eram feitos em silêncio. Naquela época se falava muito em articulação e aconteceram muitas reuniões em alguns estados. Já havia movimentação como CIMI e CPT; Não havia ainda nome para a PO. Fizemos uma reunião no Cenaculo (RJ) e esta reunião foi identificada como Reunião Ampliada. Em Nova Iguaçu (na Casa de Oração) alguém sugeriu o nome de Comissão Provisória da PO. A PO sempre teve a Consciência de não impor nada. Os trabalhadores é que decidem tudo.

D. Valdir franqueou a sua diocese (em Volta Redonda), em 1978, para ser a sede da PO. O primeiro Boletim nasceu em Campinas. O segundo em STO. André e S. Bernardo.

Em 1981 foi convocada a 1ª Assembléia Nacional da PO, no Alto da Boa Vista. Nessa Assembléia nasceu a Executiva.

Após esta relembrança da história da PO, foi apresentada uma proposta para que um companheiro da Executiva acompanhe os trabalhos de um determinado regional. Ele seria como que o responsável em acompanhar bem perto todos os acontecimentos daquele regional. A Executiva propôs a seguinte divisão de responsabilidade:

REGIONAL NORTE - DARI
REGIONAL NORDESTE I - JAIR
REGIONAL NORDESTE II - JOSÉ ALBINO
REGIONAL LESTE - RAUL E ANINHA
REGIONAL CENTRO - ANA CRUZ
REGIONAL SUL -

Vemos que a divisão de tarefas e o acompanhamento dos companheiros da Executiva aos regionais devem ser discutidos pelos próprios regionais. O companheiro responsável deve caminhar junto com o regional. Quem vai duma região a outra leva uma experiência diferente. O importante é o intercâmbio de experiência. Devemos nos alertar de que o NE é também colonizado em termos de pastoral: O sindicalismo vem do Sul. Nós precisamos dum referencial histórico. O NO e NE devem fazer sua experiência de sindicalismo e de PO. Não devemos exportar experiências de sindicalismo e/ou de pastoral. Deve-se criar este espírito de companheirismo, indo para o regional somos junto com os companheiros de lá uma equipe do Nacional.

Depois disso, refletimos sobre o sentido da Comissão Nacional.

Cada membro do CNL é um delegado que faz ligação do seu estado ou região com a CPO Nacional. Os membros da CN são membros natos da Comissão Estadual; Eles são eleitos em Assembléia e por isso respondem em nome de seu estado ou região.

A CN deve tomar consciência de que ela é quem detém o poder de decisão sobre a PO. A reunião da Comissão Nacional é semelhante a uma mini-Assembléia. Sua importância deve ser acentuada e a falta dos companheiros é lamentável.

Ao que parece, o papel político da CN está sendo exercido pela executiva. A CN parece ficar à margem por se reunir apenas duas vezes ao ano. No entanto, a executiva recebe tarefas da CN e a executiva, por isso há partilha das funções. Partindo das situações concretas vemos que há uma sobrecarga na Executiva, coisas que a CN deveria decidir, a Executiva assume. Estamos num aprendizado. Devemos ver que, as

zes, a Executiva por deter as informações, acaba se tornando uma instância superior. Fica, então, difícil ver o papel da LN diante da pouca formação ou Consciência que ela tem de si mesma. Até que ponto a EN pode tomar uma decisão à revelia da CN? Não podemos cair num democratismo exagerado. As informações na EN são centralizadas no RJ e SP. Os novos membros da EN estão por fora de muitas coisas. Há muita falta de informação.

O andamento da PO depende muito das necessidades de sua região. Em cada região a PO se faz de maneira própria. O que se quer é que o companheiro traga as experiências (de lá para cá) e que diga se isto ou aquilo está sendo executado ou não. A CN deve fazer uma revisão do que está acontecendo, questionar e dar novo rumo. É impossível um acontecimento direto para todas as decisões da CPO. Por isso a AN e CN devem dar critérios gerais para que a Executiva organize.

A EN é revestida da CN. Não pode ela se sentir por fora.

A EN tem uma função política, a ela cabe posicionar-se durante o entretempo de uma CN e outra. Há uma série de informações importantes que a EN não transmite. É preciso acompanhar as questões políticas da Igreja. Não recebemos informações da CEP (CNCB)

1.5. CAMINHADA E ORGANIZAÇÃO DOS REGIONAIS

Outra etapa de nossos trabalhos se deteve na revisão da caminhada dos regionais de dezembro/85 a março/86. Esta revisão teve como pontos de referência a organização dos regionais da CPO sob os pontos de vista das equipes regionais, planos de trabalho, prioridades da PO, plano de formação e avaliação das visitas feitas pelos membros da Executiva aos regionais

REGIONAL SUL: O regional Sul (compreendendo os estados do Rio Grande do Sul, Sta. Catarina, Paraná) decidiram não formar uma coordenação regional, mas apenas atividades comuns em âmbito regional. As prioridades da CPO estão sendo trabalhadas. Principalmente, nota-se uma forte influência no campo da Formação: Cursos na área sindical bíblicos e sobre a Constituinte. A preocupação é dar uma formação seguindo o modelo do Plano de Formação da CPO Nacional. Neste sentido procura-se seguir os níveis de formação. Há um avanço em termos de organização, trabalhando-se mais nas diversas dioceses dos estados. Um desafio: como desenvolver a formação a partir das bases?

REGIONAL LESTE: Notamos que ainda não há uma articulação suficientemente forte entre os três estados (Espírito Santo, Minas Gerais e Goiás); Há um certo intercâmbio entre os três estados. Na Assembléia de janeiro foi escolhido o representante da Comissão Nacional. O plano de formação da CPO Nacional ainda não foi aplicado por estar o calendário local em andamento.

Como ponto de maior importância se destaca a Assembléia dos Bispos do Estado de Minas Gerais junto com lideranças da ACO, JOC, CPO, a ser realizada ainda.

REGIONAL CENTRO: O regional centro (Rio de Janeiro, São Paulo e Mato Grosso do Sul) está se organizando. Ainda há muitas dificuldades. No MS a PO está nascendo. Devido as muitas atividades dos estados RJ/SP há uma dificuldade na articulação do regional quanto as datas. Mas, o regional caminha bem nos setores do movimento sindical e desenvolvimento da PO em relação às dioceses. O regional foi dividido em cinco regiões sindicais para melhor desenvolvimento do serviço ao Mov. Operário-sindical. Estão programados vários cursos como: encontro dos militantes com engajamento político, encontro de agentes, encontros bíblicos e sobre a Constituinte.

REGIONAL NORDESTE I: Este regional (Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte) fez uma assembléia regional e dois encontros (um sindical, outro bíblico). O regional fará um boletim ou informativo regional. Está organizando para o mês de maio um encontro de agentes a nível regional. No estado do Sergipe ainda não há PO. Apenas contato com um franciscano de Aracaju.

REGIONAL NORDESTE II: a preocupação desse regional (Ceará, Piauí, Maranhão, Pará) é tentar um contato entre os trabalhadores. A responsabilidade mais direta com o regional ficou com os companheiros do Ceará. Está no planejamento um boletim regional. No campo da formação o regional está empenhado em estudos sobre a Constituinte, sindicalismo, questões de teologia e bíblia. O regional quer também fortalecer as oposições dos comerciários, empregadas domésticas e metalúrgicos.

AS PRIORIDADES DA CPO ESTÃO SENDO ASSUMIDAS?

- de um modo geral, vemos que as prioridades estão sendo assumidas por todos os regionais. Percebemos que há uma caminhada para a execução das prioridades da Nacional. No entanto há dificuldades. Isto porque sabemos que as prioridades devem ser adaptadas às regiões.

- O Boletim Nacional deve se preocupar em mostrar como uma prioridade está sendo praticada aqui e ali. Devemos ter a preocupação com a pastoral de conjunto e a organização da base.
- a PO deve organizar o calendário para formar um cronograma e fazer um inventário dos liberados.
- notamos que foi dada uma maior garra na questão sindical sem esquecer as outras prioridades.

Depois dessas reflexões, passamos a debater alguns pontos práticos do funcionamento da CPO a nível nacional.

1. SECRETARIADO NACIONAL:

- na reflexão feita sobre o secretariado se acertou que houve um avanço da parte política, mas em termos de organização o secretariado perdeu muito. Talvez, a falta de infra-estrutura do secretariado dificulte a organização. Mas deve-se louvar o grande esforço dos companheiros do secretariado em dar conta dos compromissos. Se sugere que em vista da mudança de local do secretariado para dependência mais favoráveis, se veja.
- a organização do arquivo e acompanhamento das POs estaduais e regionais.
- a organização e informação da lista de contato para outros estados e dioceses.
- alugar uma Caixa Postal para que seja evitada a dificuldade de correspondência por motivo de mudança.
- alugar um telefone para a residência do liberado com uma extensão do secretariado. Com isto se promoveria ligações noturnas que seria mais econômica.

2. BOLETIM NACIONAL DA PO:

Viu-se que o BOLETIM NACIONAL é muito importante e devemos assumir esta importância. Pois o Boletim não pode ser tido como um "papelucho" a mais que recebemos. Ele tem uma importância muito grande como instrumento político. Para que ele atinja seu objetivo é necessário:

- um compromisso maior de campanha de assinaturas.
- um perfil, por colunas, que o identifique. É necessário que o Boletim tenha um caráter de dentro para fora.
- uma maior rapidez na expedição do Boletim à CPO Informa.
- questionar: para que público o Boletim é destinado? às vezes dá impressão de não ser bem definida esta destinação, por isso, o Boletim deve ser mais criativo, uma vez que ele está direcionado ao militante.

Levantou-se, ainda alguns pontos que precisam ser refletidos:

- a) a questão da linguagem. Deve ser uma linguagem não rebuscada, uma linguagem do trabalhador.
- b) diminuir o aspecto "igrejeiro" que ainda perdura no Boletim.
- c) a realidade que o Boletim reflete não é a realidade de determinadas regiões onde a PO existe: exemplo: S.Luiz.

3. O CPO INFORMA:

O CPO INFORMA, por ter um caráter de comunicação mais rápida e ser um informativo, tem atingido a seu público. Vemos que ele é esperado e lido. Mas faltam algumas coisas ainda para que ele atinja melhor seu objetivo, como:

- revisar o público. Não devemos perder nunca da vista quem são nossas bases que carecem de informação.
- a apresentação visual do CPO INFORMA melhorou muito. Mas é necessário torná-lo mais agradável e atraente. Por isso, seria melhor que ele fosse feito em off-set.
- quanto ao conteúdo, o CPO INFORMA deve permanecer como informativo que tem por base os acontecimentos da base da PO e de outros movimentos de Igreja e movimentos populares. Tem um caráter quase que documentário e não há nele posicionamento da CPO.

4. PUBLICAÇÕES

A Equipe de Formação está desenvolvendo alguns subsídios para auxílio nosso no Plano de Formação. A "CARTILHA DA CONSTITUENTE" já está na 4ª edição, revista e atualizada. Já existem muitos pedidos desta nova edição. "CLASSE OPERARIA E O TRABALHADOR NO BRASIL" está em fase de acabamento. O outro subsídio, TRABALHADOR E A BIBLIA", também está em fase de acabamento. O livrinho "COMO E PRA QUE A PASTORAL OPERARIA" está sendo atualizado a partir da base.

5. AGEN

Com o objetivo de furar o bloqueio dos Meios de Comunicação que sonham informações ao público, principalmente aquelas que são do interesse da classe trabalhadora e movimentos populares e sindical, está se organizando uma AGENCIA ECUMENICA DE NOTICIAS. A notícia é o fundamental neste processo. A CPO foi convidada a ser sócio fundador junto com outras entidades.

6. FINANÇAS E PRESTAÇÃO DE CONTAS DA EXECUTIVA

A CPO é sustentada, em quase sua totalidade, por amigos de entidades estrangeiras. Eles nos ajudam através de projetos que apresentamos. Este apoio é um compromisso de nossos amigos da Europa e Canadá com a Igreja e o povo da América Latina. No entanto, notamos que é necessário crescermos nossa consciência de participação e compromisso com o desenvolvimento futuro da CPO. Não podemos ficar na totalidade dependendo das entidades amigas. Por isso, a Assembléia Nacional de dez/85 decidiu iniciar, em nível nacional, uma campanha financeira de sustentação da PO. Foi apresentado pela executiva uma proposta de cartas para desencadear esta campanha. Aprovou-se uma carta aos bispos, outra aos militantes da PO. Também os cartazes e posters do Centenário de 19 de Maio podem contribuir para esta campanha.

Para melhor organizarmos nossas finanças e darmos andamento à campanha financeira, foi escolhida uma equipe de finanças com os seguintes companheiros: Salvador Marcelino(RJ), Raul Soares(MG), Geraldo Orozimbo(RJ), Pe. Agostinho Pretto, Nival do Donisete(RJ) e Enock da R. Araújo(RJ).

Cada vez mais sentimos necessidade de nos mantermos informados em relação ao andamento financeiros de cada estado e regional. Todas as comissões estaduais e regionais procurem manter o secretariado informado a respeito dos projetos que existem na região, nos estados, nas dioceses. Seria bom que enviassem ao SN uma cópia dos projetos já existentes. Para os novos projetos seria bom que se pedisse uma carta de apoio da CPO Nacional.

Informação a respeito dos projetos que mantêm a CPO Nacional:

A CPO Nacional é mantida através de quatro projetos, a saber:

1) Funcionamento Geral do Secretariado	MISEREOR	DM 150 000	duração de	3 anos
2) Liberados e Viagens	CEBEMO	US 15 000		1 ano
3) Formação de Agentes	VASTENAKTIE	US 10 700		1 ano
4) Apoio à Estruturação dos Regionais	C. catolique	US 8 821,97		1 ano

7. OS DEZ ANOS DA PASTORAL OPERARIA

Neste ano estamos comemorando os 10 anos de existência da Pastoral Operária no Brasil. Vamos celebrar este acontecimento durante todo este ano, principalmente na Assembléia Nacional em dezembro próximo. Devemos multiplicar programações nos estados para festejarmos este acontecimento tão importante para nós.

Foi sugerido que as POs regionais levantassem sugestões e mandassem à Nacional sobre os 10 anos da PO. Foi sugerido que se fizesse chaveiros.

8. OS CANDIDATOS, MEMBROS DA PO, às proximas eleições

Fizemos uma reflexão em cima desta questão dos candidatos militantes da PO que se candidatarão à Constituinte ou outro cargo eletivo.

A Comissão Nacional sugere que se elabore um documento para todas as Comissões estaduais dando algumas recomendações.

Neste documento se abordaria a questão da participação dos militantes da PO engajados como candidatos nas próximas eleições:

- dando apoio à decisão dos companheiros
- pedindo o desligamento de alguma coordenação que o companheiro esteja participando.
- pedindo organização das bases para a sustentação da campanha, principalmente na sustentação financeira para a sobrevivência do companheiro (nesta questão colocar a responsabilidade do partido pelo qual está se candidatando).

ASSEMBLÉIA DA PASTORAL DO MUNDO DO TRABALHO - EST. S. PAULO
RELATÓRIO : 11/12/junho de 1983 - ITAPECIRICA DA SERRA

Participaram representantes das cidades de : Americana, Birigüí, Campinas, Franca, Guarulhos, Indaiatuba, Jacupiranga, Limeira, Mogí das Cruzes, Sto. André, S. Bernardo, Mauã, Suzano, Embû, S. Joaquim da Barra, - S. Paulo (S. Miguêl, Belêm, Santana, Sto. Amaro, Itapecirica). Representante de JOC, Aco e CPV.

O primeiro momento foi de trabalho em grupo para Intercâmbio de experiências de trabalhos Pastorais no Mundo do Trabalho. Foram respondidas 3 questões :

- Que trabalho estamos desenvolvendo a nível de Igreja;
- Como este trabalho está construindo uma nova Sociedade;
- Aprofundamento de uma experiência.

As principais constatações foram as seguintes: Os vários grupos de Pastoral Operária estão atuando no sentido da formação da consciência de Classe entre os trabalhadores, inspirados no Evangelho; Evidenciou-se a prioridade de atuação no meio sindical, visando mudar a estrutura sindical vigente; Forte engajamento no Movimento Popular e também no Político Partidário. Sublinhou-se que a ação da P.O. dentro da Igreja e entre os trabalhadores vem contribuindo para a mudança da Sociedade. Foi levantada uma questão para posterior aprofundamento : Que tipo de sociedade queremos ?

Num segundo momento fez-se um aprofundamento da realidade da Classe Operária. Foram levantados os seguintes pontos principais :

- O desemprego é o mais grave problema. Em junho de 1982, segundo o DIEESE, haviam cerca de 700 mil desempregados (12,8%) e de 1 milhão de sub-empregados (18,4%) , entre a população ativa da Grande S. Paulo. Hoje, depois do agravamento da crise econômica, calcula-se que o desemprego está acima dos 20%.

-O Movimento Sindical, dividido por questões política e de interesses de grupos, não está conseguindo dar uma saída para os trabalhadores.

-A realização do Conclat, com possibilidades da formação da CUT, poderá se dar em meio à forte divisão no Movimento Sindical, em claro prejuízo para os interesses dos trabalhadores.

Tivemos a presença de D. Angélico Sândalo Bernardino, bispo auxiliar de S. Paulo, ligado à P.O. e eleito para a Presidência do Regional da CNBB-Sul-I. O ponto alto de sua colocação foi sobre a questão da evangelização: A PARTIR DA VERDADE SOBRE JESUS CRISTO e da IGREJA; SER LUZ PREFERENCIAL PELOS POBRES; PELA LIBERTAÇÃO INTEGRAL DO HOMEM, VISANDO A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE JUSTA E FRATERNA EM COMU

NRÃO E PARTICIPAÇÃO. Destacou também que evangelizar, segundo os Bispos brasileiros, significa ATINGIR A VIDA, ENTRAR NA ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE E MEXER NOS PONTOS QUE DECIDEM NA VIDA DE UM POVO E COLOCAR O FERMENTO DA MUDANÇA,

No 29 dia de nossos trabalhos houve o aprofundamento Bíblico, com destaques para os conflitos e a solidariedade na História do Povo de Deus. A leitura dos vários livros da Bíblia mostra a permanente luta do povo de Deus para, dentro dos conflitos, buscar saídas, tendo como principal arma a união e solidariedade entre os homens. Buscou-se compreender a mensagem bíblica para os dias de hoje, tendo em vista o grave estado de conflito vivido pelos trabalhadores.

A assembléia indicou os membros que representarão o Estado na Executiva Nacional da P.O.: Confirmado Pedro João da Silva pela Arq. de S. Paulo e José Melo Prado, de Guarulhos, pelo interior. Para a Comissão Nacional foi indicado: Luiz Carlos Pires Montanha, de Birigüí e Waldemar Rossi de S. Paulo.

Para a Comissão Estadual, até melhor definição do Regional da CNBB, assumem: Sebastião S. Evangelista (M. das Cruzes), Agnaldo S. da Silva (Guarulhos), Teresinha Maria Gomes (Sto. André), Alcides Carlos Bianchi (Campinas), Sebastião Francisco dos Santos (Limeira), W. Rossi e João Araújo (S.P.), Alvino Prado de Araujo (ACO) e (a indicar) pela JOC. Os representantes do estado no Nacional, participam das reuniões da Equipae Estadual. Decidiu-se convidar os Padres: Luiz Cepe (M. das Cruzes), Pe. Wasques (Limeira) e Pe. Carlos (Sto André) para nossa assessoria bíblico-teológica.

Dentro de um grande clima de alegria e esperança encerramos nossa assembléia com a celebração da Eucaristia.

A Comissão.

P.O

B. Ros. Gp.
P. 029

RELATÓRIO DO ENCONTRO DE AGENTES DE PASTORAL REALIZADO
NO DIA 22/11/84 NA IGREJA DA PAZ NO CLICERIO

Participaram desse encontro representantes das seguintes regiões: Ipiranga, S. Miguel, Belém, Santa Amaro e Itapeçerica da Serra. Das cidades de Campinas, Guarulhos, Santo André e do Est. do Rio de Janeiro. Presentes também uma pessoa do Equador e uma da Bélgica.

Ausentes: Regiões da Lapa e Osasco.

OBJETIVO: Como fazer acontecer a PO na Arquidiocese tendo como instrumento vários materiais didáticos organizados por grupos da PO durante este ano.

Abrindo o encontro, D. Paulo falou aos presentes apresentando 3 pontos de importância:

1º. Emergência: é preciso ter grupos de PO em todos os setores para levar a caminhada.

2º. Motivação: que as reuniões não sejam para preparar ataques, mas para reflexão sobre o Cristo operário no meio dos pobres.

3º. P.O. deve dar alma a todos os outros grupos/movimentos. "O trabalho é a questão social chave de todas as questões sociais".

WALDEMAR ROSSI fez uma introdução do documento nº 28 da CNBB "Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil".

- como a Igreja entende a ação pastoral hoje no Brasil

- como desenvolver uma pastoral operária na visão do documento

Segundo Waldemar, uma das dificuldades na criação de um grupo é a compreensão de que a PO deve estar inserida numa pastoral de conjunto. A ação pastoral tem que se realizar em todas as realidades humanas. A PO tem que abranger todo o contexto do trabalhador. O objetivo da ação pastoral é a Evangelização. Anunciar o reino de Deus. Anúncio que supõe também uma denúncia de tudo aquilo que se opõe ao plano de Deus. "Devemos estudar este documento com olhos críticos e notar que a injustiça é profundamente articulada".

Na questão do trabalho, dentro dos "Destaques" que o documento apresenta, surge a questão de como promover uma espiritualidade do trabalho, pois muitas vezes exige-se do trabalhador que ele, por exemplo reze, mas esquece-se que a espiritualidade é vivida no próprio mundo do trabalho.

Em seguida D. Cláudio Hummes explicou a caminhada da Igreja junto a classe oprimida e apresentou alguns pontos de reflexão:

1º. Igreja - Sociedade: a mudança que a Igreja vem fazendo a partir do Concílio Vaticano II. Ela precisa estar no meio da sociedade, ser presença de transformação. Não se trata de levar o trabalhador para dentro da Igreja, mas a Igreja para o meio do trabalhador.

2º. Como unir: a pastoral operária e o trabalhador. A PO quer atuar organizadamente no meio do trabalhador - reunir para organizar. Como reunir, se não há tempo, há o medo do desemprego e a falta de condições físicas (cansaço) e a falta de credibilidade no padre devido a sua formação? Apesar disso tudo o trabalhador está consciente de que ele precisa se organizar.

3º. Método de trabalho: Ver, Julgar e Agir. Começar com as experiências do próprio trabalhador.

4º. Formação: sindical, política e bíblica

5º. Tensões internas nos próprios grupos: A situação histórica é complexa e ambígua, por isso cria-se /surtem tensões. O importante é que na avaliação haja o reconhecimento do erro. É preciso ter clareza e conhecer as práticas e maneiras de agir de outros grupos para identificar com quem se pode somar, pois existem muitos grupos que querem também mudar a sociedade.

6º. Luta de classes - Como os cristãos se posicionam diante da violência

7º. Celebração da luta e da caminhada

Após as colocações de D. Cláudio, a irmã Holly fez a apresentação dos materiais didáticos organizados por grupos da PO e D. Angélico falou sobre a Assembléia das Igrejas de Itaici, onde foi discutido que a PO está crescendo em todas as Dioceses. Falou também que o regional optou pela PJ não por causa do "Ano Internacional da Juventude" decretado pela ONU, mas pela situação em que se encontra a Juventude.

EXPERIÊNCIAS:

ITAQUERA: - Surgimento do grupo da PO - motivada pela missa do 19 Maio
- apoio do vigário
- apoio da comunidade
- presença de dois militantes

- o agente de pastoral da comunidade fazendo contatos com grupos de rua e visitando os moradores ajudou na formação de mais três grupos de PO.

- no setor foram realizadas Missões (atividades com crianças, jovens, mulheres, doentes, etc) durante 15 dias, e um dos dias foi específico para o trabalhador.

SÃO MIGUEL: - o grupo da PO está atuando junto ao grupo de desempregados e esta começando um trabalho com mulheres.

BELEM (J. Elba): - a PO surgiu através de uma pesquisa realizada no bairro com os trabalhadores. Após a greve geral de 21/07/83, o grupo cresceu.

Preocupações: - preocupação na fábrica
- trabalhadores em geral
- comunidade

- A questão dos trabalhadores foi levada para as missas, para os grupos de rua e a PO está engajada nos movimentos populares.

- apoio às chapas de oposição autênticas
- atua no grupo de desempregados

Divididos em grupos para discutir em que as colocações e experiências poderiam ajudar, destacaram-se os seguintes pontos:

- número pequeno de pessoas operárias que participam da PO ligar o trabalho da PO com o grupo de desemprego
- mais debates sobre as tendências
- mais comunicações com Cubatão
- aprofundamento da Bíblia na nossa realidade
- denúncia das injustiças
- visitas de grupos em lugar onde não tem PO
- aprofundar o porque da pouca vida dos grupos
- importância do agente formador estar presente
- Destaque - Juventude: como a PO viver isto?
- maior ênfase na formação, mais sindicalização
- mais preocupação com a semana do trabalhador
- entrosamento entre PO e ACO
- preocupação com regiões ausente (Lapa e Osasco)
- preocupação com controle da PO pelos padres
- presença de um operário para contar a sua experiência no local de trabalho.

PROPOSTAS PARA 1985:

- momentos de encontros por regiões
- mais momentos com a Palavra de Deus
- mais tempo para intercâmbio e aprofundamento das experiências
- propostas de tema: pão para quem tem fome
fê e trabalho
- próximos encontros: Dia 06 e 07 de março/85
Dia 12 e 13 de Novembro/85

C. Paz. Op.
P. 53
D. 2
27
P. 10

MENSAGEM DA PASTORAL OPERÁRIA E DE DOM CLÁUDIO

Irmãos e irmãs. Diante da enorme crise que nosso povo está passando, convém lembrar a palavra que Deus disse a Moisés, quando decidiu libertar seu povo da escravidão do Egito: "Eu vi a opressão do meu povo no Egito, ouvi os gritos de aflição diante dos opressores e tomei conhecimento de seus sofrimentos. Desci para libertá-lo das mãos dos egípcios e fazê-lo sair (...) para uma terra boa e espaçosa, uma terra onde corre leite e mel...(Ex 3,7-8).

Nós da Pastoral Operária, junto com Dom Cláudio, gostaríamos de convocar os membros de nossas comunidades paroquiais para posicionar-se diante dessa crise e diante das propostas de ação, que vão sendo apresentadas pelos trabalhadores e pelo povo em geral.

De fato, a cada dia que passa, aumenta a situação de insegurança para todos nós. O povo sofreu uma série de frustrações profundas nestes últimos tempos, quais sejam: o fracasso da primeira Campanha das Diretas-Já, os retrocessos da Nova República, as ilusões e péssimas consequências do Plano Cruzado com sua manipulação política e seus congelamentos que, em última análise, só somaram para os grandes, o esvaziamento da Reforma Agrária, a falta de uma Constituinte independente do Congresso Nacional, os maléficos frutos da Dívida Externa, a crise crescente da falta de moradia, e há poucos dias atrás a volta da famigerada Lei da Segurança Nacional. A Classe Trabalhadora, em especial, com o Plano Bresser/Sarney, está sofrendo o maior arrocho salarial da sua história, o salário mínimo mais baixo desde que foi criado, e ainda uma perda média de 37,74% do valor de seus salários. Junto se desenvolve uma crescente recessão, com desemprego em massa e a consequente fome e miséria. Diante disso, o povo mais pobre tem apelado às vezes a gestos de desespero, como os saques e as invasões.

A causa maior de toda essa situação é a Dívida Externa, que não foi feita pelo povo e, ao que tudo indica, ao menos em grande parte é ilegítima. Nosso Governo insiste em pagá-la. É inaceitável que o faça, sem mais, pois, além de tudo, implica no empobrecimento desumano da nossa gente e impede o necessário desenvolvimento de nosso país. Assim, contraria os critérios evangélicos, que dão maior valor às pessoas humanas do que aos interesses econômicos.

Frente a essa situação, vários segmentos organizados da sociedade, como: Movimento Sindical, Movimento Popular e Partidos Políticos, que estão comprometidos com o povo e com a Classe Trabalhadora, lançam algumas propostas concretas para dar resposta a toda essa situação. As propostas são: manifestações em vários municípios; comícios por Eleições Diretas-Já;

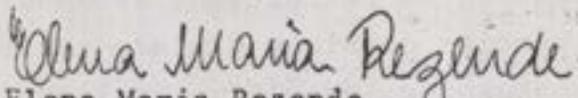
(vire)

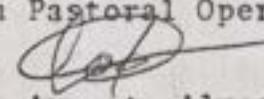
côleta de assinaturas de emendas populares para a Constituinte; e, principalmente, uma Greve Geral como grande arma de pressão para que finalmente se façam as mudanças de que necessita esse país.

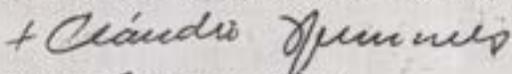
E nós, enquanto cristãos, não podemos ficar distantes e omissos diante de todo esse quadro, que aliás pesa sobre nós todos. É necessário sentar-nos juntos nas paróquias, nos bairros, nos grupos, nas nossas casas e juntos analisar a situação e as propostas que vão sendo apresentadas ao povo para responder eficazmente a esses desafios. É necessário posicionar-nos, definir o que julgamos ser o melhor caminho de solução, o que precisamos apoiar e como apoiar.

Como cristãos devemos colaborar na construção de uma sociedade justa e fraterna, sinal do Reino Definitivo, e não podemos aceitar as atuais desigualdades.

Santo André, aos 20 de julho de 1987.


Elena Maria Rezende
pela Pastoral Operária do ABC


Carlos Augusto Alves dos Santos
pela Pastoral Operária do ABC

+ 
Dom Cláudio Hummes
Bispo de Santo André

POR QUE UMA PASTORAL OPERÁRIA NO BRASIL?

Nota preliminar:

1: Estamos considerando que esta seja uma segunda parte de um trabalho mais completo. Ou seja: supomos, antes desta colocação, uma exposição bastante ampla sobre a atual transformação industrial do país. Mais precisamente: um estudo sobre a CLASSE OPERÁRIA, na sua composição atual e na sua projeção para os próximos decênios.

2: Neste segundo passo, se colocariam alguns elementos em vista de uma PASTORAL OPERÁRIA. Entretanto, parece útil e válido começar pondo em relevo certas características do que se pode chamar a CONDIÇÃO OPERÁRIA e suas conseqüências culturais e sociais: tudo isso muito importa para uma pastoral específica.

3: Evidentemente, os dados que aqui oferecemos (e deverão) ser re tomados e reformulados, uma vez postos em confronto com aquela primeira / parte (Mundo industrial/Classe Operária): de toda essa matéria prima, deverá resultar um só documento, homogêneo e integrado.

Então, propomos dois capítulos, nesta tratação:

Iº: A CONDIÇÃO OPERÁRIA (algumas considerações de ordem econômico-político-cultural em vista da ação pasto ral)

IIº: A IGREJA face à realidade operária - A PASTORAL OPERÁRIA.

Iº - A CONDIÇÃO OPERÁRIA

1: A CONDIÇÃO OPERÁRIA PARECE MARCADA PELOS CARACTERÍSTICOS SEGUIN TES:

- 1.1: Forte DEPENDÊNCIA do fator ECONÔMICO.
- A CONDIÇÃO OPERÁRIA DEPENDE SEMPRE de decisões econômicas nas quais os operários não têm participação ou seja:
 - da situação do mercado interno (dependência nacional) e externo (dependência internacional);
 - dos que detêm o capital e, portanto, o financiamento, os in vestimentos, os meios de produção, sejam eles o Estado, o / empresariado nacional ou internacional (transnacional);
 - dos que decidem a implantação de fábricas novas e de sua / tecnologia;
 - da organização das importações e exportações;
 - hoje em dia, cada vez mais, do poder das multinacionais com suas conseqüências: inflação, desemprego, regiões abandona das, concentração de fábricas no mesmo lugar, procura de lu cro e não de responder antes de tudo, às necessidades da na ção;

- arrocho salarial para "conter" a economia.

1.2. Forte DEPENDÊNCIA do fator POLÍTICO:

A CONDIÇÃO OPERÁRIA DEPENDE do "político" no qual também os operários não têm poder de decisão ou seja:

- uma organização da sociedade na qual se admite que uns dependem dos outros: de um lado estão os que possuem o capital, visam ao lucro; de outro lado, os que são assalariados e dependem dos primeiros, do bem querer deles;
- nesta situação, quer o salário seja grande ou pequeno, não muda em nada. A organização política justifica estas relações de produção, estes mecanismos, esta organização, esta / DEPENDÊNCIA de uns para com os outros, esta "não-participação" dos operários nas decisões;
- a política é que apoia estas relações de produção com uns privilegiados, enquanto outros ficam oprimidos, na insegurança, cativos;
- a política é que impõe as LIMITAÇÕES REPRESSIVAS, no que diz respeito ao salário, aos direitos básicos, às liberdades, ao poder sindical e ao poder de organização do operariado.

No Brasil, tudo está sendo feito para afastar do poder político os que detêm o capital. Assim, a dependência econômica (da ordem da sobrevivência) se reforça de uma dependência política (organização da sociedade sem participação). A reação a esta dupla dependência se expressa no Movimento/Operário, com características internacionais e não nacionais.

2: CONSEQUÊNCIAS DESSA CONDIÇÃO OPERÁRIA:

2.1. Os homens se situam, queiram ou não, em relação de produção.

2.1.1. Há os que estão do lado de cima:

- do lado do capital, do poder,
- das decisões econômicas,
- das decisões políticas,
- que são protegidos, encobertos pelas leis,
- que têm propriedades dos meios de produção,
- que aproveitam da situação e são privilegiados;
- que têm segurança...

2.1.2. Há os que estão do outro lado, que não têm participação, nem segurança e são vítimas desta realidade, quase sem saídas.

- em situação de dependência,
- em situação de oprimidos;
- sem poder de decisão;
- que não têm propriedade, nem dos meios de produção, nem do capital,

- que têm somente (fora da doença, claro) sua força de trabalho para vender ou como poder de barganha.

Dentro desta última categoria, temos que fazer ainda uma observação, pois, há os que têm mais saídas, são qualificados: engenheiros, profissionais, técnicos.

Estes têm uma certa participação no poder de decisão. Dizem que são da classe média, porém, não são senão "assalariados mais bem pagos":

- vão-se identificando com os operários por não terem propriedade dos meios de produção, nem do capital;
- têm uma tendência, cada vez maior, a cair numa situação igual a dos operários assalariados.

2.2. Esta REALIDADE gera situações sociais de TENSÕES entre os vários grupos que a compõem, pois os interesses são opostos, totalmente diferentes, uns subindo às custas dos outros.

As relações de produção são relações de classes, de conflitos.

2.3. Daí, uma distinção que se impõe:

2.3.1. O MUNDO DO TRABALHO

que é essa realidade toda que acabamos de analisar e na qual se encontram os vários grupos de interesse, tão opostos e tão diferentes.

2.3.2. O MUNDO OPERÁRIO

que se compõe fundamentalmente daqueles que só têm a sua / força de trabalho para oferecer e em nada participam nas decisões, como foi dito no Nº 2.1.2.; procuram, por meios próprios se organizar no MOVIMENTO / OPERÁRIO, para sair deste cativeiro, nascido da realidade socio-econômica-política em que eles foram colocados.

3) NESTA REALIDADE SE DESTACA UMA CULTURA ESPECÍFICA : A CULTURA OPERÁRIA.

O mundo operário é basicamente marcado pela realidade que analisamos e da qual nasce o Movimento Operário.

O Movimento Operário veicula um conjunto de ações, de valores e falhas próprias que atingem a vida social, moral-coletiva, das pessoas. Este conjunto podemos chamá-lo de CULTURA OPERÁRIA.

Pois, o termo cultura operária encobre, a nosso ver, toda esta condição operária, acima descrita.

- É bom frisar que esta cultura se distingue, evidentemente,
 - da cultura dos empresários, donos do capital, das autoridades políticas (classe alta chamada).
 - também não se assemelha à cultura da classe média, mesmo aquela parte inserida num processo industrial.
 - temos de distingui-la também da CULTURA POPULAR.

3.1. DIFERENÇAS entre CULTURA POPULAR e CULTURA OPERÁRIA:

Os bairros da periferia das grandes cidades do Brasil todo se compõem

de uma maioria de pobres.

Mas, estes pobres podem ser divididos, esquematicamente, em dois grupos:

3.1.1. O GRUPO de CULTURA POPULAR cuja característica própria é de ser, apesar de tudo, "dono de si", autônomos, como biscateiros, pequenos comerciantes, donos de pequenas firmas, donas de casa, aposentados, etc...

3.1.2. E OUTRO GRUPO QUE CONSISTE EM UMA MULTIDÃO de OPERÁRIOS que têm a sua CULTURA ESPECÍFICA que vamos analisar depois. Mas, desde já podemos dizer que, na situação operária, é que se acham as causas das situações deshumanas das famílias de nossos beirros, do "povão".

Nota: Na realidade mesma da vida do povo, as coisas são complexas e se misturam muito.

Há de se perguntar :

Não será que entram na "cultura popular" muitos elementos da vida operária e da cultura operária ?

E não será que na "cultura operária" permanecem muitos elementos básicos da cultura popular?..principalmente, num país e numa região como a nossa, onde a formação de uma classe operária, com a sua identidade própria, ainda é muito inicial ?

Porém, nosso objetivo aqui é de mostrar as diferenças para que se defina melhor o papel específico da Pastoral Operária.

3.2. TRAÇOS ESPECÍFICOS DO MUNDO OPERÁRIO QUE CONSTITUEM A "CULTURA OPERÁRIA"

Esta cultura operária é caracterizada por:

3.2.1. Uma situação de DEPENDÊNCIA E INSEGURANÇA COLETIVAS:

O meio-ambiente do mundo operário é basicamente o trabalho assalariado;

- onde existe muita dominação, exploração, econômica, política como já vimos;

- de onde vêm as outras desgraças (salário baixo que não dá para viver) que atingem as famílias e os bairros periféricos.

3.2.2. Esta cultura operária se desenvolve numa realidade bem particular, que é a seguinte:

3.2.2.1. COLETIVA: Não tem saída individual ou de um grupo apenas: "Se eu sair da classe, a classe fica na mesma base". Os operários, cada vez mais, não aceitam esta "idéia" amplamente difundida em nossa sociedade de que o esforço pessoal-e comunitário- resolve os problemas de má situação de vida". Jether, SEDOC, pág. 268.

3.2.2.2. Esta realidade tem também um marco de DEPENDÊNCIA NACIONAL e INTERNACIONAL:

- as melhorias dos operários-particularmente os salários a defesa de seus direitos-, dependem do bem-querer dos que mandam no país (dependência nacional), Não basta um abaixo-assinado para melhorar a situação.
- acima dos operários existe um controle muito forte de/ todas as opções deles.
- a situação do mundo operário ultrapassa os limites e / características de uma região, de um país. Exemplos:
- * no mês de julho de 78, oito (8) empresários dos maiores do país queriam mais liberdade salarial. Não deu em nada.
- * a realidade operária é muito dependente da realidade econômica nacional e internacional.
- * a General Motors brasileira reconhece que os salários/ que paga, representam 8% só, do preço dos carros que / produz. A General Motors dos USA reconhece que os salários que paga, representam 36%...
- * o salário médio dos assalariados brasileiros fica ao redor de 2 US \$ dólares, enquanto, na Europa ou nos USA, fica ao redor de 6 ou 7 US \$ dólares! Mas é claro, mesmo bem pago, os operários americanos não deixam de ser operários.
- * aqui, no Brasil, os salários mais elevados são 162 vezes maiores do que o mais baixo.

3.2.2.3. Esta realidade é CONFLITUOSA: é uma classe, um grupo mandando.

- há choques de interesses entre as firmas que visam o lucro e os operários que recebem, na maioria dos casos, o que precisa só para sobreviver.

É uma exigência da firma- e não o egoísmo do patrão -reprimir, dividir, e dominar o operariado de uma maneira, seja aberta, seja difarçada (ritmo de trabalho, diferenças de salários, pressões, desrespeito a CLT, repressão que caiu acima das "cabeças" após as greves de São Paulo etc...).

Na hora das greves em São Paulo, as empresas aceitaram negociar, não pelo reconhecimento do valor humano dos operários, mas pela necessidade econômica.

- estes conflitos não são ocasionais, mas, sim, PERMANENTES, e exigem uma atitude viva da parte dos operários/ para não receber só migalhas.

3.2.2.4. Esta realidade operária é DINÂMICA.

Os operários reagem constantemente, e de várias maneiras à exploração, a partir da consciência de ser necessários na vida da firma, ou de garantir sua dignidade.

- dos operários é que depende a produção. Eles têm peso na vida do país. (se o biscateiro não trabalha, não faz mal!)
- diante dos problemas permanentes e específicos, isto é, perigos, ritmo de trabalho, salário etc., os operários estão sempre se organizando. Com altos e baixos têm que reagir sempre a nível das seções, de todos os setores. Pode se chegar até as greves.

Esta organização vai até o sindicato:

- os operários, para se defenderem, têm só o sindicato. Têm que ser vivos para passar do sindicato burocrático a um sindicato a serviço da defesa dos interesses dos operários.

3.2.3. Esta condição operária atinge:

3.2.3.1. - a vida física: saúde, acidente, insalubridade, condição de alojamento, horários etc.

- a vida moral: pensamentos, valores, critérios / de julgamento.

Nos operários mais conscientes ficam muito fortes a dimensão coletiva, a noção de solidariedade, a necessidade de engajamento no meio dos companheiros, no local do trabalho.

3.2.3.3. - a vida social: imaginando modelos alternativos de sociedade, denunciando "idéias falsas".

III: A IGREJA FACE A REALIDADE OPERÁRIA- A PASTORAL OPERÁRIA

Primeira observação:

É claro que a EVANGELIZAÇÃO deve procurar MEIOS de atingir A TODOS OS GRUPOS DE INTERESSE que distinguimos na análise anterior, particularmente no nº 2.1. deste trabalho. Há de se pensar numa pastoral específica em função de cada categoria social! Pelo menos, podemos nos interrogar... e ler outra vez este texto de "Evangelii Nuntiandi":

"A ruptura entre Evangelho e a Cultura é, sem dúvida o drama da nossa época. Assim importa envidar todos os esforços no sentido / de uma generosa evangelização da Cultura, ou mais exatamente das / Culturas."

Nº20 de Evangelii Nuntiandi (E.N.)

Mas, aqui, nossa preocupação é o MUNDO OPERÁRIO. Vamos ficar neste, utilizando particularmente referências a "Evangelii Nuntiandi" e alguns

testemunhos de 4 operários pertencentes à Pastoral Operária e que foram / entrevistados ou deram espontaneamente o seu testemunho..

Segunda observação

COMUNIDADE ECLESIAL de BASE x PASTORAL OPERÁRIA

Não há dúvida que, em grande parte do Brasil, a "floração" das CEBs é um verdadeiro renascer da Igreja no seio do povo. Cada dia, se descobre melhor o alcance histórico do acontecimento e se festejam os inestimáveis valores de fé e de cultura, contidos nessas pequeninas Igrejas locais.

Por outro lado, é necessário estar atentos às naturais limitações das CEBs. Na verdade, se elas quiserem tomar forma plena, se quiserem acompanhar, iluminar, dinamizar e celebrar a vida real das massas populares, precisarão desenvolver programas específicos, correspondentes às várias categorias que as compõem.

Assim, na medida em que se avoluma a nossa CLASSE OPERÁRIA, ou na medida em que o "ovão" vai sendo mais profundamente marcado pelas condições e tendências do mundo operário, mais evidente e mais urgente se torna a necessidade de uma séria e adequada pastoral operária, em complementação às próprias CEBs. É tudo construção da mesma Igreja, a serviço do Reino. Mas seria exigir praticamente o impossível esperar dos recursos comuns das / CEBs um atendimento suficiente à problemática extremamente vasta e complexa do mundo operário. Deste modo, pastoral operária e pastoral popular apenas se integram e completam, na edificação da mesma Igreja e no serviço ao mesmo povo.

1) A EVANGELIZAÇÃO DO MUNDO OPERÁRIO, COMO A DE QUALQUER GRUPO HUMANO REQUER

1.1. Uma presença e identificação ao grupo a evangelizar. Trata-se de / entrar na cultura operária, descobri-la, por os seus limites, pecados e seus grandes valores. Isto exige uma solidariedade concreta com a situação e com os problemas concretos dos operários.

"... para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações / maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação". E.N. nº 19

"... O Evangelho, e consequentemente a Evangelização, não se identificam por certo com uma cultura, e são independentes em relação a todas as culturas. E, no entanto, o reino que o Evangelho anuncia é vivido por homens profundamente ligados a uma determinada cultura, e a edificação do reino não pode deixar de servir-se de elementos da cultura e das culturas humanas" E.N. nº 20

Testemunhos:

" No bairro, todos podem atuar, até um ri e ou um político do local de serviço é limitado a uma classe, é diferente do povão. Do serviço o operário recebe tudo, e ali, só pode trabalhar operário. Ele não depende do bairro".

" Na PO se discute de meus problemas, que são os dos meus companheiros e que tentamos resolver no dia a dia".

" Não é a Igreja que começou a fazer o negócio, (= a olhar a situação operária), são os operários que sentiam as injustiças nas firmas".

1.2. Um testemunho de vida cristã dentro desta realidade.

" E esta Boa Nova há de ser proclamada, antes de mais, pelo testemunho. Suponhamos um cristão ou punhado de cristãos que, no seio da / comunidade humana em que vivem, manifestam a sua «capacidade de compreensão e de acolhimento, a sua comunhão da vida e de destino / com os demais, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é nobre e bom. Assim, eles irradiam, dum modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes, e sua esperança em qualquer coisa que não se vê e não seria capaz de imaginar. Por força deste testemunho sem palavras, estes cristãos fazem aflorar no coração daqueles que os vêem viver, perguntas indeclináveis: Por que é que eles são assim? Por que é que eles vivem daquela maneira? O que é - ou quem é- que os inspira? Por que é que eles estão conosco?"

(E.N. 21)

Testemunho:

"A gente fazia estas coisas - lutava contra as injustiças - mas a gente não sabia, antes de participar da Pastoral Operária (PO), que isso era cristão e agradava a Deus. Pois, para exigir justiça tinha que lutar um pouco contra os patrões. A gente batia a boca / contra o patrão no serviço; no domingo, indo à Igreja, eu achava que tinha feito pecado, porque tinha desobedecido às ordens do / patrão. A gente era brabo, mas, afinal, exigia só os direitos da / gente. Fazia estas coisas, deixava de fazer... não sabia se agradava a Deus"

1.3. Uma palavra explicativa sobre o Cristo em forma adequada.

"... a Boa Nova proclamada pelo testemunho da vida deverá, mais tarde ou mais cedo, ser proclamada pela palavra da vida. Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida as promessas, o reino, o mistério de Hesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados. (E.N. nº 22)

Testemunho:

"Estou neste trabalho porque a Igreja entrou, não para manobrar mas dizer o "SIM", "isto é bom", o que vocês estão fazendo".

2: NESTE PROCESSO, o lugar imprescindível da "PASTORAL OPERÁRIA"

Ao serviço desta Evangelização, existe um processo pastoral particular que pode ter o nome de PASTORAL OPERÁRIA e que visa a:

2.1. * tornar o cristão operário consciente de sua própria realidade.

* e, esta própria realidade se torna para ele o lugar de salvação. Nesta realidade, na qual ele está lutando, é que vai viver a sua participação na construção do Reino de Deus.

"Incentivando-se a pastoral no mundo do trabalho pela criação de grupos de formação de lideranças, a fim de que, educados nos princípios do Evangelho, com o auxílio do método ver-julgar-agir, possam inspirar a transformação da problemática social reinante e nortear a convivência humana nas / comunidades a respeito das questões econômico-sociais. Na / ação evangelizadora, descubram-se, em espírito de solidariedade, os seus valores autenticamente humanos e cristãos, sem violar o processo de sua caminhada histórica, cuja definição e desenvolvimento é da competência dos próprios trabalhadores." (Subsídios p/Puebla CNBB nº 110)

Testemunhos:

"A PO é uma organização para conhecer o sofrimento do povo ir ao encontro do povo operário que tem sido marginalizado pela própria Igreja".

"A PO procura atingir, ver os problemas do operário, ajuda a fazer alguma coisa a luz do Evangelho (faz o troço seguro), se defender. Ajuda a ligar estas lutas com o Evangelho, que o pessoal sabe, por outro lado, mas nunca ligou (com estas lutas).

"O plano dos jovens da JOC se identifica com a vida da gente, pega os objetivos, as aspirações reais dos jovens e ajuda também a descobrir as aspirações da gente".

2.2. * ajudar a tornar o olhar e o fazer do cristão operário, dentro desta realidade, mais evangélica.

Se trata de uma adesão a um programa de vida. Este programa de vida há de ser evangelizado como reza o nº 8 de E.N. :

"Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo, transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade... a Igreja evangeliza quando unicamente firmada na potência divina da mensagem que proclama, ela procura converter ao mesmo tempo, a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhes são próprios". E.N. nº 18

" Testemunho:

"Eu estou preocupado de melhorar não só o meu lado, mas, sim, o lado de todos os outros meus companheiros de serviço. Estou, eu, nas dificuldades, mas os outros estão talvez com mais dificuldades ainda. Não sei se o meu Cristo não é mais universal, não sei ? "

Afinal, isto consiste a ajudar a descobrir, pela FÉ, a presença de Deus na história do Movimento Operário e na suas profundas aspirações.

- 2.3. * ajudar o nascimento e crescimento da IGREJA dentro desta realidade. De uma certa maneira, pode-se aplicar à Pastoral Operária a observação seguinte de " Evangelii Nuntiandi":

"Assim, aqueles cuja vida se transformou ingressam, portanto, numa comunidade que também ela própria é sinal de transformação e sinal da novidade de vida: é a Igreja, sacramento visível da salvação." E.N. nº 23

Testemunho:

"A PO ajuda a lidar estas lutas com o Evangelho, que o pessoal sabe, por outro lado, mas nunca ligou (com estas lutas).

PARECE QUE, SE NÃO TIVER ESTE PROCESSO PASTORAL ESPECÍFICO, A REALIDADE OPERÁRIA FICA ENGOLIDA NA REALIDADE POPULAR E DEIXA DE SER EVANGELIZADA.

CONCLUSÕES:

- * Mais de que nunca o MUNDO OPERÁRIO, como tal, tem que ser evangelizado com as distinções necessárias:
 - entre MUNDO OPERÁRIO e MUNDO TRABALHADOR
 - entre CULTURA POPULAR e CULTURA OPERÁRIA,
- * Os operários que estão metidos no Mundo Operário é que devem assumir a PASTORAL OPERÁRIA. São eles os próprios agentes da Pastoral Operária lhes cabe missão de viver a Fé neste conjunto de ações, de valores, que representa o Movimento Operário, no qual eles estão convidados a a se comprometer cada vez mais.
- * Diante do processo de industrialização galopante da maioria das cidades do Brasil, se torna urgente a PASTORAL OPERÁRIA com embasamento / científico que corresponde à realidade vivida pelos operários.
- * Tentamos ver o por quê. Fica, agora, mais fácil de ver o como, as pistas concretas para uma Pastoral Operária. Mas isto é outro assunto! Tal vez seja permitida uma sugestão para ajudar a arrumar pistas concretas: já tem pessoas cristãs (e grupos) engajados neste processo, há muito / tempo. A experiência deles pode ser de grande proveito.

Referências: E.N. Nºs: 18, 19, 20, 21, 22, 22, 23 .Ver Nºs 58, 70.

SEDOC, out. 76 p. 268

Subsídios para o Encontro-seminário sobre Pastoral Operária organizada pelo Setor Leigos - Linha I da CNBB.

E.S/Sul Quadra 801 Conjunto "B"

70.000 Brasília D.F.

e. Par. Qpc
R. 54

P. O.

A

ENCONTRO DE CASAIS OPERÁRIOS

A família operária, sua vivência da fê, seus compromissos na luta, suas dificuldades, o relacionamento dentro do lar, etc... vem sendo ponto de preocupação da Po. Nacional. Na nossa Assembléia surgiu a necessidade de se organizar um encontro de casais operários engajados. Conseguimos realizar agora no final de julho em S. Miguel Paulista, bairro de São Paulo (SP).

Como foi este encontro?

O encontro realizou-se nos dias 27 e 28 de julho. Estavam presentes 22 casais vindos de vários estados do Brasil, assim distribuídos: 6 casais de SP; 4 de MG; 3 do PR; 3 do RJ; 2 do ES; 1 de SC; 1 de AL. Foram dois dias de intensa convivência fraterna-familiar. Contamos com a assessoria do Pe. Dagoberto Boim (CNBB); Pe. Agostinho Pretto (CPO-Nac.) e Pe. Miguel, de São João de Meriti, RJ.

Iniciamos o encontro por volta das 9 horas da manhã do sábado, 27, com a apresentação do grupo: um casal apresentava o outro depois de alguns minutos de conversa.

Daí, partiu-se para os grupos. Primeiramente, grupos de mulheres e homens, em separado, para cada um se sentir mais à vontade e fazer um melhor levantamento de seus problemas. Nestes grupos, foram levantados basicamente as dificuldades enfrentadas pela família operária onde os cônjuges são engajados no movimento social.

O resultado foi apresentado em plenário em forma de representação teatral. Os companheiros e companheiras mostraram-se bastante criativos, e, na encenação, o conteúdo do que foi discutido nos grupos apareceu muito bem.

Vimos, assim, que a militância, quando não leva em conta a família, traz problemas profundos no relacionamento marido-mulher-filhos e vizinhos. A luta do militante fora do lar neste caso traz dificuldades sérias como: o desgaste pessoal, desgaste matrimonial, frustrações dentro da família, falta de diálogo entre os casais, falta de tempo disponível para os filhos, falta de participação do militante nas questões familiares e no trabalho doméstico, deixando uma sobrecarga para as esposas, etc. Tudo isto traz dificuldades para o próprio engajamento, correndo o risco de desvincular, definitivamente família e engajamento.

Esses problemas não contecem sã por causa da militância. Eles são o resultado de uma sociedade que é machista e que não favorece o crescimento das pessoas. Na sociedade de hoje os casamentos não são baseados no diálogo, não têm a preocupação de que o homem e a mulher cresçam como pessoas, ajudando-se mutuamente.

Depois desse plenário, voltamos novamente aos grupos para reavaliar o exposto. A reflexão nesses grupos foi também muito rica. Durante o plenário que se seguiu, chegamos a conclusão de que a primeira militância deve ser dentro do lar, pois, queremos construir uma nova sociedade onde a família não esteja desmoronada, mas seja uma célula viva de ternura e fortaleza desta sociedade. Onde comecê desde já a nascer o Homem Novo. O militante, às vezes, coloca seus engajamentos acima das necessidades de sua família; querendo abraçar o mundo todo e não é capaz de dizer não, de se colocar limites.

Dentro disso os assessores (Pe. Agostinho, Pe. Boim e Pe. Miguel) deram valiosas contribuições. Sem interferir no andamento das discussões e problemas levantados, auxiliando, mostrando pistas e os estrangulamentos das questões levantadas: como o militante pode, vivendo a pressão da sociedade capitalista, manter uma linha onde a dureza de sua luta e engajamento não acabe com a ternura necessária à vida familiar? Que militância devemos despertar em nossos filhos, dentro de nossos lares? Como os problemas dos medos (pressão social, desemprego, violência, perseguição, etc.) podem ser vencidos, levando-se em conta a nossa fê e a realidade operária?

Já ao entardecer do sábado, organizou-se grupos de casais de acordo com o interesse em volta dessas questões. Cada grupo refletiu sobre

um questionamento: Militância Libertadora, a questão do diálogo em família, e a questão dos medos e educação dos filhos. O resultado dessas reflexões em grupo não foram colocados em plenário, o que depois avaliou-se, foi uma perda.

A noite vimos slides sobre o problema ecológico da região de Santos e Cubatão. Depois, a turma se divertiu dançando e brincando. Foi ótimo o momento de lazer onde os casais recordavam os "velhos" tempos...

Iniciamos o domingo. Foi um dia de espiritualidade. As 8:30 hs. celebramos a Palavra de Deus com as leituras próprias daquele domingo. Esta palavra Eterna nos guiou o dia todo. O encontro com esta Palavra é que fez reencontrarmos-nos através do diálogo a dois (marido-mulher). Fizemos duas horas de deserto em que cada casal ficou a sós, buscando dialogar sobre as raízes de seu amor. O deserto de que precisávamos e, há tanto tempo esperado. Conversamos sobre nós mesmos, nosso lar, nossa vida, nossos filhos, nossos anseios, nossas dificuldades, nossos ideais, nossas decepções e nossa grande vontade de acertar. Neste deserto não houve interferência do telefone, nem da agenda de reuniões, nem do correio, nem dos companheiros, nem os filhos, nem dos vizinhos. Ficamos a sós com a presença nossa e de Deus. Muitas coisas acertamos, muitos compromissos tomamos com nosso lar. Foi um momento forte de reconciliação com a gente mesmo.

Às 11 horas, retomamos a celebração eucarística. Colocamo-nos na presença de todos os irmãos e de nosso Deus para partilhar nossa reconciliação, e louvar em Ação de Graças no Pão e Vinho, Corpo e Sangue de Cristo. Muitos falaram da importância daquele momento em que nos uníamos à toda a Igreja Universal para o partir do pão. Falamos de nossa luta e da luta de outros companheiros como (Miguel D'Escoto, Santos Dias, Margarida da Silva, os posseiros, os bônias frias, os operários em luta). Falamos da nossa vida, nosso lar e nossos filhos que ficaram. Falamos da disposição com que chegamos ao encontro ou da dureza do coração com que viemos. Pedimos perdão pelas falhas todas e, principalmente, no acolher as necessidades do nosso companheiro e companheira e dos nossos filhos. Louvamos pelos dons e graças recebidos um na companhia do outro; pelo testemunho que cada casal foi um para o outro, pela alegria com que nos encontramos.

Após a celebração e o almoço fizemos nossa avaliação.

Todos acharam positivo o encontro e deram sugestões. De um modo geral, o Encontro de Casais foi um acontecimento que veio complementar nosso trabalho na PO. Como foi o primeiro, aconteceram algumas falhas normais e justificáveis. Mas, o ponto-pê inicial foi dado. Além disso, o Encontro, como um todo, questionou os esquemas tradicionais. Muito importante foi a consciência a que se chegou do engajamento da família como família cristã dentro dos compromissos cristãos.

- 1) Notamos, conforme nos disse D. Angélico Sândalo, cuja visita ao encontro foi muito fecunda, que este encontro abriu caminho para a descoberta de dinâmicas próprias para Pastoral da família operária. Como experiência isto é um grande enriquecimento para a Igreja no Brasil.
- 2) Outro ponto acentuado foi a presença da mulher na família operária. Em muitas situações difíceis que a família vive por causa da militância, ela é a força que aguenta firme. Ela procura superar junto com o marido, os problemas que enfrentam. Também notamos uma presença cada vez maior da mulher na militância, crescendo como pessoa e se dedicando à construção de uma nova sociedade. É necessário dar maior espaço a esta questão nos próximos encontros.

Ao lado de tudo isto, a atuação dos assessores foi de capital importância. Eles atuaram de maneira discreta, sem se imporem e interferirem; apenas abrindo caminho e dando pistas ajudando o grupo a avançar mais.

Sugestões Propostas:

- 1) Este tipo de encontro deve ser realizado nos estados e nos regionais.
- 2) Deve haver encontros dos casais que participaram deste encontro, que continuem a reflexão iniciada.

- 3) Aprofundar mais as questões da família. Que tipo de educação devemos dar aos filhos, para que tipo de família estamos preparando nossos filhos?
- 4) Devemos explicar para nossos filhos a causa da nossa militância (a construção do Reino, da Nova Sociedade). Por isso ter a preocupação constante com as crianças e adolescentes. Promover encontros da família (encontros onde os filhos coloquem suas questões para os pais).
- 5) Devemos aprofundar a questão do sentido do casamento. Dentro disso: pensar na preparação dos militantes para o casamento.

Às 16 horas do domingo terminamos o encontro. O sucesso deveu-se, sem sombra de dúvida, ao interesse demonstrado pelos participantes, sua força de vontade, sua compreensão e espírito alegre.

COMISSÃO NACIONAL DE PASTORAL OPERÁRIA
R. Mariano S. Santos, 44 - Sala 501
Duque de Caxias - RJ
CEP: 25.000

ASPECTO IGREJA

A Comissão de Pastoral Operária durante o ano de 1981 como linha de trabalho e de Igreja, assumiu os grandes temas e conflitos que atingem diretamente a classe trabalhadora.

Defesa da terra e de moradia pelo uso social do solo urbano contra a especulação imobiliária, combatendo a desumanização das cidades. Operários cristãos engajados, padres, religiosos, bispos, advogados e outros comprometidos com a causa através do serviço pastoral realizaram diversas experiências neste sentido, resistindo às desapropriações e assegurando o direito de viver. O direito à urbanização, água, esgoto, luz e o direito à Associação, são aspectos das lutas diárias da Pastoral Operária.

A pastoral nas favelas, nas periferias das grandes cidades e nos bairros mais pobres pela legalização do terreno vivem conflitos permanentes. Toma-se a Pastoral Operária cada dia mais conflitiva pela lógica de sua ação libertadora em confronto com o poder policial, que só vê subversão e comunismo.

A Pastoral Operária de Joinville e outras cidades, para diferenciar as realidades sociais e atingir mais diretamente o problema, chegou a criar a Pastoral do Mangue, que reúne terras de Marinha.

Defesa dos Migrantes, seu direito ao trabalho, alimentação, saúde, escola e moradia. Contra o êxodo rural provocado pela ganância dos grandes grupos econômicos, os latifundiários, as autoridades insensíveis.

Os conflitos de terra, as prisões, as mortes, as posições de posseiros, de padres e bispos e da Igreja do Brasil-CNEB, têm ajudado a Pastoral Operária a se manter aberta sobre o problema do trabalhador do campo.

É um passo novo que a Pastoral Operária vem introduzindo nas suas reuniões e reflexões, o problema do trabalhador do campo crescendo na visão de que o trabalhador urbano migrante não é nada mais do que um problema de roubo da terra para uma miséria de cidade. Os conflitos de Ronda Alta (RS), dos posseiros e padres do Pará, da Paraíba e da seca do Nordeste e outros, muito concorreram neste sentido. As posições da CNEB, da CPT e do Cimi em muito enriqueceram a consciência dos militantes de Pastoral Operária para a descoberta do problema global.

A Pastoral Operária na linha dos documentos da Igreja assumiu a defesa dos direitos dos trabalhadores cada vez mais violados pelo regime.

O uso da terra para a produção e o bem comum, em defesa da propriedade familiar, contra a especulação fundiária, a concentração de terras, as grilagens, os abusos de toda sorte praticados contra os agricultores.

Em defesa da saúde do povo, contra as doenças sociais, as carências do sistema sanitário, os confinamentos de certos doentes e a falta de caridade das pessoas em relação aos seus semelhantes.

Em defesa de uma ordem social mais justa, contra as explorações econômicas e a dominação política. Condenando o capitalismo e o comunismo como regimes ingratos, de pecado social e abrindo perspectivas para a busca de uma sociedade comunitária justa e fraterna.

Em defesa da liberdade política, da livre opção.

Em defesa da liberdade do trabalhador, da dignidade humana na relações de trabalho. Por uma nova organização dessas relações - *Laborem Exercens* - carta encíclica do Papa. Opção preferencial pelos pobres.

Os discursos do Papa no Brasil também dão uma série de orientações para o trabalho pastoral no meio operário, no campo, nas favelas, etc

POSIÇÕES DAS DIOCESES

Em defesa da liberdade sindical, do direito de greve, da autonomia política dos trabalhadores, da liberdade de organização dos trabalhadores. Particularmente, diocese de Santo André, CNEB. Em geral, arquidiocese e dioceses em S. Paulo. Várias outras dioceses no Brasil, período 1979-1980

Em defesa dos trabalhadores da terra, várias dioceses no Brasil - Amazonas, Araguaia, Tocantins, Acre-Purus, Carajás, Itaipu, Ronda Alta, Alto Uruguaí, Mato Grosso, Paraíba,

São Francisco (Juazeiro), Pernambuco, Norte de Minas, Estado do Rio, Nova Iguaçu, Itaguaí.

PRÁTICAS

1. Solidariedade social:

- . greves (Fiat, ABC, etc)
- . violências da polícia contra camponeses
- . agressões policiais contra a população das periferias
- . eleições sindicais participando e denunciando corrupções e visando a construção de um novo sindicalismo pela base.

A CONCLAT na maioria dos Estados foi para a Pastoral Operária um desafio para o estudo dos documentos de Monlevade, S. Bernardo e Vitória e um posicionamento político na construção de uma classe operária consciente e organizada.

Criação de Comitês Contra Desemprego, criação de feiras comunitárias, aproximando a militância do campo com a carestia da cidade.

2. Celebrações

Em todas as cidades onde existe a Pastoral Operária foram feitas celebrações, onde se buscou viver de maneira mais forte o mistério da paixão e da ressurreição, reavivando a esperança. Marcou muito no Rio, o ato ecumênico rezando com os grevistas da FIAT

3. Seminários de Estudos sobre Fé e Política, foi um dos temas assumidos pela Pastoral, respondendo a questionamentos de Fé e Vida, Fé e Engajamento, buscando crescer e viver sua identidade cristã.

Dioceses e Bispos. Com algumas exceções a Pastoral Operária vem encontrando receptividade de parte das Dioceses e seus respectivos bispos que se manifestam através de cartas e pedidos verbais para incrementar o crescimento ou nascimento desta pastoral que venha responder a problemática das cidades que escandalosamente transformam de um mês para outro, em barracos, favelas ou bairros populares marginalizados.

5 Encontros. Em plano nacional:

A Comissão se reuniu 7 vezes onde buscou avançar, intercambiar experiências e publicar boletins, num esforço de criar a consciência nacional e de Igreja.

Uma vez por semana, às quartas-feiras, a pequena Equipe Executiva, com D. Waldyr se reuniu em Volta Redonda, onde se encontra o Secretariado Nacional, para, através de uma mínima e estrutura, responder aos crescentes desafios.

Em plano regional foram realizados encontros em Sta Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Fortaleza, Piauí, Amazonas

Realizaram-se encontros interestaduais em Curitiba, reunindo - Rio G. do Sul, Paraná, Sta Catarina e S. Paulo. Temas: Capitalismo no Campo, Industrialização e Igreja

Um pequeno encontro - Estado do Rio e Minas no início do ano.

Um encontro em Fortaleza, denominada "Nordestão e Norte" abrangendo desde a Bahia a Manaus com a ausência do Pará e Maranhão.

6 Intercâmbios

Atendendo a convites buscou-se intensificar intercâmbios entre as mesmas pastorais operárias, participando em encontros que se realizavam nas diferentes cidades ou dioceses, bem como contatos com trabalhadores, com agentes de pastoral, com paróquias, com bispos, etc.

Realizaram-se visitas como a de D. Cláudio Hummes a Manaus, Santarém, Belém. De trabalhadores que foram com o objetivo de uma melhor articulação. De padres engajados na Pastoral Operária que foram levar experiências; encontros de outros padres ou religiosos.

Releva notar que cresce o número de padres, religiosos e seminaristas que buscam se informar e atuar no meio operário.

Há um esforço e já existem boas experiências de militantes e agentes de Pastoral Operária que entram em relacionamento com CPT, através dos múltiplos conflitos de terra, CEBs, Movimento Negro, ACO, JOC, ACR e vice-versa.

Pastoral Operária e outras organizações:

Amigos de Bairro, Clubes de Mães, Domésticas, Sindicatos, Partidos, etc., enriquecem a Pastoral

Dificuldades

De um lado crescem os problemas da classe - desemprego, repressão patronal e policial, de outro lado, contradições internas que geram um desânimo e desconfiança, tensão e descrédito.

A falta de um conhecimento mais amplo da história da Igreja, de sua missão, da história do povo de Deus e do projeto de Deus, leva os militantes sem muita consciência, a uma visão pobre da história da salvação e da Igreja no seu todo.

SUBSÍDIOS PARA FORMAÇÃO POLÍTICA

COMISSÃO NACIONAL DE PASTORAL OPERÁRIA

INTRODUÇÃO:

Nos dias 5 e 6 de dezembro de 1981, reuniu-se a COMISSÃO A M P L I A D A DA PASTORAL OPERÁRIA DO BRASIL, no Rio de Janeiro, para fazer uma avaliação dos trabalhos em 1981, e traçar algumas pistas de atuação para 1982, nas diversas áreas: Sindical, Político-Econômica e Eclesial.

Na área política ficou planejado que a CPO iria fornecer subsídios e elaborar uma cartilha de formação política.

Achamos que será mais rico o trabalho se contar com a contribuição das bases. Sendo assim, hoje estamos enviando a você o primeiro subsídio feito. Ele deve ser lido, acrescentado, enfim, trabalhado por todos para que seja o fruto da experiência do maior número, e não apenas uma pequena equipe. O resultado da reflexão dos grupos deve ser enviado a:

SECRETARIADO DA CPO
Caixa Postal 84.366
27 180 - VOLTA REDONDA - RJ

Este 1º subsídio faz parte de um processo. Vamos elaborar juntos os subsídios para a nossa formação política. Daqui a 2 meses será enviado um 2º subsídio, mas aí já acrescentado da contribuição das bases.

Contando com a participação de todos e esperando contribuir para o andamento do processo da nossa formação política,

A COMISSÃO.

OBS.: Não nos é possível mandar maior número de cópias. Se necessário, sugerimos que vocês multipliquem aí mesma

Se alguém te perguntar:

Onde você mora? Qual é a sua família? Qual é o time que você torce? Onde você trabalha?

Isso você responde sem muito esforço. Até conhece bem a sua profissão, sabe como usar as ferramentas, fazer peças, construir, e se orgulha disso.

Mas se te perguntarem: *Por que o desemprego, a inflação, o pacote da Previdência, custo de vida, condenação de sindicalistas? O que você sabe sobre isso? Será que você responde que isso é coisa do governo, da política? O que você entende sobre isso então? Será que você é um dos tantos que passam pela vida sempre recebendo ordens, "Se ferrando", sendo desempregado, sem saber o por que disso, sem ver o que a política tem a ver com a sua vida, a de sua família, do seu trabalho?*

O pior é que muitas vezes vêm uns que falam de um jeito, outros já falam o contrário sobre o mesmo assunto e você fica confundido, sem saber qual qual é o certo, não é? *Mas como descobrir?*

Parece que o jeito mais fácil e seguro é você olhar para o dia a dia de sua vida e comparar com a dos ricos: donos de fábricas, bancos, grandes comerciantes: dos que estão no governo e que falam muito.

Sua vida deve ser mais ou menos assim: Levantar de madrugada, tomar um cafézinho rápido, correr para tomar o ônibus que já vêm lotado. Cuidar para não chegar nem um pouquinho atrasado, porque pode perder o domingo e até o emprego. No local de trabalho já existe uma grande fila de gente procurando emprego. O trabalho começa duro. Cada vez mais é preciso aumentar a produção. Os encarregados e puxa-sacos sempre de olho. E você só trabalhando e recebendo ordens, sendo xingado. Até prá ir ao banheiro tem que ser na hora marcada. O dia passa devagar e lá pela noitinha volta prá casa. A condução cheia. Em casa não tem mais coragem prá nada. Senta junto da mulher e dos filhos (os que ainda não foram dormir), e vê o final da novela das ' 8 '. No dia seguinte, a mesma coisa. Passam os dias e os meses. Entra ano, sai ano, a mesma dureza de sempre, e sempre fica a esperança da melhora que nunca acontece. Essa esperança que você traz desde que saiu da sua terrinha. Essa esperança de dar uma vida melhor para os seus filhos.

Agora, você sabe como vivem os ricos, os donos das fábricas, dos bancos, das grandes casas de comércio? Daqueles que estão no governo? Será que eles tem os seus problemas, os mesmos interesses? Será que a vida deles é igual à sua?

Prá começar moram em grandes mansões, andam em carrões, vão a grandes jantares, usam roupas de luxo. Até na TV aparece como eles vivem. *Por que essa diferença? Será que eles são mais gente que você? Onde e como eles conseguem tudo isso, toda essa riqueza?*

Algum de seus amigos já deve ter dito - " O negócio é trabalhar, que a gente chega lá ". *Mas você por acaso não trabalha, ou será que o rico trabalha mais que você?*

Você também já deve ter ouvido alguém falar: " Que seria de nós pobres se não fossem os ricos ? *Será mesmo que os ricos são os benfeitores e sem eles ninguém conseguiria viver? Ou será bem ao contrário?*

Para ter a resposta é preciso que você entenda COMO FUNCIONA ESSA NOSSA SOCIEDADE , quer dizer, esse mundão de gente vivendo na mesma cidade, estado. Mas as pessoas que vivem nesta sociedade, assim como você, não vivem de ar. Precisam comer, vestir-se, condução, onde morar, lazer.... mas essas coisas não caem do céu. Elas precisam ser produzidas. E quem produz de fato, são os operários através de seu trabalho. Imagine se todos os operários, resolvessem parar: os motoristas, os padeiros, os metalúrgicos, os bancários, o pessoal da água e da luz... Seria um Deus nos acuda. Então a vida na sociedade depende dos trabalhadores. Imagine também *se os Patrões resolvessem não trabalhar, o que aconteceria? NADA .*

Agora o " engraçado " da história é que os trabalhadores iguais a você, que produzem tudo, não desfrutam do seu produto, quem leva quase tudo e desfruta são os ricos, os patrões. Quer um exemplo mais claro?

- Os que trabalham numa fábrica de automóveis, e produzem muito, cada dia, raramente podem ter um carro, e muitos são os que passam até fome.

- Os trabalhadores da Construção Civil, construindo Mansões, Metrô, Shopping Center, Grandes Edifícios Luxuosos, muitas vezes moram em barracos , nas favelas, porque não conseguem construir a sua casinha.

Mas como pode acontecer uma coisa assim, já que os trabalhadores são a maioria?

É, mas não basta ser maioria. Se não tiver consciência da força que tem, da classe a que pertence, e do que a outra classe faz, de nada adianta ser maioria. Um exemplo disto:

Certamente você já viu num filme, ou talvez até já trabalhou no ramo, de Vaqueiro. Você sabe que 2 ou 3 vaqueiros conseguem levar 200 ou mais bois para o matadouro. Mas 1 ou 2 bois, pela força que possuem, podiam botar os vaqueiros prá correr. Isto se tivessem ao menos um pouco de consciência de sua força, para onde estão sendo levados, e o que vai lhes acontecer. Mas como não tem consciência, os 200 ou mais são facilmente conduzidos e terminam sendo mortos, pensando que estavam indo passear. Coisa parecida acontece com os trabalhadores. Os Patrões sabem o que querem, por isso se apoderaram das ferramentas de conduzir os trabalhadores, para que estes não oponham muita resistência, como os vaqueiros fazem com os bois . Esta Ferramenta chama-se **POLÍTICA**. Política não diz respeito só aos Deputados, Senadores, Vereadores e outros que discutem tantas vezes sobre tantos assuntos, muitas coisas completamente separados dos interesses dos trabalhadores, mas é o poder de DIRIGIR a Sociedade. É ter o poder de decidir sobre:

- Os meios de produção
- A Economia
- Os meios de Comunicação, para divulgar os meios que lhe interes-

Sam.

- As Forças Armadas (Polícia)

É o Poder de fazer Leis e ter um jeito, mesmo que pela força das Armas, de que as Leis sejam cumpridas.

Mas alguém poderia dizer: "Numa sociedade precisa ter Leis, e elas são iguais para todos". *Será que são mesmo?*

Basta você ver QUEM FAZ AS LEIS. Os trabalhadores não são nem consultados. Como nem as Leis nem os Lucros caem do céu como a chuva, OS PATRÕES FAZEM AS LEIS PARA poder mais facilmente CONTROLAR OS TRABALHADORES E SE APODERAR DO QUE FOI PRODUZIDO: Por isso é que os trabalhadores mesmo sendo a grande maioria da população cumpre o que uma pequena minoria manda. - Não que devemos estar contra as Leis porque uma sociedade não subsiste sem elas, mas é importante saber que AS LEIS SÃO FEITAS PARA DEFENDER OS INTERESSES DA CLASSE. Até agora a MAIORIA DAS LEIS SERVE AOS PATRÕES, porque estes estão mais organizados e estão impondo os seus interesses sobre os trabalhadores.

Por exemplo: Quando os trabalhadores entram em greve, porque já não dá mais, existe UMA LEI chamada "ANTI-GREVE". Ora, *será que os trabalhadores queriam uma Lei assim?* A consequência disso é que logo a greve é julgada, condenada. Vem o Ministro do Trabalho, e diz que a greve é ILEGAL. Aí a polícia vem e "baixa o cacete", intervem o Sindicato, tiram a diretoria eleita pelos trabalhadores e logo é enquadrada na LSN (Lei de Segurança Nacional).

PARA MANTER OS SEUS LUCROS, OS PATRÕES USAM DE TUDO. Assim é que ao 1º sinal de crise, DESEMPREGAM MUITOS TRABALHADORES, ABAIXAM O SALÁRIO DE OUTROS, E AUMENTAM O PREÇO DOS PRODUTOS. TUDO LEGALMENTE. Basta ver que os Bancos, mesmo nesta crise, tiveram um lucro de 320%. Como os Bancos não produzem nada e o lucro é gerado pela produção, *de onde será que eles arrancam todo esse lucro?*

Outro exemplo ainda é o Pacote da Previdência, onde até aposentado agora vai pagar, mesmo recebendo uma mixaria.

Isto e muito mais, é o que a CLASSE DOS PATRÕES FAZ, USANDO DESTA FERRAMENTA QUE SE CHAMA POLÍTICA.

Más o que muitos trabalhadores pensam da POLÍTICA? A resposta apareceu numa entrevista feita pela TV:

- Eu, nada.
- Na eleição a gente vota em quem dá mais coisas.
- Comigo não, Política nem quero saber.
- Voto em quem faz mais propaganda.
- Olha, o meu negócio é trabalhar. Política é pra quem tem dinheiro, gente estudada. Eles sabem o que é melhor para nós.

- Mulher, Futebol, Religião e Política a gente não discute. Cada um tem a sua opinião

E você como é que pensa? Acha que do jeito que está, melhor não poderia ficar, ou é como tantos que dizem por aí: "O negócio é cada um cuidar de si", e que pobre só melhora de vida se ganhar na loteria?

Assim você joga toda semana, sempre na esperança de ganhar, mas até agora tudo não passou de uma ilusão, que só fez você gastar mais do seu dinheiro. A SAÍDA É VOCÊ TER A CONSCIÊNCIA QUE PERTENCE A UMA CLASSE. A CLASSE DOS EXPLORADOS, DOS TRABALHADORES. Que os interesses dos trabalhadores não são os mesmos que dos Patrões, e que por isso é preciso fortalecer todas as organizações dos trabalhadores:

- SINDICATO
- PARTIDO

É preciso ter claro que o seu "TIME", não é o mesmo dos Patrões. E um "time" só ganha o jogo, se todos os seus jogadores estiverem de um só lado, isto é, COM O MESMO OBJETIVO. Se dos 11, 5 ou 6 estiverem jogando contra, é claro que não dá pra ganhar. Quem ganha é o inimigo. Com os trabalhadores acontece isto porque muitos não têm consciência de sua Classe, isto é, DO SEU "TIME" e terminam jogando para os Patrões, que sabem muito bem em que time jogam. Mesmo que você não jogue contra, mas fique parado, de -sinteressado, ou pedindo que o Patrão faça Gol pra você, termina por ajudar o time inimigo. Exemplo de jogar contra, aconteceu numa inauguração de uma grande obra, em que compareceram os representantes do governo: O presidente, o governador, o prefeito e uma turma de políticos que os apoiam. Os trabalhadores que construíram aquela grande obra, estavam na platéia, assistindo a inauguração. Tinham dado um duro danado, recebendo um salário baixo, foram muitas vezes humilhados. Então o dono da obra, e as "autoridades" fazem um discurso e sem terem colocado ao menos um tijolo, dizem - "Eu fiz a obra ..." Muitos dos trabalhadores presentes, batem palmas e dizem - "Muito bem ..." E pra finalizar, os políticos pedem votos, dizendo que estão do lado dos trabalhadores. Assim, muitos dos trabalhadores, terminam jogando contra o seu time. sem saber.

E você, sabe pra que time joga? Está jogando do lado certo?

É claro que você sabe, pela experiência, que não é só votando no Partido e no candidato certo que está tudo resolvido. É certo que ajuda, e pode até ajudar bastante. O QUE RESOLVE MESMO É QUE TODOS OS TRABALHADORES TENHAM CONSCIÊNCIA DE SUA CLASSE E LUTEM EM TODAS AS ORGANIZAÇÕES, NA DEFESA DOS INTERESSES DA CLASSE. Somente assim os trabalhadores terão o PODER DE USAR DA FERRAMENTA POLÍTICA, para a felicidade de todos, porque EXISTIRÁ A JUSTA DISTRIBUIÇÃO DE TUDO AQUILO QUE É PRODUZIDO PELO TRABALHO DE TODOS.

pastoral el.
C. P. 02
P. 022

PASTORAL POPULAR E POLÍTICA PARTIDÁRIA

RICARDO GALLETÀ

O objetivo das reflexões que se seguem não é obviamente, esgotar o assunto em pauta. Embora contenha 3 partes, só a segunda e a terceira são desenvolvidas. É que as potencialidades presentes na pastoral popular referentes ao engajamento político já foram bastante expostas e analisadas em vários textos. Em função disso, dedicamo-nos a levantar com mais detalhe as dificuldades ou obstáculos ao engajamento político-partidário que encontram-se na pastoral popular. Cabe esclarecer que não os consideramos todavia determinantes, nem generalizáveis. Variam de intensidade conforme os diversos setores e áreas. Quanto à terceira parte, a concebemos como um primeiro levantamento, essencialmente provisório, sobre os fatores que determinam as diversas opções partidárias dos militantes da pastoral popular, na conjuntura concreta da reconstrução partidária no Brasil, no período 1979-82.

Cabe observar ainda que Pastoral Popular nesse texto abrange as comunidades eclesiais de base (CEBs), a Pastoral Operária (PO), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), bem como entidades menos disseminadas, como a Ação Católica Operária (ACO), a Juventude Operária Católica (JOC) etc.

Finalmente, devemos assinalar que esse texto foi elaborado sob o clima eleitoral no Estado de São Paulo, o que certamente (e inevitavelmente) imprimiu-lhe um certo viés. Pretendemos reformular sua análise a partir de uma pesquisa (nos diversos estados brasileiros) que estamos iniciando, visando a elaboração de uma dissertação de mestrado.

1. POTENCIALIDADES

Todo o dinamismo da Pastoral Popular vai no sentido de um engajamento concreto "a partir da opção pelos pobres pela libertação integral do homem para crescente participação e comunhão visando a construção de uma sociedade fraterna, anunciando assim o Reino definitivo" (objetivo geral da CEB).

- A motivação presente nos participantes da Pastoral Popular leva-os, a partir da reflexão da Palavra de Deus confrontada com a realidade, a se engajarem no movimento popular (reivindicatório), no movimento operário, na luta pela terra etc. (1).

O engajamento em qualquer uma dessas frentes, quando se desenvolve e aprofunda, leva necessariamente a um confronto com o Estado burguês autoritário vigente, o que coloca na ordem do dia a questão como um meio de conquistar o Poder e proceder a reorganização geral da sociedade (2).

Não vamos desenvolver aqui este ponto dada a abundância da literatura existente (3).

2. DIFICULDADES:

Apesar de toda potencialidade vista, há sinais evidentes de obstáculos ao engajamento partidário dos membros da Pastoral Popular. A seguir apontamos, de forma provisória e não sistematizada, algumas dificuldades percebidas.

2.1. Aspecto "psicológico-institucional"

Por mais avançada politicamente que esteja a pastoral popular, a coordenação e direção geral permanecem, em última instância, na mão de padres e religiosos. Essa é uma limitação da instituição Igreja.

Quando o eixo dinâmico transborda do intra-ecclesial para o movimento popular e operário, a situação se modifica, mas não radicalmente. Padres e religiosos continuam a ter uma participação ativa na organização e apoio aos movimentos reivindicatórios urbanos, na luta pela terra, nas oposições sindicais etc. Parece que um fator de peso aí é a própria debilidade em termos de infra estrutura material desses movimentos os quais precisam, portanto, utilizar salas, papel, mimeógrafo, telefones etc pertencentes à Igreja. A falta também de elementos liberados nesses movimentos leva-os a se utilizarem, na prática, dos recursos humanos liberados pela Igreja (padres, religiosos). Em consequência, estes indivíduos sentem-se à vontade em tais movimentos, atenuando-se possíveis conflitos oriundos de dinâmicas distintas (movimento popular X Igreja).

Tal situação modifica-se radicalmente quando se entra no campo partidário, sobre o qual paira uma interdição absoluta à participação de padres e religiosos. Tal proibição parte tanto da hierarquia eclesiástica quanto do mando secular, receoso de novo clericalismo. Em consequência, padres e religiosos ficam afastados a priori de funções de destaque nos partidos políticos, o que, consciente ou inconscientemente, leva-os a não darem a ênfase devida (aceita em teoria) à participação partidária. (3-A). Esta situação particular vai "adubar" as demais dificuldades apontadas mais à frente. Ou seja, elaboram-se-ão argumentos sofisticados para embasar as reticências à militância partidária.

Um caso particular (dentro do campo do movimento operário-popular) a se refletir seria o de sindicatos conquistados por oposições sindicais compostas majoritariamente por elementos "de Igreja". O sindicato é uma outra instituição, com recursos materiais (sede, dinheiro etc) e humanos disponíveis (diretoria liberada). Além disso tem uma ligação institucional com o Estado e uma problemática específica de grande densidade. Esse conjunto de fatores tenderia a criar uma divergência bem maior com a Igreja, na medida em que imprime uma dinâmica própria,

separada da esfera eclesial. Contudo, mesmo nesse caso, estaria ausente o básico na questão do partido: a "concorrência ideológica", como se verá no item seguinte.

2.2. "Concorrência Igreja-Partido"

Há um 1º nível, prático, muito evidente. É a disputa pelo tempo dos elementos, principalmente dos líderes. Reuniões e tarefas não faltam e o Partido "rouba" tempo antes dedicado a atividades intra-eclesiais. Isso ocorre também na relação Mov. Pop. X Igreja, não sendo exclusivo do partido.

Em um 2º nível, há uma questão mais profunda; que poderia ser formulada provocativamente assim: "Qual é o instrumento central da Salvação/Libertação: a Igreja ou o Partido? O que está em jogo não é só a questão prática, exterior, do tempo cronológico, dedicado a cada esfera. Trata-se aqui do lado "ideológico", interior: aparentemente o Partido passa, em muitos casos, a ser o depositário do "entusiasmo" do militante. Em outras palavras, há uma concorrência "ideológica", que fica mais compreensível quando comparamos a questão do partido com a do sindicato.

Apesar de todo o entusiasmo e energia dispendido por militantes cristãos no movimento operário, isto não entrava em conflito maior com a Igreja (popular). Isso era sempre visto como a presença dos militantes cristãos no movimento sindical. Esqueratilizando: era alguém da Igreja no Sindicato e não o contrário.

Já no caso do Partido, dado ser uma instituição com uma função globalizadora, com uma proposta geral, abrangente, de transformação da sociedade e do mundo, surge a insegurança da Igreja: - fulano será um militante da Igreja no Partido, ou ao contrário, um militante do Partido na Igreja? (Não é possível desfazer esse quiproquô, pois já há literatura sobre isso) (4).

2.3. Basismo

OS. Esse item e os seguintes estão intimamente ligados. São os desmembramentos para evidenciar os vários ângulos de uma mesma posição de fundo.

O basismo (idolatria de base) cria dificuldades também no movimento operário popular, principalmente quando se atinge a etapa das articulações gerais.

Já o Partido é, por natureza, algo nacional desde o início, e tem que possuir, portanto, cúpulas a nível nacional e estadual, que inevitavelmente terão uma certa dose de "cupulismo", ou melhor, em certo grau parecerão pairar sobre as bases.

Para isso, concorre o fato de que o partido tem que ter em conta fatores e circunstâncias históricas e políticas que escapam ao controle e até mesmo, às vezes, da compreensão das bases. (ex. prazos e exigências legais para legalização do partido). A política global (esfera do partido), envolve uma complexidade bem maior do que a implicada no movimento oper-popular(4-A).

2.4. Espontaneísmo / "Anarquismo"

Partindo de uma crítica correta ao procedimento autoritário, de cima pra baixo, exterior à classe etc (5) de maioria esmagadora dos partidos de esquerda ou populistas, esta visão descamba para rejeitar qualquer tipo de partido, considerando-o disponível e mesmo prejudicial à libertação do povo. Implícitamente está a visão de que tão somente o fortalecimento do movi.op.pop.(MOP) levará à transformação social. Tal postura não é explicitada em geral, mas está implícita e de modo difuso em vários setores da pastoral popular.

Essa visão tem uma formulação variante, que é a de atuar em partidos, mas relativizando-os radicalmente. Emergam-nos apenas como um espaço a mais de atuação, e não como uma peça central no processo. (6) Nesse sentido, não seria essencialmente diferente atuar no PMDB, PT ou outro partido.

2.5. Purismo/ A-historicismo (7)

"Quem quiser apostar numa coisa pura, está apostando fora da história" (Paulo Freire) 8

A atitude purista se caracteriza por se arrepisar diante de fatos e circunstâncias que, a seu ver, vão "manchar" o partido inaculado com que sonham. Em função disso, declaram-se escandalizados e se retiram da luta. Isso está ligado a uma visão a-histórica, dentro da qual o processo histórico não é entendido na sua dialética própria, na sua característica de possuir tempos fortes ("kairós") (9), momentos de ruptura, de saltos qualitativos, de oportunidades que não voltam mais. Ao contrário, nessa visão ingênua, a história é vista linearmente. O "verdadeiro partido" seria uma construção paulatina, à margem e independente totalmente da conjuntura (ex: reformulação partidária atual). Chega-se a afirmações como essa: "Não há condições de construir o partido agora. Vamos deixar isso para daqui a alguns anos"(10)

Há que se reconhecer que há um problema real levantado aí: "Como resolver a contradição entre trabalho a longo prazo e função política imediata?"(11) Todavia, esta contradição é "resolvida" pela visão a-histórica com a supressão de um dos termos (o imediato) Ela está presa a um raciocínio idealista: achar que o quadro político pudesse ficar constante enquanto o MOP cresce e amadurece. Na verdade a reestruturação da dominação é também uma resposta ao crescimento do MOP (12).

2-6- Sectarismo

Outro obstáculo à participação partidária é o sectarismo decorrente de uma absolutização das organizações de base da Igreja, vistas como a expressão autêntica do povo. Em consequência, todos os demais grupos e tendências políticas são vistos a priori como estranhos ao povo e dominadores(13), caindo numa visão maniqueísta, que a carreta na prática atitudes de recusa em entrar no partido político porque dentro dele atuam tendências políticas organizadas, ou, se entrando, recusa em chegar a trabalhos conjuntos e acordos táticos com essas correntes.

2-7- Obreirismo

Trata-se de uma tendência a absolutizar o operário (ou o trabalhador braçal em geral) enquanto o único apto a participar do processo de transformação. É um erro nada raro nos meios da pastoral popular(PP). Uma compreensão científica dos processos sociais indica, sem dúvida, o papel fundamental da classe operária na superação da sociedade capitalista. Entretanto, o obreirismo tem um significado bem diferente. Primeiro, não parte de um estudo do funcionamento da sociedade capitalista, nem da análise dos setores sociais com maior potencial revolucionário (o que, na análise clássica, excluía vários segmentos do sub-proletariado). O privilégio das camadas mais pobres, mais simples, mais sofridas, assenta-se numa atitude mais emocional do que racional. A "opção pelos pobres" é entendida muitas vezes de maneira simplista, ingênua (e não crítica), chegando-se às vezes ao extremo de dar mais importância a viver como os pobres do que a lutar contra a pobreza (ou seja, lutar contra o sistema que causa a pobreza) (14). Em segundo lugar, pela ótica obreirista, as pessoas que não são trabalhadores braçais não "merecem" participar das organizações populares e, por extensão, o partido deveria ser composto unicamente por estes. Em consequência, resistem os obreiristas em participar de um partido em que haja uma presença significativa de "não-operários". Cabe observar que os obreiristas mais afoitos são exatamente os que não eram operários e que se tornaram assim por uma opção política.

2.8. Terceirismo

É a velha tentação do "partido cristão" que reaparece: uma nova terceira via, desta vez de esquerda" (15). Na sua forma pura, não tem muita força, pelo próprio descrédito da democracia-cristã. Mas ressurge na forma de grupo político (atuante dentro do partido oficial) que se afirmaria enquanto "grupo de Igreja". É uma postura com resquícios de cristandade e que é intrinsecamente excludente, pernicioso, portanto, para uma participação partidária séria e consistente. Isso não invalida o direito que tem qualquer grupo com afinidade política de se reunir e articular para melhor defender suas idéias políticas dentro do conjunto partidário. Essa é, na verdade, uma questão complexa que terá que ser retomada e aprofundada em outro momento.

3. OPÇÕES PARTIDÁRIAS

3.1. Porque a maioria das lideranças da pastoral popular optou pelo PP?

1) Postura "classista": por ser um partido dos trabalhadores, em oposição à classe dos capitalistas. A reflexão política anterior na PP já partia do esquema opressor x oprimido (16). Na realidade brasileira atual, isso se concretiza em capitalistas versus trabalhadores. Poderia ser argumentado, inclusive, que essa é uma colocação simplista, dada a complexidade da formação social brasileira (17) e a conjuntura atual (que exigiria, segundo algumas posições, uma frente anti-ditatorial).

Contudo, não cabe aqui nesse texto entrar na análise de qual posição seria correta. Importa reter que a práxis da PP era centrada na "autonomia de classe" (18) e daí advinha o critério de "opção pelas classes populares" que rejeita o "pretensão ecumenismo de classes" (19).

2) Partido construído "de baixo para cima": os núcleos de base

Salta aos olhos o paralelo entre comunidades de base e núcleos de base. Como a porta de entrada e a unidade básica do PP são os núcleos, os militantes da PP sentem-se aí "à vontade". Observe-se aliás que muitos núcleos do PP surgiram baseados fundamentalmente nas pessoas da CEB daquele local.

Aprofundando além do aspecto formal a ênfase na necessidade de qualquer instituição ser sua dinâmica "de baixo para cima", é um dos postulados mais firmemente enraizados e ardorosamente defendidos pelo pessoal da PP. Não é por acaso que, mesmo dentro do PP, são acusados de "basistas". Seria interessante investigar as causas de tal ênfase à base. Uma das causas principais deve ser a reação à própria estrutura da Igreja, vertical, autoritária, elitista, monárquica, onde as decisões são feitas sempre "de cima para baixo" (20). O crescimento e fortalecimento da PP passou (e passa) sempre por um apelo à "base popular" como sua justificação última. O confronto de sua "opção pelos pobres" com uma hierarquia muitas vezes adversa, parece levar, necessariamente, a centrar sua legitimidade não a partir de qualquer privilégio, mas sim, ao contrário, na abolição de todos os privilégios, numa postura democrática radical, de respeito ao processo de "baixo para cima". Se na prática da PP isso não se concretiza de forma tão bela e pura, são outros quinhentos. De qualquer forma, é razoável admitir que uma "nova" prática política se desenvolveu tendo como eixo essa intuição fundamental.

Poderíamos elencar vários aspectos desta "nova" prática:

- Democracia direta
- Anti-autoritarismo
- Redução máxima da manipulação

- Recuperação e valorização da cultura popular
- Responsabilização das bases
- Antidogmatismo
- Pluralismo (21)

3) Presença mínima de "políticos profissionais" (parlamentares):

As pessoas da PP sempre tiveram uma ojeriza pelos políticos profissionais, que parecem ser a própria encarnação da "velha" política, da "politicagem" (22). Sua presença diminuta serviu para desarmar as prevenções existentes. Lembre-se que o núcleo central dos fundadores do PT não são "políticos" e sim os novos sindicalistas.

4) O PT veio ao encontro de uma necessidade que já estava sendo sentida:

Verer uma expressão ao nível político dos movimentos populares(23) mantendo porém o respeito à autonomia das organizações populares de base(24).

A respeito, há vários relatórios dos Encontros Intereclesiais anteriores ao surgimento do PT que evidenciam a percepção crescente da necessidade do Partido(25).

5) Recusa ao padrão tradicional dos partidos de esquerda

Vários setores e grupos da PP sofreram experiências de contato com organizações e partidos de esquerda, sendo a maior parte daquelas negativas e muitas mesmo traumatizantes. Em decorrência foi se formando um julgamento severo dos seus erros, sistematizados por Frei Betto em quatro equívocos: elitismo, golpismo, cientificismo e centralismo (26).

Portanto, o PT surge aos olhos dos militantes da PP não só como alternativa ao PMDB etc(oposição legal), mas também como alternativa histórica aos vários agrupamentos clandestinos de esquerda que se reivindicam partidos da classe trabalhadora (PCB, PC do B etc).

3.2. Porque houve lideranças que optaram pelo PMDB?

Embora a relativa homogeneidade "ideológica" presente na PP e o caráter majoritário da opção pelo PT(quando optaram por um partido), é de se perguntar o que explicaria as "exceções" à "regra".

Obviamente é difícil generalizar uma resposta, porém tentaremos levantar alguns fatores responsáveis.

1) Uma primeira explicação seria a peculiaridade local/ regional: lugares de baixo desenvolvimento econômico, social e político, onde o PSD é muito forte, e que ser do PSD já é ser subversivo e, portanto, não haveria espaço para o surgimento do PT. Seria o caso de cidades pequenas em geral e do interior do Nordeste em particular.

Sem dúvida, tal constatação explica parte da realidade, todavia deve ser relativizada na medida em que encontramos a opção forte pelo PT em regiões que se enquadra nesses casos: Acre, Piauí, Maranhão, Goiás, parte do Pará etc. Ressalta-se que estamos falando de opção partidária do pessoal da pastoral popular e não da opção eleitoral da massa em geral.

2) Um segundo fator seria o fato de nos Estados/cidades onde houve opção pelo PSD pelos elementos da pastoral popular, tal partido teria uma atuação mais "à esquerda" do que em geral. Seria tipicamente o caso de Pernambuco. Tal explicação parece ter peso porfm há pelo menos um caso que o contraria: o Acre. Lá apesar da "Frente Popular" do PSD, que tinha inclusive grande influência nas CEBs e apesar de um ex-padre, de grande liderança ainda, ter optado pelo PSD (foi candidato inclusive), a maioria das lideranças optou pelo PT.

3) Um terceiro ponto a tratar é complementar do segundo. Seria o fato do PT se iniciado e ficado sob o controle de grupos sectários em vários lugares compostos em grande parte de estudantes e intelectuais desligados da base popular. Isso evidentemente deve ter pesado em muitos casos, ainda mais quando se recorda as dificuldades que os elementos da PP têm em enfrentar situações desse tipo. Além de jogar muitos "aos braços" do PSD, tal problema deve ter levado vários a não se engajarem em nenhum partido.

4) Um quarto ponto a considerar é o raciocínio do voto útil. Houve casos em que isso só se refletiu na opção eleitoral e não na partidária propriamente. Exemplo:

Sintoma evidente disso é o fato do PT ter tido número de votos inferior ao número de filiados em diversos estados do país (por ex. a Paraíba). Entretanto, a posição antecipada do voto útil deve ter influenciado muitos da pastoral popular já no momento da construção partidária, apesar de grande simpatia pelo PT.

5) Um quinto fator, consiste no seguinte: em vários lugares, elementos da Pastoral Popular (ou ela no seu conjunto) foram levados à opção pelo PSD em razão da influência político-ideológica de organizações de esquerda que haviam feito esta opção. Essa influência concretizava-se através da presença de militantes dessas organizações dentro da própria pastoral popular ou no movimento popular interligado a ela. Isso explicaria como se chegou a opções partidárias incoerentes com toda a caminhada da PP, incoerentes com a ideologia subjacente à própria dinâmica da pastoral popular.

Essa influência não implicou necessariamente em golpes, manobra, manipulação

(embora isso tenha ocorrido em alguns casos). Ocorre que já havia uma influência prévia na formação da visão política da realidade brasileira. Exemplificando: nos encontros de formação política já se dava ênfase à luta contra a ditadura, contra os latifúndios e as multinacionais. Conseqüentemente, deduzia-se a necessidade de uma frente ou aliança com outras classes (burguesia nacional etc). Na hora da reformulação partidária, a opção coerente com essa visão era evidentemente o PEB.

3.3- Porque diversas lideranças da Pastoral Populjar não aderiram ao PT e nem a nenhum partido?

Isso decorre, fundamentalmente, a nosso ver, dos obstáculos (de ordem ideológica) à militância partidária que já fizemos referências em tópico anterior (nº1). São fatores internos, decorrentes dos desvios próprios da "ideologia" presente na P.P. Explicando melhor, quando a valorização da base degenera em basismo, quando o respeito à vontade do povo descebe para o espontaneísmo, quando a compreensão do papel estratégico da classe operária se degrada em obreirismo, enfim, quando a patologia se manifesta, é aberto o caminho para a opção de não engajamento partidário. É claro que não estamos aqui enquadrando nessa regra geral casos particulares de diversas pessoas que, por contingências específicas, optaram por não se engajarem pessoalmente.

Há que lembrar ainda a possibilidade de opções por nenhum partido terem sido influenciadas também por organizações de esquerda próximas à P.P. Contudo parece-nos que esse não foi um elemento decisivo na maior parte dos casos. O mesmo poderia ser dito com relação à opção pelo PT.

NOTAS

1- Frei Betto - O que são as Comunidades Eclesiais de Base. Coleção Primeiros Passos, Brasiliense, SP, 1981

Ver também os relatórios dos encontros intereclesiais das CEBs: em SELOC: maio/75, out-novembro/76, jan-fevereiro/79, setembro/81.

2- Frei Betto - Prática Pastoral e Prática Política: em Rev Encontros com a Civilização Brasileira nº21, março 80, p 6 (obs-a numeração das páginas é da edição mimeografada).

3- Ver os textos e livros de Frei Betto, Leonardo Boff, Clodovis Boff, Luis Alberto Gomes de Souza, Luis Gonzaga de Souza Lima, Carlos Mesters etc.

3-A- Souza, Luis Alberto Gomes, A Igreja e as classes populares na marcha da história, Vozes, Petrópolis, 1982, p.252

4- FREI BETTO, Prática...., p.4 a 6 e p 18 a 20

4-A- SOUZA, Luis A.G., op. cit p.253

5- FREI BETTO: "Educação nas Classes Populares", em Encontros com a Civilização Brasileira nº13.1979, pgs.166-168

SOUZA, LAG, op. cit. p.253

6- FRENTE NACIONAL DO TRABALHO, Partidos Políticos, jan/80, p.34-35

7- FREI BETTO, Prática...., p.21

BOFF, Clodovis e BOFF, Leonardo, "Comunidade cristã e política partidária" em Encontros com a Civilização Brasileira nº3, 1978

SOUZA, LAG, op. cit.p.253

8- FREIRE, Paulo, em entrevista à Revista Proposta nº16, pg.9

9- CONSLIN, J. A Maior Esperança, Vozes, Petrópolis, 1970, p.66

DUSSEL, E, "Dominação-Libertação: um discurso teológico diferente" em Revista Concilium 96, nºX, 1974/6, p.752

10-Colocação feita por um agente de pastoral de Campinas-SP

11-LIMA, Luis Gonzaga Souza, "Comunidades Eclesiais de Base e Organização Política: Notas" em Revista Vozes, jun-julho/80, p.77

12-Idem, ibidem

13-ABRAMOVAY, R., "Cristãos e Marxistas: pontos para um diálogo" em Revista Proposta nº16

FREI BETTO, Prática...., pag

14-FREI BETTO, Da Prática da Pastoral Popular (mimeo), pg 10(publicado posteriormente em Encontros com a Civilização Brasileira nº2, agosto/78)

15-SOUZA, LAG, op cit, pg 253

16-LIMA, LGS, op cit, pg71

17- idem, pg.72

18- idem, pg.80

19- FREI BETTO, "Educação...", pg.27

20- O Papa tem poder absoluto sobre os bispos, que controlam os padres, que têm a autoridade sobre os leigos. Nenhuma insatisfação, por maior que seja, do nível inferior tem capacidade de modificar uma decisão "de cima", muito menos de retirar o superior do seu posto.

21- LDMA, LGS, op. cit, pg.80

A propósito, ver também: FREI BETTO, "Prática....", pgs.26 e ss e "Educação..." pgs 169-173

22- FREI BETTO, idem, pg.21

23- LDMA, LGS, op cit, pg.71

24- FREI BETTO, idem, pgs 19 e 28

25- Ver, especialmente, o relatório do Encontro de João Pessoa(SEIOC,out/78), onde se fala, por exemplo, que é preciso "pensar num partido do povo", que dê cobertura aos "trabalhadores do campo e da cidade"(pg.441)

26- FREI BETTO, "Educação...", pgs.166-168

HISTÓRIA DA PASTORAL OPERÁRIA NACIONAL E PROGRAMA DE FÉRIAS

Duque de Caxias, 07 de maio de 1985.

Prezado Companheiro,

Mais uma vez a gente está aqui, trazendo através desta carta nosso abraço de irmão e companheiro.

A gente espera que por aí tudo esteja em paz, dentro da luta contínua pelo crescimento do Reino de Deus que a gente tanto sonha!

Os dias têm sido de muita intensidade para o movimento operário, como vocês devem estar acompanhando.

Às vezes a gente tem aqui no secretariado, a consciência muito nítida das limitações nossas enquanto Pastoral Operária diante de todos esses fatos... como tem sido nossa presença na base dessas lutas? Qual tem sido nossa presença a nível nacional, junto à imprensa, à Igreja, à opinião pública. A gente tenta fazer o que pode, fica "dando não em pingo d'água", mas percebe a distância entre o desejo e a realidade... Mas vamos lá, o importante é não parar!

Desta vez a gente vem fazer três sugestões (sem querer incomodar muito(!!!))

1) A primeira é quanto à História da Pastoral Operária:

O tempo vai passando, a PO vai crescendo, fazendo história de vida. Estamos presentes em 18 estados, mais de uma centena de cidades e muita luta já foi levada. Há o risco de, daqui há pouco, toda essa história cair nas penumbras, sem documentação mais organizada, mais fiel à realidade.

Hoje mesmo já temos dificuldades, por exemplo, em precisar onde, como, de que jeito e com quem começou esse "negócio" de PO... Então, a gente sugere que comecemos a escrever nossa história. (Ao invés de encomendar o trabalho a algum especialista...)

A idéia seria a seguinte: em cada estado um companheiro se encarregaria de colher as informações dos demais companheiros e passaria para o papel estas informações (ou numa fita de gravador, se for o caso). Claro que não é preciso se descer a todos os detalhes. Mas um texto ou fala gravada que dê bem a idéia de como começou, com quem, quando, os desafios, as dificuldades, as vitórias, os fracassos... Se isso puder ser recheado com narrativas de fatos bem concretos, é melhor!

Pronto o material, os companheiros deveriam enviar para o Secretariado, e a gente trataria de montar uma equipe que cuidaria de organizar o conjunto do material e editar em texto com nossa história até os dias de hoje.

Claro que isso só vai sair se houver interesse dos companheiros e efetiva participação.

Está lançada a idéia, ficamos no aguardo de suas sugestões!

2) A outra sugestão diz respeito ao uso de nossas férias para enriquecer o intercâmbio entre grupos e companheiros da Pastoral Operária.

Claro que a maioria de nós tem tirado poucas férias e quando tem umas "ferinhas" aproveita é pra ajeitar o barraco, o terreno, etc. (porque precisa fazer isso e porque pra viajar não se tem "tempo"!).

Pensamos que, racionalizando um pouco as coisas, poderíamos montar um esquema nos seguintes moldes:

Digamos que um gaúcho (daqueles "papudos" como o Mário, por exemplo!) tem lá suas férias na "gata". Sobrou pouca grana pra muito esbanjamento, mas dá pelo menos pra se pagar um ônibus digamos até São Paulo ou Vitória. O Mario falaria com a gente aqui no Secretariado, a gente discutiria com o pessoal de São Paulo ou Vitória, ajeitaria a casa de alguns militantes nestas cidades de modo que o Mário pudesse passar lá uma semana, ele, a "vêinha" e os barrigudinhos... A presença do companheiro, além do aspecto de lazer, poderia ser ocasião de um intercâmbio, troca de experiências, enriquecimentos gerais...

A mesma coisa no nordeste, onde o Edvaldo (de Camaçari, Bahia) quisesse dar um pulo nas férias em Alagoas, ou Pernambuco, ou Paraíba, ou pra qualquer estado do centro ou sul!

Enfim, a hospedagem não é muito problema. Arranja-se. A viagem seria o mais caro; mas, dependendo do interesse inclusive da região que recebe, poderia-se mesmo tentar discutir uma ajuda financeira.

O Secretariado funcionaria como elo de ligação e dando até um eventual apoio... e estaria nascendo a "P.O.tur", né!

Isso é um balão de ensaio, que a gente joga para os companheiros e aguarda sugestões, opiniões, etc.

3) ENCONTRO DA FAMÍLIA OPERÁRIA:

Como é que é, pessoal da Comissão Nacional, estamos esperando as sugestões dos regionais para a gente montar o tal encontro de casais.

Prá quem não sabe, a COMISSÃO NACIONAL discutiu uma proposta da executiva que seria a montagem de um encontro sobre a questão da FAMÍLIA OPERÁRIA (ou de casais engajados na Pastoral Operária).

A comissão contestou -com razão- o critério sugerido pela executiva de se montar esse encontro com 40 casais, distribuindo-se as vagas por Estado, segundo o maior ou menor volume de trabalho da PO.

O pessoal achou melhor que os companheiros das regiões consultas sem as bases e vissem o real interesse pelo encontro e dissessem para o Secretariado a opinião da turma.

Até agora só o Dari (Paraná) ligou, dizendo a opinião do pessoal de lá, que é muito favorável.

A gente espera a manifestação imediata dos demais e a partir disso montar o encontro.

Vamos nos manifestar aí, peãozada! Se as "atividades" "mui revolucionárias" impedirem que se sente prá escrever, pegue esse negócio chama do telefone e dê uma conversada com a gente aqui, mesmo que seja a cobrar. .. não podemos deixar a peteca cair!

Um abraço prá todos e até breve, seu Deus quiser!

O pessoal do Secretariado.

B. P. O. P. D. S. S.

Blanca P. Operária

P.O.

C I R C U L A R Nº02/85

Duque de Caxias, 06 de maio de 1985.

ASSUNTO: ROMARIA DOS TRABALHADORES A APARECIDA DO NORTE

Prezados Companheiros:

Como deve ser do conhecimento de todos, nos dias 16 a 21 de julho próximos, teremos em APARECIDA DO NORTE-SP, a realização do XI CONGRESSO EUCHARÍSTICO NACIONAL.

O tema deste congresso é "PÃO PARA QUEM TEM FOME", dentro do TEMA GERAL que é o MAGNIFICAT, o projeto de Deus, cantado por Maria.

Um Congresso Eucarístico é um tempo forte de celebração, em que o Povo de Deus é convidado para uma revisão de sua caminhada, de libertação. Esta revisão e celebração ocorrem em torno da Eucaristia, que ao mesmo tempo atualiza a presença do Cristo no meio de seu povo e é sinal da PARTILHA a que todo cristão é desafiado no seu dia a dia e em sua luta.

Os congressos Eucarísticos no Brasil, (já foram realizados 10) tem sido ponto de grandes concentrações e são marcados por um período de preparação, que aprofunda seu sentido.

O povo tem uma grande sensibilidade para este tipo de evento, bem como para as romarias que se realizam num sem-número de santuários por esse País a fora.

Na Pastoral Operária nós temos refletido sobre essa questão. Hoje temos consciência de que a evangelização não pode prescindir dos valores da religiosidade popular, tão próprias de nosso povo.

É a partir desses valores, que podemos caminhar numa perspectiva libertadora, já presente em muitos aspectos desta religiosidade.

Além disso, temos a convicção de que o Papel de Maria na história bíblica e de todo povo de Deus é de fundamental importância, como exemplo, de servidora, de gratuidade e amor a seu Deus e seu Povo; se há desvios, se há utilizações, é preciso que recuperemos o verdadeiro sentido desta devoção popular a Nossa Senhora; e Aparecida do Norte, quer queiramos ou não é um centro de peregrinação dos mais importantes do País, tendo sido inclusive consagrado como Santuário Nacional.

É preciso colocar Nossa Senhora Aparecida e toda ligação do povo com esta devoção na perspectiva de caminhada do Povo de Deus e da classe trabalhadora que neste País busca uma nova sociedade.

Por isso, pensamos que o Congresso Eucarístico Nacional não poderia passar despercebido por nós.

Fomos a Aparecida do Norte e em contato com a direção do Congresso, propusemos a idéia de um espaço para os trabalhadores durante o Congresso.

De nossos entendimentos, surgiu a proposta concreta de um ROMARIA DE TRABALHADORES, que seria realizada no dia 21 de julho, domingo, dia do encerramento do Congresso Eucarístico Nacional.

Nesse dia é esperada uma massa de 500.000 mil pessoas em Aparecida.

Nós partiríamos em ônibus organizados de nossas comunidades, grupos ou dioceses, nos concentraríamos na madrugada do dia 21 na esplanada defronte à Basílica, num local previamente reservado e devidamente sinalizado.

Alí faríamos a manifestação dos trabalhadores e participaríamos de uma missa às 8 horas da manhã; durante o restante do dia, participaríamos com toda a massa do encerramento do congresso.

A Comissão Executiva está entrando em contato com diversos serviços e movimentos de Igreja que tem relação com trabalhadores, para viabilizar esta proposta.

Estamos comunicando também às dioceses esta iniciativa (A CNBB através de sua direção já foi comunicada), pedindo empenho dos senhores bispos nesta manifestação.

Um evento desta natureza só tem sentido se for preparado e discutido desde as bases. Para isso estamos elaborando um roteiro de reflexão e uma oração básica dos trabalhadores em pergrinação. Em breve enviaremos este material.

QUESTÕES PRÁTICAS:

- Em Aparecida solicitaram-nos que até o final de maio nós fornecêssemos o número aproximado de trabalhadores que nós mobilizaríamos e o número de ônibus que faríamos chegar até lá.

- Mesmo sabendo que estamos em cima da hora, seria importante os companheiros nos escreverem e nos informarem até o final de maio sobre o número aproximado, possível, de trabalhadores que seriam mobilizados.

- Em Aparecida é praticamente impossível conseguir-se alojamento num dia como estes. A proposta é de que cada delegação viaje durante a noite de sábado (20 para 21), retornando na tarde do próprio domingo, trazendo inclusive, seu lanche.

- Quanto à divulgação e convocação, é preciso ficar claro que não se trata de uma ROMARIA PARA TRABALHADORES APENAS LIGADOS À PASTORAL OPERÁRIA, mas para todos os trabalhadores cristãos interessados.

Desta forma sugerimos que em cada estado se procure divulgar ao máximo essa iniciativa, segundo a criatividade de cada grupo ou comissão. É importante utilizar os espaços da imprensa, a própria estrutura dos boletins diocesanos ou paroquiais, os panfletos, murais de fábricas, etc.

Pensamos que esta será uma forma inclusive de DIVULGAR no meio do conjunto dos trabalhadores o que é a Pastoral Operária e o serviço que ela presta.

- Nós compreendemos que essa romaria vai ser mais acessível aos Estados mais próximos, onde inclusive as romarias já são uma tradição do povo. Mas nada impede que de Estados mais distantes os companheiros enviem representação. Se houver disposição de vir alguém, poderemos discutir a questão financeira.

Quanto à questão financeira dos estados mais próximos, é claro que deve ser discutida em cada local, utilizando as iniciativas que a criatividade popular já tem desenvolvido (promoções, rifas, etc). A PO Nacional não teria condições de contribuir neste aspecto.

- É importante que os companheiros discutam com os companheiros da base sugestões para músicas, manifestos, faixas, cartazes, textos e contribuições para a celebração. Assim que surgirem contribuições, enviem para que a gente possa socializar com os demais estados.

Para qualquer informação complementar, você pode ligar para o Secretariado, das 8 da manhã até às 17 horas. Tel.: 771-3459

Nosso grande abraço e a esperança de que os companheiros se manifestem o mais rapidamente possível.

COMISSÃO PASTORAL OPERÁRIA NACIONAL.

Duque de Caxias, 25 de outubro de 1985.

1.ª CIRCULAR - PRO CAMPANHA FINANCEIRA PELA BASE

A PASTORAL OPERÁRIA, já caminha para os seus dez anos de História.

Os passos que foram dados, já são uma prova de como a Pastoral Operária vai configurando sua presença nos bairros, nas fábricas, nos Sindicatos, nas Associações, na vida da Classe Operária e na vida das Comunidades Eclesiais.

A Pastoral Operária já se apresenta como um Serviço e um Serviço Educativo.

A partir dos fatos concretos e dos acontecimentos que atingem a vida dos trabalhadores, ela organiza, provoca mudanças, reflete à luz do Evangelho, propõe novas ações, novos passos.

Através desta Circular queremos propor a vocês militantes, dirigentes, agentes, sacerdotes, bispos, freiras, amigos, uma Campanha Financeira.

Uma Campanha que se integre na experiência militante de base.

Uma Campanha que contribua na organização da base militante.

Uma Campanha que crie uma consciência participativa.

Por que esta Campanha? A resposta é simples:

A Pastoral Operária se propõe este passo novo por diversas experiências.

- Experiência de muitas contribuições que o militante vem dando sem que isso obedeça a um plano comum.
- Experiências de campanhas que vêm sendo feitas sem que elas sejam consideradas e avaliadas em Assembléias: Caixa Comum, por exemplo.
- Contribuições de amigos da Pastoral Operária que, por falta de uma organização interna da mesma, ficam esquecidos nas comemorações e celebrações e no envio de subsídios.
- Um desafio que seja assumido coletivamente para que, progressivamente, a Pastoral Operária vá encontrando o seu auto-financiamento.

A PASTORAL OPERÁRIA CONVIDA VOCÊ PARA FAZER PARTE DA SUA CAMPANHA.

PROPOSTA Nº 1 (Remeter ao Secretariado Nacional da P.O.)

NOME.....

ENDEREÇO: RUA :::::::::::::::::::: Nº

BAIRRO.....CEP.....

CIDADE.....ESTADO

PERTENÇO A:

CONTRIBUO NESTE ANO DE 1986 COM _____ CRUZETROS.

Observação: Não se preocupe em mandar o dinheiro!

Um trabalhador militante cristão irá à sua casa para lhe fazer um relato das experiências, das dificuldades, do programa da Pastoral Operária, da vida dos trabalhadores. Nesta ocasião você também poderá contribuir para que a Pastoral seja cada vez mais Serviço e mais Evangelização.

Queremos criar com isso, uma grande rede de contatos pessoais. Nesta ocasião você dará sua contribuição.

PROPOSTA Nº 2

Por ocasião da Assembléia Nacional, criar a data da "Semana Nacional da Campanha", que consistirá em festejos, confraternizações, coletas, shows, promoções, rifas, gincanas, venda de artesanatos, almoços, celebrações, concursos, exposições, música, poesias, etc.

Isto vai proporcionar às comunidades uma ocasião de integração, de partilha, de desafio para assumir as lutas operárias que fazem parte determinante da opção preferencial pelos pobres e oprimidos. Esta será uma maneira de convidar toda a comunidade a assumir o grande processo da libertação dos explorados.

Propomos que o Seminário Sindical, nos dias 27 e 28 de novembro próximo, e a Assembléia Nacional da P.O., nos dias 30 de novembro e 1º de dezembro, sejam os acontecimentos de abertura e instauração da campanha Financeira.

Como?

- Que todos os participantes do Seminário Sindical e todos os delegados da Assembléia Nacional tragam coisas típicas de suas regiões: cuias, bombas, erva-mate, mel natural, bordados, rendas, artesanatos em couro e em cizal, cerâmica, renda labirinto, etc. O importante é organizarmos um grande bazar à disposição dos interessados. Com isso, fazemos a experiência do intercâmbio cultural, abrimos a Campanha Financeira e teremos elementos concretos da viabilidade da nossa proposta.

- Aproveite o pouco tempo que nos resta antes da Assembléia. Reuna artigos regionais, apresente os sinais de criatividade do povo, monte o grande bazar "cultural do Brasil", e a Pastoral Operária se beneficiará e fará o "ensaio-Campanha Financeira pela Base".

No dia 15 de novembro próximo, seguirá a 2ª Circular, já considerando as respostas amigas que nos chegarem.

Esta Circular é um primeiro "chute".

A Campanha só terá seu verdadeiro sentido se ela for montada a partir da sua contribuição.

Tome a iniciativa, contribua com a Pastoral Operária do Brasil, e responda esta Circular.

Sécretariado Nac. da Pastoral Operária.